



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

VALDELICE DA CONCEIÇÃO SANTOS

ENTRE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: narrativas do carnaval de São Félix-BA

Cachoeira-BA

2022

VALDELICE DA CONCEIÇÃO SANTOS

ENTRE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: narrativas do carnaval de São Félix-BA

Dissertação apresentada ao Programa de Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na linha de pesquisa Comunicação e Memória.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Abreu Matos

Cachoeira-BA

2022

S238e Santos. Valdelice da Conceição

Entre memórias e vivências: narrativas do carnaval de São Félix-BA./
Valdelice da Conceição Santos. Cachoeira, BA, 2023.
161f., il.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Abreu Matos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação - Mídias e Formatos Narrativos, Bahia, 2023.

1. Carnaval – São Félix (BA) – 1925-1975. 2. Carnaval – São Félix (BA) -
Memórias. 3. Festas Populares – Memória. I. Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 394.25098142

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

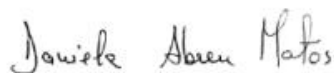
VALDELICE DA CONCEIÇÃO SANTOS

**ENTRE MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: NARRATIVAS DO CARNAVAL
DE SÃO FÉLIX-BA (1926-1975)**

Dissertação apresentada ao
programa de Mestrado em
Comunicação da UFRB, sob
orientação do Profa. Dra. Daniela
Abreu Matos.

Aprovada, 15 de dezembro de 2022.

Comissão Examinadora:



Profa. Dra. Daniela Abreu Matos
(UFRB – Orientadora)



Profa. Dra. Lilian Reichert Coelho
(UFSB – Examinadora Interna)



Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz Guerra Filho
(UFRB – Examinador Externo ao Programa)

Cachoeira-BA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Visto que a construção de qualquer pesquisa não é simples, pois exige dedicação de tempo, concentração, leituras e releituras, reflexões. Produzir esta dissertação não foi diferente, principalmente, por ter que enfrentar algo que não estava previsto na sociedade, que foi a pandemia do Covid-19. Então, foi um momento complexo e de adaptações ao formato de ensino virtual. E a todo tempo, Deus esteve comigo, dando força, sabedoria e estratégias para vencer os desafios. Então, meu imenso agradecimento a Ele.

Agradeço a minha família que soube compreender as minhas pequenas ausências em momentos de reunião, em particular a meus pais e a meus irmãos e sobrinhos.

Registro meu carinho e agradecimento pela paciência, dedicação, estímulos e amizade de minha orientadora e amiga, Daniela Matos.

Agradeço aos entrevistados que também são meus amigos, dona Terezinha, pró Gilselia e Raimundo (Marrom), pela boa vontade e confiança em abrir a sua casa e compartilhar histórias particulares.

Não posso deixar de agradecer aos meus professores do mestrado que muito contribuíram com indicações de leitura, reformulações de pensamento, além do conhecimento transmitido nas discussões teóricas das disciplinas.

Também agradeço ao professor de Jornalismo da UFRB, Péricles Diniz, que me cedeu, de bom grado, edições de jornal de seu arquivo pessoal para compor a minha pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de pós-graduação que compartilharam seus aprendizados e experiências, os quais me trouxeram inspirações para a construção da pesquisa. Em especial registro o nome de pessoas queridas que guardarei sempre no meu coração, Fernanda Barbosa, Leandro Queiroz e Priscilla Fraga.

Aqui também manifesto meu agradecimento aos grupos de pesquisa OrGPoP (Organizações, Gestão e Políticas Públicas) e COMUM (Comunicação, Mídia e Narrativa de Mudança Cultural), em especial Lys Maria Vinhaes, Doraliza Monteiro e Jussara Maia.

Agradeço às minhas amigas, Larissa Guimarães, Islane Silva e Janaiany Miranda pelo imenso carinho e pelos pequenos gestos diários, essenciais para que eu não desistisse e não me sentisse sozinha. Muitas vezes os encontros foram virtuais, mas foram divertidos e estimulantes.

Agradeço imensamente aos membros da banca examinadora pela disponibilidade em ler e avaliar este trabalho e pelas excelentes contribuições.

Por fim, agradeço a todos que cruzaram meu percurso acadêmico e minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa refere-se a um estudo sobre a memória do carnaval realizado entre os anos de 1925 e 1975, na cidade de São Félix, situada no Recôncavo da Bahia. A festa tem grande significado cultural para a cidade, porém as narrativas disponíveis sobre esse acontecimento são escassas. Durante o carnaval ocorreram benefícios sociais e culturais, uma vez que os participantes trocaram conhecimentos, sentimentos, histórias e culturas no mesmo espaço festivo, além de ter sido uma opção de descontração, de lazer e de reencontro familiar. Desse modo, buscou-se investigar de que forma as memórias sobre o carnaval de São Félix-BA, construídas por periódicos e por foliões, evidenciam características da cultura local a partir das práticas sociais. Tal estudo teve abordagem qualitativa com pesquisa documental e de campo, já o método interpretativo utilizado foi o exercício de uma análise cultural fundamentada nos princípios teóricos-metodológicos e políticos dos Estudos Culturais. Para a coleta de dados primários foram realizadas entrevistas narrativas com três foliões. Quanto aos dados secundários, narrativas jornalísticas, foram acessados a partir do acervo disponibilizado pelo Arquivo Público Municipal de São Félix. Dessa maneira, este trabalho evidenciou uma São Félix entrelaçada às múltiplas culturas e que acompanhava o movimento cultural e social de várias partes do país; e, também, de um povo criativo que criou estratégias de afirmação identitária e driblou preconceitos, utilizando-se de artes, de brincadeiras e de fantasias para recriar eventos e adentrar em espaços festivos. Além disso, mostrou que o carnaval foi um instrumento de sociabilidade, o qual proporcionou um intercâmbio cultural entre cidades vizinhas por meio das músicas, das danças, dos adereços, da linguagem e dos pequenos grupos culturais, fortalecendo, assim, laços identitários. Logo, a pesquisa trouxe reflexões sobre a importância da manifestação popular carnavalesca para a região do Recôncavo da Bahia, principalmente, para o município de São Félix, portanto, contribuindo para o debate acerca da cultura e da sociedade local.

Palavras-chave: Memória, Narrativas, Carnaval, São Félix.

ABSTRACT

This research refers to a study on the memory of carnival held between 1925 and 1975 in the city of São Félix, located in the Recôncavo of Bahia. The festival has great cultural significance for the city, but the narratives available about this event are scarce. During the carnival there were social and cultural benefits, since the participants exchanged knowledge, feelings, stories and cultures in the same festive space, besides being an option of relaxation, leisure and family reunion. Thus, we sought to investigate how the memories about the carnival of São Félix-BA, built by periodicals and revelers, show characteristics of local culture from social practices. This study had a qualitative approach with documentary and field research, while the interpretative method used was the exercise of a cultural analysis based on the theoretical-methodological and political principles of Cultural Studies. For the collection of primary data, narrative interviews were conducted with three revelers. As for secondary data, journalistic narratives, were accessed from the collection made available by the Arquivo Público Municipal of São Félix. Thus, this work showed a Saint Felix intertwined with multiple cultures and that accompanied the cultural and social movement of various parts of the country; and also a creative people who created strategies of identity affirmation and circumvented prejudices, using arts, games and costumes to recreate events and enter festive spaces. In addition, it showed that carnival was an instrument of sociability, which provided a cultural exchange between neighboring cities through music, dances, props, language and small cultural groups, thus strengthening identity ties. Thus, the research brought reflections on the importance of the carnival popular manifestation for the region of the Recôncavo of Bahia, especially for the city of São Félix, therefore, contributing to the debate about culture and local society.

Keywords: Memory, Narratives, Carnival, São Félix.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa visual da análise cultural	19
Figura 02: Navio Vapor de Cachoeira, no porto de Cachoeira	22
Figura 03: Armazém Providencial José Ramos de Almeida & Cia	24
Figura 04: Prédio do escritório das fábricas Dannemann, São Félix	25
Figura 05: Prédio com seções de empapelamento, almoxarifado e embalagem Dannemann	26
Figura 06: Filial Dannemann na cidade de Maragogipe	26
Figura 07: Filial da comunidade de Nagé, Maragogipe	27
Figura 08: Fábrica de Charutos Dannemann, atual prédio do INSS	28
Figura 09: Fachada da Fábrica Costa Penna, São Félix	29
Figura 10: Associados da Associação Atlética – São Félix	30
Figura 11: Clube Ferroviário	32
Figura 12: Clube Botafogo	32
Figura 13: Flamengo	33
Figura 14: Dois de Julho Futebol Clube	33
Figura 15: Floresta Futebol Clube	34
Figura 16: Cine Avenida, na déc. de 1940	35
Figura 17: Procissão de Deus Menino, 1957	37
Figura 18: Procissão de São Félix, 1935	38
Figura 19: Micareta nas ruas e nos clubes sanfelixtas	46
Figura 20: Público e bloco à fantasia juntos na micareta de 1980	47
Figura 21: Animada micareta de 1982 na orla da cidade	48
Figura 22: Centenas de foliões brincaram nas micaretas sanfelixtas	50
Figura 23: Mapa com as cidades do Recôncavo da Bahia	63
Figura 24: Bloco dos Caboclos	65
Figura 25: Trio elétrico Carbasa em Cruz das Almas	67
Figura 26: Trio elétrico Estrelar em Cruz das Almas	67
Figura 27: Bloco Tangas em Folia	71
Figura 28: Bloco Fraga e Folia no carnaval de São Félix	72
Figura 29: Trio Maragós em Maragogipe	76
Figura 30: Jornal Correio de São Félix, ano VIII, nº 35, 28 dez., 1941	84
Figura 31: Jornal Correio de São Félix, ano XXV, nº 1.226, 31 jan., 1959	86
Figura 32: Jornal Correio de São Félix, ano XL, nº 2.051, 23 dez., 1972	87

Figura 33: Formatações do Jornal Correio de São Félix de 1980 a 2000	89
Figura 34: Correio de São Félix, ano 79, nº 2.519, abr/mai., 2013	90
Figura 35: Correio de São Félix, ano 87, nº 2.579, fev., 2022	91
Figura 36: Correio de São Félix, ano 88, nº 2.581, abr., 2022	91
Figura 37: Baile realizado no Palacete da Escola Remington	96
Figura 38: Rainha do Carnaval da Associação Atlética, 1953	99
Figura 39: Destroços da colisão do trem e com o casarão	104
Figura 40: Vista da Avenida Salvador Pinto da enchente	106
Figura 41: Praça José Ramos atingida pela enchente	107
Figura 42: Rio Paraguaçu nas cheias	107
Figura 43: Última enchente do Paraguaçu, vista da orla sanfelixta	108
Figura 44: Conjunto Continental Jazz	112
Figura 45: Conjunto Cuba Jazz	112
Figura 46: Bloco Macacão	116
Figura 47: Filarmônica União Sanfelixta, déc. de 1930	118
Figura 48: Desfile da rainha e das princesas	119
Figura 49: Carnaval em Salvador (anos de 1970)	125

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Níveis de tempo, de identidade e de memória

55

LISTA DE SIGLAS

AMEC – Associação Muritibana de Esporte e Cultura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RECONCITEC – Reunião Anual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAP. 1: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL DE SÃO FÉLIX-BA	21
1.1 A cidade de São Félix	21
1.2 Festividades de São Félix: anos 1920 a 1970	36
1.2.1 Festas religiosas	36
1.2.2 Manifestações Cívicas	41
1.2.3 Festa popular – Micareta	43
CAP. 2: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DO CARNAVAL NO RECÔNCAVO DA BAHIA	52
2.1 Memória coletiva, cultural e comunicacional	52
2.2 Carnaval - aspectos históricos e teóricos	57
2.3 Circuito cultural e comunicacional do carnaval no Recôncavo da Bahia	62
2.3.1 Carnavais em Cruz das Almas	64
2.3.2 Carnavais em Muritiba	68
2.3.3 Carnavais em São Félix	69
2.3.4 Carnavais em Cachoeira	72
2.3.5 Carnavais em Maragogipe	75
CAP. 3: JORNALISMO COMO LUGAR DE MEMÓRIA	78
3.1 Contribuição jornalística para a memória coletiva	78
3.1.1 Lugares de memórias	81
3.1.2 Jornal Correio de São Félix	83
3.2 Carnavais nos clubes sanfelixtas	92
3.2.1 “Interrupção” da vida cotidiana	93
3.2.2 Manifestação da elegância	96
3.2.3 Concurso de rainha	101
3.2.4 Bailes e eventualidades	103
3.2.5 Bailes e elementos da cultura nacional	108
3.2.6 Grupos musicais dos bailes	111
3.3 Carnavais nas ruas sanfelixtas	114
3.3.1 Alegria popular	114
3.3.2 Elementos carnavalescos	115
3.3.3 Carnaval e críticas	122
3.3.4 Patrocínio dos carnavais	123
CAP. 4: NARRATIVAS ORAIS COMO LUGAR DE MEMÓRIA	127

4.1 Narrativa e memória	127
4.2 Perfil dos entrevistados	129
4.3 Experiência no Carnaval de São Félix	131
4.4 Diferenças entre os clubes sociais	133
4.5 Clubes x rua	137
4.6 São Félix em tempos de carnaval	139
4.7 “Histórias” de carnaval	141
4.8 Fim do carnaval em São Félix	143
4.9 Outras festas populares	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista narrativa	

INTRODUÇÃO

O carnaval brasileiro, por volta de 1840, foi realizado em espaços fechados: clubes sociais, teatro, hotéis e associações. A festa sai do Rio de Janeiro, onde se tornou conhecida, e se espalha por diferentes partes do Brasil, a exemplo da Bahia. Além de Salvador, outras cidades baianas passaram a promover os bailes dançantes e desfiles pelas ruas, São Félix é um exemplo disso. Segundo relatos jornalísticos e de foliões locais, a cidade viveu momentos contagiantes com a realização dos bailes de carnaval em seus principais clubes sociais, durante quase cinquenta anos.

A cidade de São Félix, popularmente conhecida como cidade Presépio, devido ao formato de um dos seus morros, tem origem das tribos Tupinambás que existiam na região do Recôncavo. Está situada a cerca de 110 km de Salvador, capital da Bahia. Tem uma população estimada em 14.098 habitantes, conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Sua formação populacional se deu também com a junção dos diferentes povos estrangeiros, como portugueses, alemães, franceses e holandeses. Esses povos estabeleceram comércios na cidade, a exemplo das fábricas de charutos, dos engenhos de açúcar e dos pequenos armazéns. Segundo uma matéria publicada no jornal *A Vanguarda*, que circulava em São Félix na década de 1920, os alemães foram os precursores do carnaval na cidade sanfelixta. Foram os alemães também os primeiros a construir um clube social, um serviço de alto-falante e um mini cinema, o Cine Associação Atlética.

Além do carnaval, outros eventos culturais fazem parte da história de São Félix, como puxada de rede, bumba-meu-boi, ternos de Reis, micareta, queima de Judas, lavagens de rua, festa de São Félix e festa de Santa Bárbara. Porém, atualmente existem apenas as três últimas manifestações e, ainda assim, realizadas de forma bastante tímida, com pouco envolvimento dos brincantes.

Por sua vez, o carnaval de São Félix-BA surgiu como uma espécie de baile dançante e caiu no gosto da comunidade, principalmente, quando ele passou a ser realizado em espaço público (na rua), não sendo mais exclusividade dos clubes sociais. A última notícia encontrada nos jornais pesquisados, a respeito da festa em clube, foi do ano de 1975, no Clube Floresta. O carnaval era um dos principais espaços de encontro dos sanfelixtas com habitantes de cidades circunvizinhas, e lá compartilhavam

sentimentos, histórias, conhecimento, emoções e culturas, contribuindo para fortalecer as relações sociais e a identidade cultural local. Dos desdobramentos dessas trocas, pouco se sabe a respeito, como por exemplo, que São Félix é expressada nesses carnavais. Jornais que circulavam na cidade, a exemplo do Jornal Correio de São Félix, trazem pequenas narrativas desses episódios. Portanto, falar do carnaval nessa cidade é dialogar com o passado e com o presente por meio de imagens, de textos jornalísticos, além das narrativas dos foliões que vivenciaram e experimentaram essa festividade.

O pesquisador Raymond Williams (1979), considera a cultura como um sistema social, material e produtivo, ou seja, a vida material e a vida cultural estão conectadas, por isso qualquer alteração nos elementos dos sistemas da sociedade afetará todo o conjunto, a cultura, por exemplo. É nessa perspectiva que foi possível entender a realidade social e cultural sanfelixta, tendo como suporte os recortes do material impresso e dos relatos orais sobre os festejos carnavalescos que poderão apontar a resposta à seguinte pergunta de investigação: De que forma as memórias sobre o carnaval de São Félix-BA, construídas por periódicos e por foliões, evidenciam características da cultura local nas práticas sociais? Nesse sentido, o estudo considera como uma possibilidade o fato dessas narrativas do carnaval funcionarem como um espaço de constituição de marco de identidades sanfelixtas, a partir das relações cotidianas expressadas nos festejos.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é analisar de que forma as memórias sobre o carnaval de São Félix-BA, construídas por periódicos e por foliões, evidenciam características da cultura local a partir das práticas sociais. Quanto aos específicos são: identificar características de outras manifestações culturais populares de São Félix, entre os anos 1920 e 1970; compreender como o carnaval de São Félix se articula e está inserido na sua rede de sociabilidade cultural mais ampla que é o Recôncavo da Bahia; analisar que sociedade sanfelixta é expressada nos carnavais realizados entre os anos 1920 e 1970, descritos nas narrativas dos periódicos; e analisar o contexto cultural e social de São Félix a partir dos relatos memoriais que os foliões têm sobre os carnavais sanfelixtas.

Diante disso, buscou-se dar continuidade a uma produção acadêmica da pesquisadora, iniciada durante a graduação de Comunicação Social/Jornalismo, em 2009, tendo como fruto um Radiodocumentário¹, denominado “Lembranças de outros Carnavais e Micaretas”. Além disso, foram realizadas outras produções científicas sobre o tema, como o artigo “Carnaval, Cultura e Memória em São Félix-BA”, publicado nos

¹ Disponível em: <https://carnavalemicaretadesaofelixbahia.wordpress.com/radiodocumentario>. Acesso em 20 de mar 2021.

anais do IV Congresso Internacional sobre Culturas – Memória e Sensibilidade: Cenários da experiência cultural contemporânea, em 2018, o qual verificou como a festa de carnaval de São Félix evidencia relações de poder experimentadas no dia a dia da população. Outro artigo foi “Relatos carnavalescos de São Félix-BA”, que é uma releitura do Radiodocumentário citado anteriormente e foi publicado nos anais do XIV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – Enecult, em 2018. No final de 2018 foi produzido o resumo, “No ritmo do tamborim e da zabumba dos acontecimentos: carnaval de São Félix-BA”, apresentado na Reunião Anual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia, – RECONCITEC, tal estudo procurou entender a participação e a contribuição dos negros sanfelixtas no carnaval da cidade. E em 2020, também no RECONCITEC, foi apresentado o resumo “Quebrando rotina: Micareta de São Félix-BA”, com o objetivo de analisar de que forma a micareta interferiu na rotina cotidiana da cidade de São Félix-BA.

Ao fazer um primeiro levantamento em bancos de teses e dissertações, bem como nas plataformas *Google Acadêmico*, *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, *Intercom* (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), *BOCC* (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação), não foi possível encontrar trabalhos que analisassem os carnavais sanfelixtas, sobre a perspectiva adotada nesta pesquisa, a qual está centrada no eixo sociocultural e comunicacional e engloba o tripé: memória, comunicação e carnaval. As palavras-chave inseridas para a pesquisa foram: *memória e carnaval*; *memória e bailes de carnaval*; *carnaval na Bahia*; e *carnaval no Recôncavo na Bahia*.

Foram encontradas um total de dezesseis pesquisas, sendo sete sobre memória coletiva e carnaval; dois sobre memória e bailes de carnaval; quatro sobre memória e carnaval na Bahia; quatro sobre carnaval no Recôncavo da Bahia. Nesse levantamento, referente ao item *carnaval no Recôncavo na Bahia*, foram encontradas, apenas, pequenas pesquisas referentes ao carnaval de cidades circunvizinhas a São Félix como Maragogipe, Cachoeira e Cruz das Almas. Não foi identificado nenhum sobre o carnaval em São Félix da Bahia, a não ser um da aurora, desenvolvido em parceria com a orientadora desta pesquisa.

Destes dezesseis trabalhos, somente cinco são do campo da Comunicação, os demais são de Arquitetura e Urbanismo, História, Antropologia e Geografia. Apesar de apresentarem palavras chaves utilizadas nas buscas das plataformas acadêmicas, doze deles se distanciam da ideia pretendida nesta pesquisa, pois abordam cobertura

jornalística, consequência da divulgação midiática, discussões teóricas, transformações estruturais do carnaval e tradição/mudança presente nas expressões e manifestações.

Apenas dois se aproximam mais da proposta deste trabalho, um de História e outro de Antropologia, respectivamente: “Memória, oralidade e práticas dos brincantes detidos no carnaval do Recife durante os anos de chumbo²”, artigo publicado em 2010 por Diogo Barreto Melo, o qual se propôs *investigar memórias de grupos, agremiações, famílias envolvidas com o Carnaval, brincantes que tentaram ser silenciados por práticas que não lhes eram comuns nem, tampouco, às festividades de Momo*; e a dissertação “Tempos de carnaval no cotidiano dos Clubes Sociais Tabajara e Mocidade³: etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul”, defendida por Daiana Herman, em 2011, sendo seu objetivo *refletir sobre a construção e a reelaboração da memória coletiva acerca dos espaços de sociabilidade negra constituídos em torno do Clube Tabajara e das festas de carnaval no município de Encruzilhada do Sul*.

Em relação à metodologia, este estudo adotou abordagem qualitativa, utilizando pesquisa documental e de campo. Por sua vez, o instrumento escolhido para coleta de dados primários (pesquisa de campo) foi a **entrevista narrativa**. Esse modelo de entrevista, embora seja com profundidade, não é constituído por perguntas estruturadas, isso possibilita que os entrevistados tenham mais liberdade para expor suas histórias.

Segundo Bauer; Gaskell (2008, p. 93), a entrevista narrativa “[...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre um acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 93). Dessa maneira, sua principal função é “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 95).

A escolha da entrevista narrativa se deu por entender que ela é um instrumento capaz de extrair dos entrevistados experiências e vivências dos carnavais sanfelixtas, que, consequentemente, vão estar entrecruzadas em diferentes contextos da cidade, também fundamentais para a pesquisa.

²Disponível em: [https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270298523_ARQUIVO_\[ResumoCompleto\]MEMORIA,ORALIDADEEPRATICASDOSBRINCANTESPRESOSNOCARNAVALDORECIFEDURANTEOSANOSDECHUMBO - DiogoBarretoMelo-UFRPE.pdf](https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270298523_ARQUIVO_[ResumoCompleto]MEMORIA,ORALIDADEEPRATICASDOSBRINCANTESPRESOSNOCARNAVALDORECIFEDURANTEOSANOSDECHUMBO-DiogoBarretoMelo-UFRPE.pdf) Acesso em: 14 jan., 2023.

³Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37016/000818381.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 jan., 2023.

Assim, a entrevista narrativa se deu individualmente com três brincantes dos carnavais de São Félix, residentes na cidade, em dias diferentes (13/01, 17/08 e 06/09/2022). Na proposta inicial se pretendia entrevistar quatro foliões, dentre eles uma rainha de bailes e um músico, porém infelizmente, ambos tiveram complicações de saúde e não se sentiam dispostos, ficando a contribuição deles para uma futura pesquisa.

Portanto, a escolha dos entrevistados se deu por relações de proximidade e devido ao fato de a pesquisadora possuir um certo grau de amizade com eles e saber previamente sobre a relação deles com o carnaval sanfelixta. Em conversa informal com um vizinho, ele mencionou que participou dos carnavais sanfelixtas e vários elementos que tinham no festejo. Nessas conversas surgiam nomes de outros envolvidos. Então, o convite para fazer parte da pesquisa também foi estendido a estes foliões, de forma aleatória. São pessoas idosas, porém bastante ativas e lúcidas. Um deles não estava programado no projeto inicial, mas no decorrer da coleta de dados, notou-se que sua contribuição era essencial.

As conversas foram gravadas e com autorização do Comitê de Ética. Duas delas foram realizadas na casa dos entrevistados e uma na casa da pesquisadora, seguindo todos protocolos de segurança à saúde, adotados no período pandêmico da Covid-19 (máscara, distanciamento e álcool 70%). Além disso, tanto a pesquisadora quanto os entrevistados tinham sido vacinados contra a Covid-19.

Como esse modelo de entrevista não segue um questionário, as conversas espontaneamente, com uso de pequenas perguntas que serviram como guia para se manter o diálogo quando este era interrompido pelo entrevistado. Assim, foi feita categorização dessas narrativas a partir da leitura de todo o material, nos moldes de uma análise de conteúdo categorial. Além do perfil dos entrevistados, as sete categorias criadas foram: Participação no carnaval de São Félix, Baile x rua, Diferenças entre os clubes, São Félix em tempos de carnaval, “Histórias” de carnaval, Fim do carnaval em São Félix, e Outras festas populares.

Por sua vez, os dados secundários, que são os jornais impressos, foram agrupados em categorias, buscando englobar a dimensão cultural, social e comunicacional. Foram criadas duas dimensões de análises desses dados: Bailes nos clubes – com seis categorias –, e Carnavais nas ruas – com quatro categorias. Tais dados são constituídos por edições do *Jornal Correio de São Félix*, de 1930 a 1970, e duas edições do jornal *A Vanguarda*, de 1924 e 1925 (únicas encontradas que fazem referência ao carnaval). Ambos os jornais circulavam na cidade e região e algumas de suas edições estão disponíveis no Arquivo

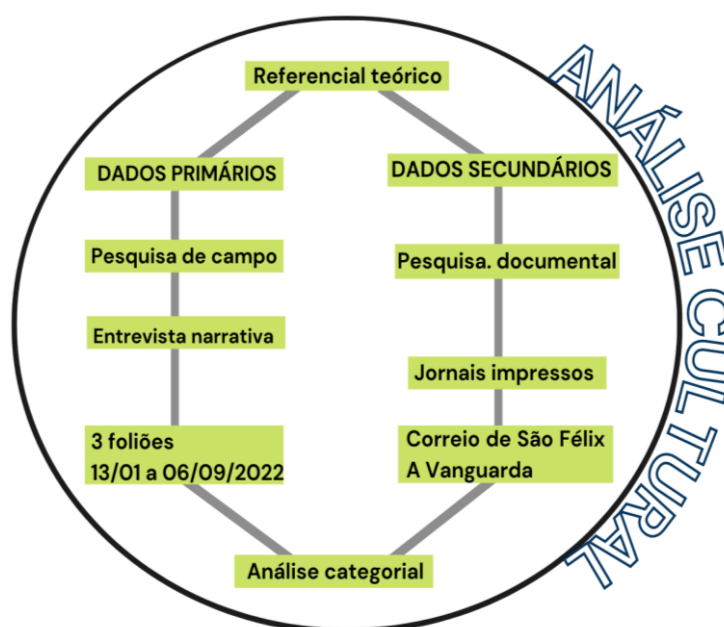
Público Municipal de São Félix. Vale ressaltar que a maior parte do material utilizado já tinha sido recolhido e digitalizado pela autora em pesquisas anteriores em 2012. Além disso, também estão incluídas fotografias encontradas no Arquivo Público, já mencionado, no *Facebook* e em *sites*.

Foram selecionados trechos de sessenta e sete publicações do *Correio de São Félix*; quatro edições do jornal *A Ordem*; duas do jornal *A Vanguarda*; e uma do jornal *A Defesa*. As edições do jornal *A Ordem* foram cedidas pelo pesquisador, professor e jornalista Péricles Diniz, membro do corpo docente da UFRB. As demais edições analisadas são de jornais que fazem parte do acervo do Arquivo Público Municipal de São Félix Dr. Júlio Ramos de Almeida, que além de exemplares dos periódicos, guarda e conserva também documentos dos poderes executivo, legislativo e judiciário, e documentos permanentes de valor histórico, em formato impresso, fotográfico e digital. Alguns objetos históricos e de valor cultural também fazem parte do acervo. O Arquivo foi fundado em 27 de junho de 1994. Porém, só teve sede própria em 25 de outubro de 2003, localizada na Praça da Bandeira, S/N.

Vale ressaltar que *Correio de São Félix* já era conhecido pela autora não só pela pesquisa realizada nele na graduação de Jornalismo, em 2009, mas por ela já ter desenvolvido atividades jornalísticas nele durante 3 anos (de 2013 a 2016), na produção de notícias, literária e fotográfica.

A dimensão analítica foi fundamentada na análise cultural, a qual foi feita na medida em que se refletiu os deslizamentos do texto (dos jornais e dos entrevistados) e seu contexto. Neste sentido, a análise cultural ajuda a explicar processos socioculturais, nos quais dimensões políticas, econômicas e identitárias podem ser observadas por meio de práticas e de modos de vida dos indivíduos. “Metodologicamente, a análise cultural desloca a centralidade da investigação da estruturação política, econômica, para buscar contextualizar essa estruturação na “vida real expressa pelo conjunto da organização” social” (Williams, 2003, p. 58 *apud* MORAES, 2018, p. 33).

A análise cultural foi utilizada como guia para mapear diferentes dinâmicas sociais, históricas e culturais da sociedade, no período em que ocorreu festividade carnavalesca na cidade de São Félix. Foram observados práticas, rituais e modos de vida vinculados ao carnaval e a outras manifestações populares, além de acontecimentos históricos e demais eventos que atravessaram o referente período. Na outra ponta da análise cultural, estão os textos acadêmicos que complementam a pesquisa. Ou seja, é uma metodologia centrada no texto e no contexto.

Figura 01: Mapa visual da análise cultural

Fonte: Elaborado pela autora

O mapa acima refere-se à análise cultural utilizada nesta pesquisa, e mostra que, apesar de ser representada como um ciclo, o ponto inicial foi a leitura teórica, posteriormente, leitura e organização do material empírico e pesquisa de campo, paralelamente. Apenas após esse contato que surgiram as categorias de análise, porém a leitura dos textos teóricos fez parte de todo processo da pesquisa, de forma cíclica.

Ana Luísa Moraes (2018) também verifica na obra de Williams sobre a análise cultural que, embora uma cultura não esteja mais atuante na sociedade, seu passado resistirá documentado em acervo cultural, onde é possível conhecer os valores desse período.

Um exemplo disso pode ser apontado na consulta a dados documentais em acervos de jornais, pois se à cultura vivida correspondem os acontecimentos que estavam em curso em determinado tempo e lugar, o agendamento do que e de quem é notícia, no momento do registro desses fatos, isto é, quando eles adquirem o estatuto de acontecimentos jornalísticos já se constituiu em uma primeira seleção [...] (MORAES, 2018, p. 30).

Dessa maneira, este estudo pretende expandir o conhecimento sobre tal manifestação dentro e fora da academia, possibilitando que outras pessoas tenham conhecimento, uma vez que ela foi muito significativa para a cidade e região. Vale ressaltar que as principais testemunhas e documentos da referida festa podem tornar-se inacessíveis e um pedaço do legado cultural e histórico sanfelixta ser perdido, pois os

foliões estão em idade avançada e alguns já faleceram; e os jornais têm muitas páginas deterioradas, alguns já estão indisponíveis para consulta pública, e há ausência de políticas públicas adequadas para manutenção do acervo. Assim, por meio da comunicação e da memória pode-se estabelecer um diálogo que traga reflexões e conhecimento sobre essa festa carnavalesca para o Recôncavo da Bahia, sobretudo, para São Félix, logo, contribuir para o debate acerca da cultura e da sociedade local.

A dissertação foi constituída, então, por quatro capítulos, introdução e considerações finais. Em um primeiro momento, na introdução, além da contextualização do tema, foram discutidas a problemática da pesquisa, os objetivos, a justificativa, o estado da arte e a metodologia utilizada.

No primeiro capítulo há uma reflexão sobre o contexto cultural do município, bem como seu contexto sócio-histórico e econômico. A finalidade desse formato foi para identificar características de outras manifestações culturais populares de São Félix e, assim, compor um panorama cultural e social do município.

O segundo capítulo abordou as memórias carnavalescas do Recôncavo da Bahia para compreender a relação de São Félix com os carnavais da cidade de Cachoeira, de Muritiba, de Maragogipe e de Cruz das Almas. Também se discutiu considerações acerca da memória coletiva e de suas vertentes: memória cultural e comunicativa; a respeito de aspectos históricos e teóricos sobre o carnaval no Brasil; e as narrativas encontradas em jornais sanfelixtas sobre os carnavais no Recôncavo da Bahia, assim, entender a inserção do carnaval sanfelixta nessa rede de sociabilidade cultural regional.

O terceiro capítulo discorreu sobre o jornalismo como lugar de memória e trouxe o jornal *Correio de São Félix* para exemplificar o referido lugar. Dessa forma, discutiu-se a contribuição jornalística na perpetuação da memória coletiva que, no caso deste estudo, trata-se da memória do carnaval sanfelixta; e as relações sociais existentes nos bailes carnavalescos e nas ruas de São Félix no período estudado.

No quarto e último capítulo consta uma análise das narrativas memoriais de três foliões que discorrem sobre os carnavais sanfelixtas. Assim, foi possível compreender as dimensões culturais e sociais de São Félix. Além disso, foram discutidas narrativas orais como lugar de memória.

Já nas considerações finais foram expostos os resultados das análises e uma reflexão destes, entendendo o carnaval como um instrumento de sociabilidade e de fortalecimento de laços identitários e que a comunicação está constantemente imbricada nessas práticas festivas.

CAP. 1: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL DE SÃO FÉLIX-BA

Este primeiro capítulo abordará aspectos relacionados à cultura de São Félix e seu contexto sócio-histórico do período estudado, de 1920 a 1970. O primeiro tópico do capítulo terá uma breve contextualização do município, incluindo o processo histórico e econômico. Já o tópico seguinte, falará das manifestações culturais que ocorreram na cidade, paralelas ao carnaval. Portanto, a finalidade deste capítulo é identificar características de outras manifestações culturais populares de São Félix, entre os anos 1920 e 1970, e compor um panorama cultural e social do município nesse período.

1.1 A cidade de São Félix

O município de São Félix fica localizado no Recôncavo Baiano, a 110 km de Salvador – capital do estado da Bahia –, e é banhado pelo rio Paraguaçu, maior rio genuinamente baiano.

A cidade sanfelixta é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2010, quando foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O tombamento possibilitou proteção federal ao conjunto urbanístico e paisagístico de São Félix, que conserva arquitetura no estilo neocolonial e neoclássico, com prédios datados dos séculos XVII a XIX. Um exemplo dessas arquiteturas são as Igrejas da Matriz de Deus Menino e a Igreja do Senhor São Félix – construídas no final do século XVIII –, a Prefeitura Municipal, o Mercado Municipal e a Estação Ferroviária.

A origem da cidade está ligada ao aldeamento dos índios tupinambás que habitavam às margens do rio Paraguaçu. O primeiro povoado foi chamado de freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Outeiro Redondo (1838)⁴, anos depois mudou para freguesia de Senhor Deus Menino de São Félix (1857)⁵. Enquanto freguesia, esteve sempre sob o controle governamental de Cachoeira, cidade do lado oposto do rio Paraguaçu. Porém, em 25 de setembro de 1890, através de um ato Estadual, ganhou sua

⁴ Pela lei provincial de 1º de julho de 1838.

⁵ Pela resolução de 15 de dezembro de 1857.

independência política e foi denominado de São Félix do Paraguaçu, o qual foi simplificado para São Félix, por Decreto Estadual de 8 de julho de 1931.

Durante as batalhas travadas pela conquista da Independência do Brasil na Bahia, iniciada em fevereiro de 1822 e finalizada em 2 de julho de 1823, prestou relevantes serviços lutando ao lado de Cachoeira, em prol de causa comum.

Durante a primeira metade do século XX, a cidade foi destaque no Recôncavo no setor econômico devido ao intenso escoamento de açúcar e de fumo, em rota fluvial e terrestre pelas estradas de ferro. Vale destacar que o trem era o principal meio de locomoção para cidades distantes, como Feira de Santana. Além de mercadorias e passageiros, também era transportado animais. Porém havia também circulação de navios que levava passageiros e produtos. O Vapor de Cachoeira foi a primeira embarcação a vapor a circular na América do Sul (construída em 1819) e transportava diversos produtos comerciais (açúcar, cachaça, rapadura, fumo, charuto) do Recôncavo, a exemplo de Cachoeira e de São Félix, para a capital baiana, pelo rio Paraguaçu.

A figura abaixo é do Vapor de Cachoeira em uma de suas viagens de Salvador a Cachoeira, embarcando dezenas de passageiros no porto de Cachoeira. A cena se repetiu até a década de 1960.

Figura 02: Navio Vapor de Cachoeira, no porto de Cachoeira



Fonte: Blog Vapor de Cachoeira⁶, década de 1940

⁶ Disponível em: <http://vapordecachoeira.blogspot.com/2009/10/ha-190-anos-comecava-navegar-o-vapor-de.html?m=1> Acesso em: 17 mar., 2022

Outras embarcações também faziam o trajeto marítimo-fluvial entre Salvador e Cachoeira, como o navio Paraguassú, Lancha São Pedro (navio de pequeno porte) e o último deles foi o Navio Maragogipe, no final dos anos de 1980, quando a navegação no rio Paraguaçu até Cachoeira foi extinta.

Por sua vez, as fábricas de charutos se tornam fundamentais para o desenvolvimento da pequena cidade. “Em 1892 havia em todo Estado da Bahia 12 fabricas de charutos, sendo 4 na capital, 2 em Maragogipe e 6 em São Félix” (RAMOS, 1952, p. 3). As seis fábricas citadas pelo jornal *Correio de São Félix* são: Juventude, Fragrância, Utilidade (que depois virou Costa Penna & Cia), Dannemann, Stender e “a sexta fábrica parece-me que era uma pequena que existia no local onde hoje está o Banco do Brasil e pertencia ao alemão – Albert Wagner” (RAMOS, 1952, p. 3).

Segundo o texto jornalístico⁷, a primeira fábrica foi a Juventude, fundada por Francisco José Cardoso (Chico Petitinga), em 1842, na antiga rua do Templo, atual rua Manoel Passos. Depois surgiu a Fragrância, por volta de 1951, seguida da Utilidade que teve seu início em Recife, fundada em 1º de março de 1951, pelo português Manuel Costa Ferreira, “transferida em 1883 para São Félix” (RAMOS, 1952, p. 3). Após a morte de seu fundador, a fábrica Utilidade foi vendida para Manuel Costa Pena, antigo gerente e genro do ex-dono.

O jornal *A Defesa*, em uma edição de 1930 - sobre o desenvolvimento econômico de São Félix -, chegou a afirmar que a São Félix era “a cidade do dinheiro”. O texto, de título “Galeria dos comerciantes sanfelixtas”, destacou as principais atividades econômicas de São Félix e alguns comerciantes, dentre eles: José Ramos de Almeida Alves⁸, Arthur Pires, Plínio Umburanas, Umbelino Silva⁹ e Pedro Magalhães. Em relação às atividades dos anos de 1930, o texto menciona “fábricas de charutos, armazens de escolhas, alfaiatarias, sapatarias, ateliers, mercenarias, olarias, armazens de vendas, lojas, padarias, tudo em constante atividade” (GALERIA, 1930, p. 2). Também é citado o Banco do Brasil, a fábrica de sabão e as indústrias de charutos Dannemann e Utilidade de

⁷ Texto referente à palestra proferida no Rotary Club Cachoeira, em 9 de abril de 1952, pelo comendador José Ramos de Almeida Alves.

⁸ Seu filho, Júlio Ramos de Almeida, formado em medicina, exerceu mandato de prefeito em São Félix por duas vezes, em 1942-1946 e reeleito em 1946-1950. O Arquivo Público Municipal leva o seu nome em homenagem aos serviços prestados na cidade, enquanto seu pai, José Ramos de Almeida Alves, teve o nome colocado em uma das praças da cidade. Além de médico, Júlio Ramos foi escritor e deixou o livro *Efeméride Sanfelista* inacabado. Ele morreu em 1957.

⁹ Umbelino Silva foi prefeito de São Félix de 1930 a 1932.

Costa Penna & Cia e Navarro Britto & Cia. Além destas, oficinas mecânicas, farmácias e casas material de construção representavam o cenário econômico de São Félix. “Das suas casas commerciaes, destaca-se, em primeiro lugar, o grande emporio de José Ramos de Almeida & Cia, armazem especialista nos generos que vende e considerado o mais vantajoso nos preços de qualquer ocasião” (GALERIA, 1930, p. 2).

O estabelecimento comercial do Coronel José Ramos de Almeida era situado na via principal da cidade, na rua Senador Themístocles, e foi um grande referencial para o comércio na região. A Figura 03, abaixo, publicada no *A Vanguarda*, não é muito nítida, porém se consegue perceber que o prédio era bem amplo, ocupando vários metros da rua, na sua lateral.

Figura 03: Armazém Providencial José Ramos de Almeida & Cia



Fonte: Jornal A Vanguarda¹⁰, 1925

¹⁰ Imagem divulgada em “Anúncios” no jornal A Vanguarda, 9 de abril, p. 5, 1925.

Porém, os principais postos de emprego eram, de fato, as fábricas de charutos Dannemann e Costa Penna & Cia, pois essas empresas contratavam um grande número de funcionários de ambos os sexos nos seus diversos departamentos.

As figuras a seguir fazem referência aos prédios da empresa Dannemann na região do Recôncavo da Bahia, inclusive dois deles em São Félix. As fotografias foram publicadas no jornal *A Vanguarda*, em 1925.

Figura 04: Prédio do escritório das fábricas Dannemann, São Félix



Fonte: Jornal A Vanguarda¹¹, 1925

¹¹ As imagens referentes ao prédio Dannemann deste capítulo foram retirados do jornal *A Vanguarda* da edição de 15 de nov., 1925.

Figura 05: Prédio com seções de empapelamento, almoxarifado e embalagem Dannemann



Fonte: Jornal A Vanguarda, 1925

Figura 06: Filial Dannemann na cidade de Maragogipe



Fonte: Jornal A Vanguarda, 1925

Figura 07: Filial da comunidade de Nagé, Maragogipe



Fonte: Jornal A Vanguarda, 1925

Pelas figuras acima, pode-se notar que a empresa possuía prédios imensos e diversas atividades em funcionamento, o que, de fato, mostra que Dannemann contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico local. Além de servir como posto de trabalho, indiretamente proporcionou o surgimento de outros negócios na região.

A fábrica Dannemann em São Félix surgiu em torno da década de 1870. “Foi fundada em 1872 por Geraldo Dannemann que havia emigrado da Alemanha após a guerra Franco Alemã¹². Ao chegar no Brasil, ele se estabeleceu na Bahia, onde trabalhou na firma L.G. Mayer, adquirindo a prática e o conhecimento dos costumes locais. Depois mudou-se para São Félix e associou-se ao irmão, Reinhardt Dannemann, na compra de fumo em folha.

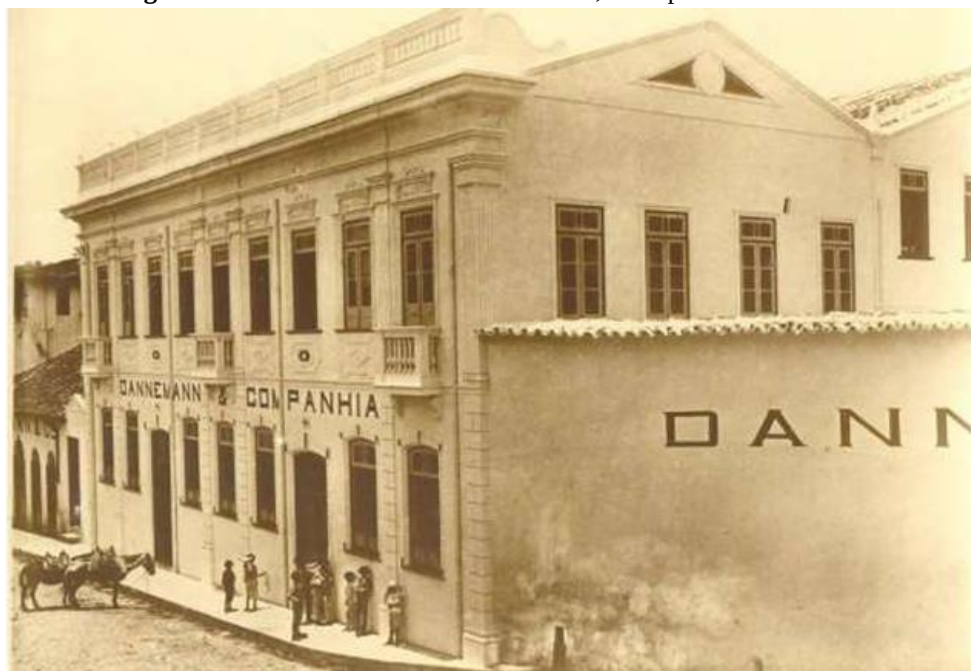
Ao perceber que poderia lucrar com o negócio, ele abre, em 1872, um fabrico de charutos na Rua Manoel Vitorino, conhecida como Dendê, e com seis operários dá vida a seu novo empreendimento. “A qualidade do fumo empregado e o esmero do trabalho fizeram crescer a firma até a importancia que todos nós conhecemos” (RAMOS, 1952, p. 3).

A partir do que o jornal apresenta, a empresa teve um crescimento extraordinário logo no primeiro ano de fundação. Em 1873, transferiu-se para a rua João Severino da Luz Neto – local onde funciona hoje o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). A

¹² A Guerra Franco-Germânica aconteceu entre 1870 e 1871, envolveu a França e o reino da Prússia, que tinha como aliados os Estados alemães. A Prússia liderou o processo de unificação e expansão dos Estados alemães e tinha interesse em algumas regiões controladas pelo Império Francês, a exemplo da Alsácia-Lorena, que foi anexada à Alemanha com a derrota da França.

matéria jornalística de 1952, escrita por Ramos, ainda afirma que a fábrica recebeu, em 1883, o título de Imperial Fábrica de Charutos Dannemann por D. Pedro II.

Figura 08: Fábrica de Charutos Dannemann, atual prédio do INSS



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

Assim, com tanto progresso, destaca-se como o maior contribuinte econômico no município de São Félix, gerando centenas de postos de trabalho. Com o sucesso na produção, a fábrica expandiu filiais para Maragogipe – no distrito de Nagé, Muritiba e Cachoeira, além de depósitos em várias capitais do Brasil (RAMOS, 1952). Devido ao sucesso econômico, ela recebeu em 1922 um prêmio na Exposição Nacional.

Também, por volta de 1890, chegou a fábrica Stender, de José Furtado de Simas, porém a fábrica Stender passou por dificuldades financeiras e filiou-se à Cia Dannemann em 1922. Mas na década de 1940, a fábrica Dannemann passou por uma grande crise. Em 1949, por exemplo, mil funcionários perderam os empregos no Dannemann de São Félix e outras fábricas da região do Recôncavo foram fechadas, restando apenas o segmento de exportação de fumo (MOTA, 2014).

De acordo com o jornal *Correio de São Félix*, a II Guerra Mundial teve forte influência para o fechamento das fábricas. A alternativa encontrada pela diretoria, na época, foi buscar créditos bancários para conseguir uma reabertura.

Tendo a direção da Cia Brasileira de Charutos Daneman, conseguindo aquilo que pleiteiava junto aos poderes constituídos que era o financiamento da sua produção atingida por fatores diversos inclusive a guerra terminada em 1945, e havendo obtido do Banco do Brasil os créditos necessários, está sendo regularizada a situação, dos seus empregados e operários, estando acertado a época de janeiro [...] (REABERTURA..., 1950, p. 9).

A ideia deu certo por um curto período e, em 1955, houve a paralisação total da empresa. A crise não foi contornada e em 1961 os bens foram leiloados (MOTA, 2014). O prédio foi leiloado ao Banco do Brasil que o vendeu, em 1980, ao poder executivo de São Félix. Atualmente está instalada a Casa de Cultura Américo Simas, inaugurada em 1984. Embora haja na cidade um prédio, na Avenida Salvador Pinto, com o nome Centro Cultural Dannemann, este apenas funciona para atividades socioculturais.

Figura 09: Fachada da Fábrica Costa Penna, São Félix



Fonte: Blog Ecos da História¹³, sem data

A Figura 09 faz referência a fábrica Costa Penna & Cia, prédio do lado direito, que atualmente é o Iguatemi, onde funcionam bares e outros pequenos elementos comerciais. No centro da imagem está a Imperial Ponte D. Pedro II, inaugurada em 7 de julho de 1885. Já do lado esquerdo, encontra-se um prédio escolar Sagrado Coração de

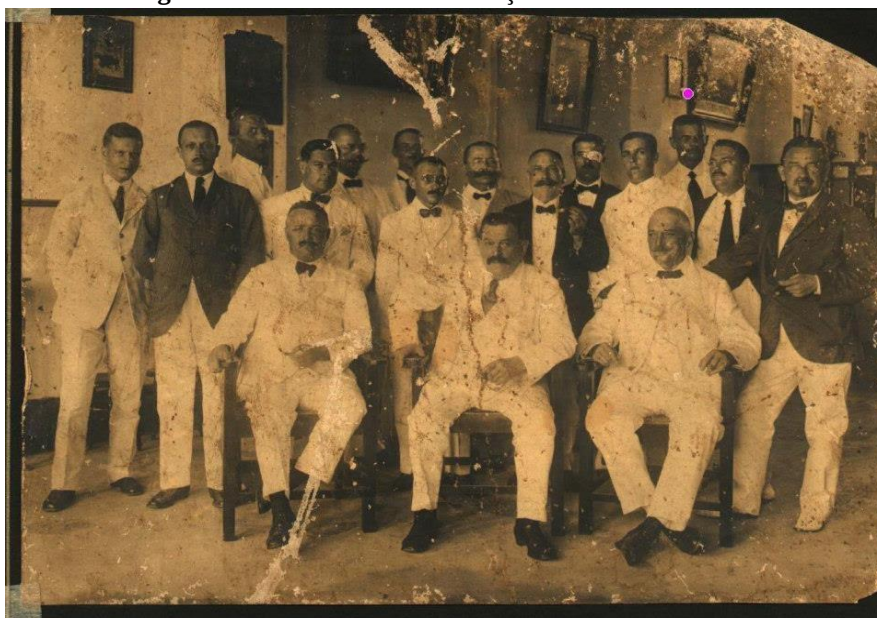
¹³ Disponível em: <https://labhis.blogspot.com/2012/12/fotos-antigas-de-sao-felix-no-reconcavo.html>. Acesso em 17 mar., 2022.

Jesus, que pertencia a professora Maria da Glória Sampaio, Dona Glorinha, – espaço onde hoje funciona uma casa de material de construção.

A fábrica Costa Penna & Cia, – antiga Utilidade – também contribuiu com a economia local, porém, assim como o Dannemann, enfrentou problemas financeiros e parou as atividades em 1955 (MOTA, 2014).

Ademais, observa-se que os imigrantes alemães, além de empreenderem fábricas de charutos na região, mantiveram também um clube social em 1926, na Avenida Salvador Pinto, denominado de Kangeel Club. Em 1943, houve alteração de nome e de dono, passando a se chamar Associação Atlética. Muito provável que a mudança tenha referência à Segunda Guerra Mundial, pois interferências externas contribuíram para que clubes esportivos fundados por colônias do eixo nazista (Alemanha, Itália e Japão), mudassem de nomes (MEDEIROS, 2018). O prédio foi depredado no término da IIª Guerra Mundial, mas conseguiu se erguer e manteve a elegância de clube “das elites” de antes, conforme descreve o jornal. “O elegante clube de remo da cidade, ofereceu à sociedade deslumbrantes baile à fantasia” (SOMENTE..., 1957, p. 2).

Figura 10: Associados da Associação Atlética – São Félix



Fonte: Blog Ecos da História¹⁴, sem data

Não foi possível precisar quando a foto acima foi tirada, mas é provável que seja anterior aos anos de 1950. A sociedade era formada por “principais figuras da sociedade

¹⁴ Disponível em: <https://labhis.blogspot.com/2012/12/fotos-antigas-de-sao-felix-no-reconcavo.html>. Acesso em 17 mar., 2022.

sanfelixta” (SERVIÇO... 1950, p. 4). A vestimenta, todos de paletó, gravata, calça e sapato social, pode comprovar que os sócios tinham algum poder econômico e não é de se estranhar que recebessem certo prestígio social e que também exercessem alguma influência na cidade.

Na Associação Atlética eram realizados diversos eventos sociais, dentre eles, aniversários, datas comemorativas nacionais, bailes temáticos, eventos beneficentes, *réveillon* e festival musical. Ademais, na Associação também funcionou, a partir dos anos de 1950, o Cine Associação Atlética e o serviço de alto-falante da Atlética, com programa jornalístico, literário e musical, inclusive com participação do diretor do jornal *Correio de São Félix*, ao lado da escritora e poeta sanfelixta, Lygia Deiró Lefundes.

Quarta-feira no Programa de “Bôa vontade”, hora de arte onde apareceram alores da musica popular, figurou um conjunto regional “Bando do Morro”, sob a direção de Americo Ferreira. Apareceu com destaque o tenor Antonio Moreira, o cantor regionalista Caxico ainda como violunista, Manoel do Banjo, Osvaldo Andrade e o celebre “Amigo da Onça” (SERVIÇO... 1950, p. 4).

Ainda referente às contribuições migratórias no país, pode-se citar também o futebol o qual chega ao Brasil em meados da década de 1890, vindo da Inglaterra. Vale ressaltar que, no início, era um esporte proibido para negros, mestiços, mulheres e brancos pobres. “[...] o futebol era elitista e praticado por clubes de engenheiros e técnicos ingleses, além de jovens da elite metropolitana que frequentavam estes espaços. Os negros e demais cidadãos pobres brasileiros não eram aceitos nos grandes clubes” (MEDEIROS, 2018, *online*). Porém, o cenário político brasileiro na década de 1930 criou condições para a profissionalização da atividade esportiva, sendo esta regulamentada por Getúlio Vargas através da legislação social e trabalhista e, consequentemente, democratizou a prática esportiva no país.

O futebol chega em São Félix na década de 1910, tendo o primeiro time o nome Sport Clube Paraguaçu. Aos poucos, caiu no gosto dos sanfelixtas que fundaram outros times que se destacaram em disputas do campeonato municipal e também formaram uma seleção para disputar o intermunicipal. A Liga Sanfelixta de Desportos Atléticos era quem organiza as competições dos quatro times existentes na cidade, na década de 1950:

Floresta, Ferroviário, Botafogo e 2 de Julho. O Estádio Dr. Arlindo Rodrigues¹⁵ comportou várias decisões importantes de futebol.

Figura 11: Clube Ferroviário



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

Figura 12: Clube Botafogo



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

¹⁵O Estádio Dr. Arlindo Rodrigues foi inaugurado em novembro de 1945 e recebeu esse nome em homenagem ao médico e farmacêutico Arlindo Rodrigues da Silva (1895-1940), que prestou serviços sociais na cidade, além disso, foi um dos fundadores do hospital Nossa Senhora da Pompéia, em São Félix.

Figura 13: Flamengo



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

Figura 14: Dois de Julho Futebol Clube



Fonte: Blog História do Futebol¹⁶, 1955

As figuras apresentadas acima, que destacam os clubes Ferroviário e Botafogo, Flamengo, estão sem data, mas é bem provável que tenham sido tiradas entre a década de 1950 a 1970. Porém em todas as imagens é possível identificar jogadores negros integrando os times sanfelixtas.

Os quatro clubes, aqui apresentados, formaram a seleção sanfelixta que disputou partidas importantes. Em 1957, por exemplo, o *Correio de São Félix* relata como foi a

¹⁶ Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=92240> Acesso em 17 mar., 2022.

partida entre a seleção de Feira de Santana, partida esta que teve a animação musical da Filarmônica União Sanfelixta.

Pela terceira vez, nossa terra disputa o torneio inter-municipal dessa ocasião sob organização dr. Walney França Machado, presidente da Federação Bahiana.

O resultado final de 2x2, a apresenta o modo como foi encarada a vitória, havendo o embate, dividindo as vantagens, que até a última hora eram cavadas pela seleção local, enquanto a Seleção de Feira de Santana, se acomodava com o embate que conseguiu quazi no final do prelio (SELEÇÃO..., 1957, p. 2).

O Clube Floresta, onde foi realizado diversos bailes de carnaval, além de eventos sociais e culturais, era sede do Esporte Clube Floresta, time que conquistou diversos títulos. “O Floresta Futebol Clube em disputa travada pelo campeonato da cidade, conquistou fiel triunfo pela contagem de 4x2, frente ao seu tradicional adversário, a Associação Desportiva Flamengo” (CAIU..., 1950, p. 5). Na Figura 15, logo abaixo, estão os onze jogadores titulares do Floresta, em 1947.

Figura 15: Floresta Futebol Clube



Fonte: Blog História do Futebol¹⁷, 1947

Por meio de um trecho do jornal *Correio de São Félix*, pode-se perceber que o futebol na cidade teve uma pausa antes da década de 1950, ao afirmar que o campeonato local estava “retornando” na cidade. “O retorno do campeonato local, vem se destacando

¹⁷ Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=86684> . Acesso em 09 mar., 2022.

pelo capricho dos contendôres e pela vibração do futebol exibido” (AMANHÃ..., 1950, p. 2). Já em edições jornalísticas de anos posteriores, ainda da década de 1950, o futebol causou grande euforia nos torcedores durante as partidas.

O Ferroviário, com um *team* que se poderia chamar de “perna de pau” pela decisão de vencer sob o comando de Tonho de Filemon, tomou conta do campo e nunca sentiu ameaça da equipe que era sem favor a favorita embate. [...]

Na preliminar, o 2 de Julho abateu o Ferroviário por 5x1, sob arbitragem do sr. Antonio Conceição [...] (FERROVIÁRIO..., 1954, p. 4).

Além do futebol, outro momento de lazer era o cinema, o qual chegou em São Félix em 1915 por intermédio de José Ramos de Almeida, com nome de Cinema Avenida. Filmes de exibição nacional eram colocados em cartazes e os jornais locais faziam a divulgação do horário e dia do espetáculo. “Cinema Avenida. Hoje e Amanhã o esperado e mais discutido fim nacional: CARNAVAL no FOGO¹⁸. Trabalho de Oscarito Grande Otelo, Catalano, Emilinda, e outros nomes do radio” (CINEMA, 1950b, p. 4). O filme citado no anúncio do periódico é uma comédia musical lançada em 1949.

Figura 16: Cine Avenida, na déc. de 1940



Fonte: SOUZA¹⁹, 2018, p. 66

¹⁸ O filme *Carnaval no Fogo* conta a história de uma quadrilha internacional de criminosos que se hospeda no hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, e gera uma série de problemas com os funcionários do hotel.

¹⁹ SOUZA, O. F. O. de. **Cine Avenida**. In: História e Memória de São Félix, p. 66, 2018.

A Figura 16 mostra uma apresentação de uma escola infantil, provavelmente em uma atividade cívica, dentro do Cine Avenida na parte térrea e no primeiro andar do prédio. Portanto, nota-se que o cinema não era exclusivo para exibição de filmes, mas também utilizado para eventos sociais, culturais e cívicos, como o 7 de Setembro.

Outro anúncio do mesmo ano traz novo filme em exibição: “CINE AVENIDA hoje e amanhã o magestoso e fantástico filme LADRÃO de BAGDAD” (CINEMAS, 1950a, p. 2). Anos depois, por volta de 1950, surgiu também sessão de cinema no Cine da Associação Atlética que trouxe filmes de internacionais, a exemplo de “Em Cada Coração um Pecado²⁰”, lançado em 1942. “Já no cinema do Cine Associação Atlética era outro a ser exibido hoje EM CADA CORAÇÃO um PECADO, com Donald Reagan e Ann Sheridan” (CINEMA, 1950a, p. 2).

1.2 Festividades de São Félix: anos 1920 a 1970

1.2.1 Festas religiosas

As festividades carnavalescas e as celebrações religiosas tiveram bastantes destaques no *Correio de São Félix*, porém as brincadeiras das festas juninas, principalmente as do São João, embora não tenham sido abordadas pelos periódicos, elas também fazem parte da diversão sanfelixtas, bem como pau-de-sebo, corrida de sacos e quadrilhas juninas. Atualmente, a cidade de Cachoeira é quem realiza a festa junina em maior proporção, segundo Jânio Roque de Castro (2012), ela foi uma das pioneiras na Bahia a promover a festividade com concentração no espaço público urbano, desde a década de 1970, por iniciativa da Bahiatursa.

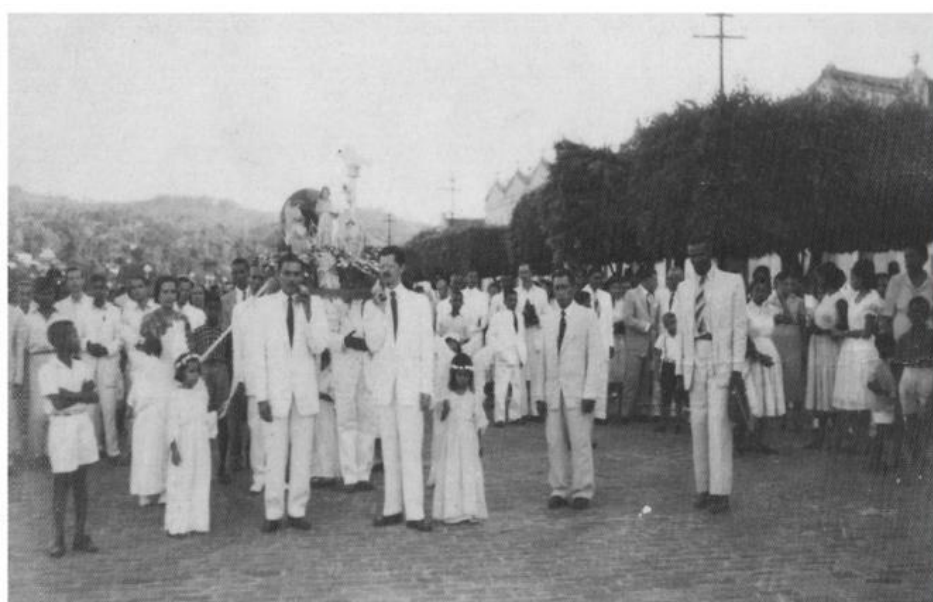
Em pesquisa realizada em algumas edições do jornal *Correio de São Félix*, no período entre 1940 e 1975, notou-se que das principais festas religiosas realizadas nas cidades, destacaram-se a festa de Senhor Deus Menino, de Senhor São Félix e de Nossa Senhora do Desterro – na comunidade de Outeiro Redondo.

Durante as nove noites do mês de dezembro, com data móvel, os fiéis da Paróquia Senhor Deus Menino reuniam-se para celebração do santo. Alguns grupos sanfelixtas

²⁰ Em *Cada Coração um Pecado* conta a história dos amigos americanos Parris e Drake, nascidos na pacata cidade de Kings Row. Porém, descobriram, já adultos, que havia um segredo por trás daquele sossego na cidade.

recebiam homenagens no novenário, como por exemplo, em 1950, o jornal destacou: “[...] a senhora e senhoritas, crianças, ferroviários e a fábrica Costa Pena & CIA” (HOMENAGENS..., 1950, p. 3). A organização do festejo, assim como nos dias atuais, mudava a cada ano. O *Correio de São Félix* descreve como foi a de 1950. “Sob o patrocínio de uma comissão de artistas como Alfredo Santos, Francisco Santos, Osvaldo L. Queiroz e outros comissários, as comemorações prometem brilhantismo invulgar dentro do programa elaborado que chegará ao conhecimento do público dentre breve” (HOMENAGENS..., 1950, p. 3).

Figura 17: Procissão de Deus Menino, 1957



Fonte: SOUZA²¹, 2018, p. 222

A Figura 17, vista acima, é da procissão de Deus Menino realizada após a missa festiva, em 1957. Nela pode ser visto crianças vestidas de anjos à frente da imagem de Deus Menino que é carregada por devotos vestidos de branco. A imagem do santo sobressai do público pela altura que foi colocada nos ombros dos fiéis. Atrás da imagem principal, seguem outros santos e fiéis. Nesse ritual de fé, os santos percorrem as principais ruas da cidade e retornam à igreja para a benção final.

A igreja de Senhor Deus Menino foi construída no século XVIII, no local privilegiado com ruas que dão acesso a Cachoeira, pela ponte D. Pedro II, a Muritiba pela

²¹ SOUZA, O. F. O. de. **Históricos diversos**. In: História de São Félix: cidade presépio, p. 222, 2018.

rua da Rodagem (BA-502) e pela Avenida Manoel Vitorino - acesso a BR 101, e a Maragogipe pela rua J. J. Seabra.

Já a festa de São Félix de Cantalice, também era celebrada no mês de dezembro, até os anos de 1970. Nos textos publicados nos jornais não foi possível identificar o motivo e o período em que houve a mudança para setembro. Atualmente a festa é celebrada em 18 de maio, data de nascimento e falecimento do santo, sendo feriado religioso no município, conforme a Lei de nº 281 de 10 dezembro de 2013.

Figura 18: Procissão de São Félix, 1935



Fonte: SOUZA²², 2018, p. 222

A Figura 18 se refere a uma das profissões realizadas na cidade em louvor a São Félix, padroeiro da cidade. Centenas de devotos acompanham as imagens de São Félix de Cantalice e de outros santos que são carregadas por representantes políticos, comerciantes e outros fiéis. Uma edição do *Correio de São Félix* de 1950 descreve sobre a referida festividade:

Festa de São Félix popular e religiosa. A popular era com o Conjunto Marujada, Salas da roça e Banhistas, máscaras avulsas, cordões e outros. [...]

A 'Marujada' vem sendo o melhor conjunto apresentado, além das 'Salas da Roça' temos diversos como 'Banhistas', máscaras avulsas e cordões outros. (AS FESTIVIDADES..., 1950, p. 3).

²² SOUZA, O. F. O. de. **Históricos diversos**. In: História de São Félix: cidade presépio, p. 222, 2018.

O referido relato jornalístico permite observar que havia outras manifestações culturais dentro dos festejos religiosos, como cordões e o grupo Marujada e ternos Salas da roça e Banhistas. Assim como a de Deus Menino, tal festividade também fazia homenagem a grupos considerados importantes para a cidade, como pode ser verificado no relato abaixo:

O bando anunciador da programação dos festejos dedicados ao Paddroeiro da cidade, o Senhor São Félix, devera amanhã a cidade animar as ruas das cidades marginais ao Paraguaçu. As novenas, cujo programa será profusamen distribuído, terão inicio às 19, conforme o paranifos seguintes: **Funcionarios Punlicos, Anarquicos e Bancarios, Classe Caixeiral; Artistas; Senhorinhas Pedreiras; Sindicato dos Arrumadores; Senhoras e Comissão de Festas.** A União Sanfelixta animará os corêtos. No dia 27 será celebrada missa, havendo comunhão geral (AS FESTIVIDADES..., 1955, p. 1, grifo nosso).

Além disso, a prancha – característico do carnaval –, também esteve presente na festa. Conforme a matéria do dia 5 de novembro de 1949, do *Correio de São Félix*, “diversas pranchas conduzindo elementos da juventude feminina da cidade avivaram com a graça da vivacidade e beleza o Pregão contando-se grande número de cavaleiros habeis movimentavam a passeata” (ANIMADO..., 1949, p. 1). Portanto, nota-se que, assim como no carnaval, a festa religiosa não acontecia isolada dos demais movimentos culturais populares da cidade, os elementos culturais se mesclavam.

A parte profana do novenário a São Félix é descrito no jornal de forma positiva, ou seja, “uma realização que podemos denominar de extraordinaria” (REALIZADA..., 1950, p. 4). Porém a festividade recebeu críticas por parte do diretor do *Correio de São Félix*, Gonzaga Dias. Em uma edição de 1950, na coluna *É... Isto mesmo!*, assinada por Paraguassú, que era um pseudônimo do referido diretor, há um alerta para os governantes em relação à festa de São Félix.

A cidade está cheia de lumôres. Musica e batucada. Devoção e folguêdo.
O póvo não está prosa. Mesmo sem dinheiro. Mesmo com a crise.
O póvo aliaz, tem essa qualidade. Sofre, mas suporta as agruras com o derivativo da folia.
Em São Felix, principalmente, o póvo é quem anima e dá vida a tradição. Pela classe granfina ela estaria morta. [...]
Fica na janela espiando o póvo que vem à rua, figurando nos *ranchos*, e nas *bandeiras*, nos *ternos*, na iniciativa, fazendo festa, vendendo alegria.
Esta festa da cidade é um exemplo. Cadê a representação social que não apareceu?

O povo é quem fez a festa. A nata, a elite, guardou o vestido para exhibir nas horas de Deus.

A elite não apareceu, mas a gentinha fez a festa (AS FESTIVIDADES..., 1950, p. 3).

O relato afirma que a população sanfelixta passava por uma crise e tinha pouco recurso financeiro, no entanto, se divertia na folia. Alguns foliões levavam suas próprias manifestações culturais para o ambiente festivo, como os ternos. Outra parte da população, que morava nos trechos festivos, assistia das janelas e das sacadas das casas o que acontecia no percurso da festa. Mas sobressai uma crítica aos governantes e demais membros da alta sociedade da cidade, descrita como “elite”, que não esteve presente nos festejos e nem contribuiu financeiramente, deixando a responsabilidade nas mãos do povo, a “gentina”, segundo a matéria. É bem pertinente tal crítica pois, para o autor, a festa popular deveria ser organizada e bancada por recursos públicos, embora ele tenha concluído que o povo conseguiu realizar uma brilhante festa por iniciativa própria. Dessa maneira, verifica-se que a crítica teve caráter pessoal do jornalista, já que não houve menção de opinião da população com relação a satisfação no festejo.

Outra manifestação religiosa a se destacar é a de Nossa Senhora dos Navegantes, porém era celebrada em parceria com outras cidades, principalmente com Cachoeira. A procissão, ao contrário das outras religiosas abordadas anteriormente, era fluvial, realizada em barcos no rio Paraguaçu, no mês de fevereiro, como afirma o relato jornalístico:

Domingo a tarde, efetuou-se a profissão fluvial, sendo a imagem de N. S^a. dos Navegantes transportada em barco puxado pelo navio Porto - Seguro, até a vitória. Desembarcando na vizinha cidade no retorno, chegou a procissão, conforme uso tradicional, pela ponte a esta cidade. (FESTAS... 1953, p. 2).

Por fim, foi registrado no *Correio de São Félix*, no mês de fevereiro de 1953, uma homenagem à Nossa Senhora do Desterro no distrito de Outeiro Redondo, local onde teve início a cidade sanfelixta. A festa foi realizada com novenário, missas, procissões e outras manifestações culturais, conforme diz a matéria do referido jornal de 1953

Domingo ultimo, teve lugar em Outeiro Redondo, as imponentes festas dedicadas à Padroeira N^a Sa. do Desterro. Milhares de pessoas estiveram presentes à grandioza procissão na tarde daquele dia [...]. Houve quermesse, leilão e demais divertimentos populares antes e depois das celebrações religiosas (FESTAS..., 1953, p. 2)

A quermesse e o leilão aparecem como particularidades da referida festa religiosa, pois não foram observados registros deles nas outras celebrações aqui mencionadas. A Igreja de Nossa Senhora do Desterro carrega o simbolismo de ser a primeira Igreja da cidade de São Félix, construída por volta dos anos de 1838.

1.2.2 Manifestações Cívicas

Em 20 de dezembro de 1889, o então governador do Estado da Bahia, Dr. Manoel Vitorino Pereira, elevou a freguesia de São Félix à categoria de Vila, porém continuava povoado de Cachoeira. E essa data era festejada na cidade civicamente. Uma publicação de 1949 descreve como foram as comemorações cívicas

A data sanfelixta da elevação a vila como o ato primordial para instalação do município independente em 1889, à 20 de Dezembro foi comemorada condignamente.

Numa exuberante demonstração de que nós não nos deixamos abater pela indiferença e cultuamos as efemerides com o mesmo ou maior civismo de outras localidades, assistimos a iniciativa particular promover as homenagens que foram tribuladas ao Dia da Cidade.

Todo percurso da Rua 20 de Dezembro foi embandeirada e ornamentada pela comissão composta de Juarez Souza, comerciantes Antônio Magalhães, Antônio Miranda Eloi, Antenôr Tosta, Gilberto Santos e outros, havendo salvas e foguetes durante todo dia.

A “Associação Atlética” pelo seu serviço de Alto-falante dedicou um programa especial com a cooperação de alguns intelectuais inclusive o historiador Adalberto Dourado que as 21 horas realizou uma palestra alusiva à data pelo microfone.

A “União Sanfelixta” efetuou retumbante passeata pela cidade, encerrando a efemeride que não foi esquecida pelos nossos conterrâneos e pelo comércio (COMEMORADO..., 1949, p. 3)

Outra publicação do *Correio de São Félix*, desta feita de 1951, narra as comemorações do dia 20 de dezembro, que celebrou os 61 anos de autonomia política, administrativa e cívica de São Félix.

São Félix, nesta data, comemora seu 61 aniversário de autonomia política, administrativa e cívica.

No albar do século 19, conduzida por um púgilo de individualidades merecedoras do novo respeito, gratidão e carinho patriarcal à 20 de Dezembro de 1889, a nossa terra conseguia a primeira vitória na luta pela emancipação [...]

Comemorando o notável evento, a prefeitura e a câmara municipal, festejam hoje o transcurso da efeméride, com manifestações de realce, começadas às 8 horas com hasteamento do pavilhão nacional, e às 18, descida do augusto pavilhão.

Às 21 horas, passeiata pelas ruas da cidade à luz de fôgos cambiantes e animadas pelas filarmonicas União Sanfelixta, Lira Ceciliana e Minerva Cachoeirana.

Às 21 horas, recepção ao oradôr oficial e sanfelixta conceituado, dr. Julio Ramos de Almeida, e mais tarde, a sessão solene no salão da camara municipal.

Encerrando as homenagens, soberbo baile, será levado a efeito nos salões do paço municipal, dedicado ao pôvo e à todas as classes da cidade (AS VIBRANTES..., 1951, p. 5).

Porém, essa data deixou de ser celebrada na cidade, – não foi encontrado nos arquivos o período desse fim –, mas agora centraliza-se as comemorações apenas em 25 de outubro, data esta em que o município foi elevado à categoria de cidade.

Outra comemoração cívica registrada em São Félix, no período analisado, foi referente ao 2 de Julho. As festividades ao 2 de Julho é marcante para toda a Bahia, pois foi nesta data que as tropas portuguesas foram derrotadas em 1823, dando início a separação do Brasil do domínio de Portugal. A comemoração presta homenagem à memória dos que lutaram contra as tropas portuguesas, como Maria Quitéria, Joana Angélica, Corneteiro Lopes e João das Botas; e também as figuras simbólicas do Caboclo e da Cabocla. Uma dessas celebrações em São Félix, de 1943, foi registrada pelo periódico

A data de 2 de Julho, culminada nesta cidade com manifestações patrióticas, foi uma apoteóse aos nossos herois que souberam defender com seu sangue, a soberania Pátria, que agora nos cabe zelar. [...]

4 de Julho

à tarde, percorrendo o numeroso préstito composto de bandas de musicas, escolas, e instituições diversas, as ruas engalanadas da cidade, sob verdadeiro delírio popular como real consagração aos nossos vultos heróicos, sendo mais uma vez conduzidos em passeata, as figuras simbólicas do Cabôclo de 25 de Junho e da Cabôcla 2 de Julho. [...]

À noite, a filarmônica "União Sanfelixta", realizou artística retreta no corêto erguido à Praça José Ramos, feericamente iluminada, sendo às 20 horas, organizada nova passeata para a levada do Cabôclo para a heroica cidade de Cachoeira [...] (AS COMEMORAÇÕES... 1943, p. 3)

Verifica-se que a festividade de 1943 ultrapassou o dia 2 de Julho, indo até o dia 4, e envolveu apresentações musicais, escolares e outras instituições da cidade. Atualmente ocorre apenas no dia 2 com participação de diversas cidades da região. O relato também cita a presença do Caboclo e da Cabocla que são figuras criadas para homenagear os batalhões e os heróis de 1823 que, pela bravura e coragem, lutaram pela liberdade do Brasil. A história conta que o povo resolveu fazer sua própria comemoração e, em 1826, levou uma escultura de um índio para representar as tropas, já que não poderia

ser um homem branco, porque lembrava os portugueses, nem os negros que, na época, não eram “valorizados”. Vinte anos depois, a Cabocla foi incluída nas comemorações.

O Caboclo fica na cidade de Cachoeira e a Cabocla em São Félix, se encontram apenas nas festividades comemorativas da Independência da Bahia, 2 de Julho. No dia 24 de junho a Cabocla é levada pelas autoridades políticas e religiosas de São Félix até Cachoeira e retorna no dia 27 acompanhada do Caboclo o qual é conduzido para Cachoeira após o desfile do 2 de Julho, seguido pelas autoridades desta cidade.

1.2.3 Festa popular – Micareta

A micareta de São Félix, assim como em outros municípios da Bahia, era realizada após a Quaresma, com data móvel, entre os meses de abril e maio, geralmente durava quatro dias. A primeira realização foi em maio de 1968, no governo de Fernando Ramos de Almeida Alves (1967/1971), sendo a última edição em maio de 1996, na gestão de Eduardo José de Macedo. As primeiras edições foram realizadas em clubes e associações da cidade, Clube Floresta e a Associação Atlética, como os bailes de carnaval; e também nas ruas, acompanhada de blocos de fantasias e charangas. Com o passar dos anos, a festa concentrou-se apenas nas ruas.

São Félix foi a única cidade do Recôncavo da Bahia com registro da festa nos documentos pesquisados. Feira de Santana também realizava nesse período (e ainda mantém a tradição), mas por ser mais distante do Recôncavo, a maioria dos foliões, vizinhos a São Félix, davam preferência à tranquilidade interiorana da pequena cidade.

Pode-se dizer, então, que a micareta agregou alguns elementos do carnaval, como os bailes de clubes, mas trouxe de inovador o desfile de blocos de fantasias nas ruas e os trios elétricos, vindos de Feira de Santana, – o Brilhaê – e de Salvador – o Tapajós e o Destaque. Dessa maneira, a micareta ressignificou outra forma de divertimento, pois juntou a elite sanfelixta e as pessoas de classes populares, assim, eles dançavam e pulavam atrás do trio elétrico. Era um dos maiores eventos da região do Recôncavo da Bahia na época.

A micareta na rua tinha a animação de trios elétricos com celebridades regionais e da capital como Tonho Matéria e Sarajane; também envolvia charangas, cordões e, principalmente, os blocos de fantasias. Já nos clubes, a micareta era animada por bailes dançantes, sob o som de orquestras locais.

Além dos sanfexlistas, participaram também foliões de outras cidades, inclusive de Cachoeira, Maragogipe, Muritiba, Governador Mangabeira, Cruz das Almas, Castro Alves, Sapeaçu e Conceição da Feira; e também de outras mais distantes: Feira de Santana e Salvador. Sanfelixtas, que estavam na capital, aproveitavam o período da micareta para visitar suas famílias e amigos, e brincavam no festejo. O folguedo também atraía barraqueiros e ambulantes da região para vender alimentos e adereços relacionados ao folguedo.

Havia um desfile de blocos à fantasia, que era um dos momentos fortes da festa. Era premiado o bloco com a fantasia mais criativa e inovadora. Cada ano surgiam novos blocos e outros desapareciam. Os blocos Garotas internacionais, H-Tiola, Brilho da Lua, Vamos Nessa, Novo Oriente, Fênix e Status eram os mais famosos, desfilaram por vários anos na festa. Também tinha o desfile de escolas de samba, a exemplo da Escola Samba Filhos da Índia e Filhos de Cachoeira. A torcida dos blocos acompanhava de perto todo o desfile pela calçada.

O trio elétrico, por sua vez, depois de percorrer as ruas da cidade, se concentrava na Avenida Salvador Pinto, porém as últimas edições foram apresentadas na praça José Ramos. Em cima do trio, os artistas passavam a energia contagiante para o público. Os primeiros sinais da festa eram pela tarde, indo até de madrugada.

A Prefeitura era a principal patrocinadora do evento e colocava gambiarras, pintava calçadas e corretos, além de se responsabilizar pelos cachês dos artistas e do aluguel do trio elétrico. Também financiava os prêmios dos vencedores dos blocos de fantasias. Em alguns anos, o evento teve patrocínio de pequenas empresas da região, como a Cia. Souza Cruz Indústria e Comércio Ltda, de Cruz das Almas, produtora de charutos. A fantasia dos blocos era de responsabilidade dos próprios integrantes que não poupavam esforços nos *designers* das fantasias.

Além da divulgação no jornal *Correio de São Félix*, a festa teve cobertura, alguns anos, da Rádio Vox AM (atualmente FM), emissora que fica em Muritiba, cidade vizinha a São Félix, e da Rádio São Gonçalo AM, de São Gonçalo dos Campos, outra cidade próxima. Essas duas emissoras, de médio alcance, transmitiram os bastidores e as atrações musicais do festejo, provavelmente, com algum apoio financeiro dos envolvidos na festa.

A matéria do jornal *Correio de São Félix*, de título “A micareta brilhou e agitou a cidade nos quatro dias de folguedos e esplendor”, publicada em 24 de maio de 1975, descreve a micareta nos clubes e nas ruas. Aponta que a festa durou quatro dias de intensa movimentação, de sábado a terça-feira, sendo domingo o dia de maior movimentação dos

foliões, principalmente por ser um dia de folga do trabalho. A festa no domingo transformou “a cidade num cenário maravilhoso pelos blocos milhares de foliões fantasiados, ternos, batucadas e o maravilhoso e rumuroso ‘Trio Elétrico Tapajós’”, (A MICARETA..., 1975, p. 1). A narrativa conta que choveu bastante durante os festejos, porém não atrapalhou o evento que contou com milhares de pessoas na rua e o trio arrastou “multidão no desfile pelas ruas quasi intransitáveis” (A MICARETA..., 1975, p. 1).

Nos clubes a micareta também foi sucesso no referido ano: “Os clubes ‘Associação Atlética de São Félix’ efetuaram bailes à fantasia nos sábados e segunda-feira, Floresta F. C. nos domingos e terça-feira com exito elogiavel Blocos fantasiados de Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Cachoeira e Conceição da Feira, cooperaram dos festejos” (A MICARETA..., 1975, p.1). Além das trocas culturais e sociais entre essas cidades vizinhas, a mesma publicação ainda relata a movimentação no comércio, com presença de ambulantes da região e a quebra da rotina cotidiana.

[...] com entusiasmo e ordem, onde as camadas social e populares, se irmanaram quebrando a rotina ardua das labutas diárias, com as ruas ornamentadas, com símbolos e figuras correspondentes às comemorações gambiarras multicoloridas pelas milhares de lampadas, bancas de bebidas e comidas, barracas e bares instalados pelas praças as ocupadas por negociantes ambulantes de quinquilharias (A MICARETA..., 1975, p. 1).

A publicação não dispunha de imagem, é composta somente por um texto simples, publicado no lado direito da capa do jornal. Nela é possível observar o quanto a festa era significativa para São Félix e região, ao envolver público de diferentes localidades.

Já a publicação de título “Preparativos para animada Micareta, com quatro dias de folguedos”, da edição do mesmo periódico, de 4 de fevereiro de 1978, iguala a celebração da micareta ao do carnaval. “Conforme, se tornou costume, em lugar do carnaval, as comemorações idênticas são realizadas com a MICARETA que desperta mais vibrações e brilhantismo na população cidadins” (PREPARATIVOS..., 1978, p. 1). É um texto curto, disposto na primeira página do jornal, sem imagem ilustrativa. Segundo a publicação, os festejos desse ano começariam no dia 30 de abril, indo até o dia 2 do mês seguinte, ou seja, com duração novamente de quatro dias. A publicação traz ainda a expectativa de ser um evento com a presença de vários foliões das cidades vizinhas e que iria repetir o mesmo brilhantismo de anos anteriores. Portanto, percebe-se um forte entusiasmo para um evento que vinha se tornando o principal meio de lazer na cidade.

A narrativa de 1979, de título “Sucesso total na micareta”, tomou toda a segunda página do *Jornal Correio de São Félix*. Relata também a participação do trio elétrico, além de blocos e cordões que animou a pequena São Félix durante quatro dias (de 5 a 8 de maio). A festa é destacada em três espaços: nos clubes, nos passeios (fora dos blocos) e nas ruas (dentro dos blocos). Cinco fotografias dos três ambientes foram adicionadas à narrativa, como comprovação de tal afirmação de uma festa contagiante. As imagens são em preto e branco, porém é possível observar os foliões à vontade, entregues à vibração musical.

Figura 19: Micareta nas ruas e nos clubes sanfelixtas



Fonte: *Jornal Correio de São Félix*²³, 1979, p. 2

Conforme observa-se na figura acima, nos três espaços, os foliões, de diferentes idades, se divertiram à vontade. “[...] a nossa cidade viveu momentos de enorme euforia com a micareta” (SUCESSO..., 1979, p. 2). O destaque maior foi para os clubes que tiveram vários embalos com a animação da orquestra e do bloco H-Tirol, que representava o bairro Salva-vidas. A festa da rua foi animada pelo trio elétrico Marajós, trio de Maragogipe. Assim, pode-se notar por essa narrativa que a micareta preenchia com diversão vários espaços na cidade, provocando grande euforia no público.

²³ SUCESSO total na micareta. *Jornal Correio de São Félix*. São Félix, ano 46, nº 2379, p. 2, 12 mai. 1979.

Figura 20: Público e bloco à fantasia juntos na micareta de 1980



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

Essa figura exibida acima, de 1980, revela uma micareta bem parecida com o carnaval. Nela podem ser vistos integrantes de blocos fantasiados em desfile pelas ruas, trazendo mais brilho do que colorido, apenas são vistos os tons verde, dourado, vermelho e branco. Dois foliões da imagem (de vestimenta verde) usam trajes característicos de Arlequin²⁴, já outro (de dourado e branco), aparece representando a figura de Pierrô. Ambos personagens são comuns nas fantasias de bailes carnavalescos.

Na Figura 19, ainda é possível ver que o público presente é composto por crianças, jovens e adultos que contemplam as apresentações da noite festiva. Ao olhar para a parte mais acima da imagem, nota-se gambiarras que iluminam a passarela da micareta, colocadas pela Prefeitura para deixar o espaço mais iluminado.

²⁴ Personagem da Commedia dell'arte, muito comum nas fantasias carnavalescas ao lado de Pierrô e de Colombina.

Figura 21: Animada micareta de 1982 na orla da cidade



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, sem data

A figura acima, do ano de 1982, exibe uma banda musical em cima do trio elétrico Tapajós se apresentando para a multidão jovem que acompanha na parte inferior do trio, na Avenida Salvador Pinto, em um final de tarde. Os foliões dançam e brincam sem se preocupar com vestuário padronizado. Muitos rapazes estão sem camisas e com *shorts* curtos, uns de tênis e outros de sandália, dando mais liberdade ao movimento corporal. As mulheres usam camisetas e *shorts* curtos, também protegem seus rostos do sol com viseiras, porém seu número é insignificante perto dos garotos que extravasam na diversão. Do lado esquerdo da imagem, é possível ver um pedaço do rio Paraguaçu e da cidade histórica de Cachoeira. Assim, essa imagem, de fato, é uma relíquia histórica que serve como testemunho dessa micareta alegre e popular, como defende Silva (2016). Ou seja, observa-se o quanto a fotografia é importante como um documento social.

Na edição do jornal *Correio de São Félix* de 1983 do dia 14 de maio, contou com duas publicações sobre a micareta: uma com título “São Félix, Folia geral”, que ilustra a matéria com a imagem mitológica do rei Momo – figura mitológica, geralmente, presente nos carnavais. Dentro do texto, também há referência a ele: “Com a entrega das chaves da cidade, à Majestade REI MOMO, primeiro e único, São Félix, a cidade presépio da zona do paraguaçu, é só alegria e animação” (SÃO FÉLIX...,1983, p.1). A mesma reportagem cita a presença dos trios Tapajós, Viking’s e Poupança BANE. A festa teve ainda a presença ilustre da rainha e das princesas da micareta de Feira de Santana, “além

de fantasias de luxo do ‘baile cajú de ouro’, dentre eles o ‘Imperador Pedro I’, ‘Bahia de todos os cantos’ e ‘Guerreiro da eterna Roma Imperial’” (SÃO FÉLIX..., 1983, p. 1).

A outra narrativa do jornal *Correio de São Félix* de 14 de maio, por sua vez, assinada por um delegado de polícia, Clais Miguel Gama - um colaborador do periódico -, relata uma festa de alegria coletiva para os “modestos e os grã-finos” (GAMA, 1983, p. 2). Nas ruas, a matéria afirma que: “Passam os blocos sujos e os blocos elegantes. A massa se cumpre de um lado e de outro da rua principal, à espera do desfile das duas ou três escolas de samba, que tudo fazem para ter a mão o troféu da vitória” (GAMA, 1983, p. 2). Ele relata uma animação na cidade de forma coletiva, porém fazendo questão de apontar diferença social entre os “sujos” e os “elegantes”.

Clais Gama denomina a micareta de 1983 de Micareta da Gratidão. “É um reconhecimento sincero por um benefício recebido. [...] Só não sabem agradecer os rudes e os sem alma” (GAMA, 1983, p. 2). Assim, percebe a festa como algo bastante positivo para São Félix e por isso o lema que ele dá para o folguedo é “Liberdade”. O autor chama atenção dos foliões para manter a paz nos festejos, pontuando que todos têm liberdade, porém não se deve abusar dela.

Este alerta vai para os jovens, que por entusiasmo próprio da idade, sempre se lembram que a liberdade tem asas, mas esquecem que os vôos têm limites. Sejam prudentes quando na direção de seus veículos, zelem pela dignidade de seus familiares, brinquem a valer, moderado e consciente de seus atos, pois todos temos um compromisso com a sociedade. Vamos então, aproveitar este Micareta da Gratidão para brincar em paz e harmonia (GAMA, 1983, p. 2).

O texto também pontua que a festa na cidade pacata era refúgio para os que estavam fora, que aproveitavam o período para visitar a família e se divertir. “As famílias têm o contentamento de receber os parentes, filhos, genros, noras e amigos outros que residem fora. Os que trabalham na capital, aproveitando as folgas proporcionadas por Momo, buscam sossego do interior” (GAMA, 1983, p. 2). Nota-se, portanto, que a memória dos sanfelixtas, que estavam fora da cidade, tinham da festa, despertou o sentimento de identidades deles, como foi por frizado anteriormente por Pollak (1992), o que os fez retornarem à cidade para fortalecer vínculos afetivos e culturais.

Figura 22: Centenas de foliões brincaram nas micaretas sanfelixtas



Fonte: *Jornal Correio de São Félix*²⁵, 1983, p. 1

Já a narrativa publicada no dia 21 de maio, (figura acima) também de 1983, na capa do *Jornal Correio de São Félix*, teve como título “Animação do primeiro ao último dia”. Nela pode ser vista uma imagem fotográfica da rua lotada de foliões, com a legenda “O povo brincou em boa ordem, mas a Polícia esteve sempre vigilante”. O texto é curto, porém traz várias informações sobre os festejos de 1983. Não só na legenda, mas dentro da matéria há relato de que não ocorreu nenhuma violência durante os festejos. “Clima de contagiante alegria, o povo brincou durante quatro dias, sem badernas, sem molequeira” (ANIMAÇÃO..., 1983, p. 1). Nesse ano houve a presença de outros trios além do Tapajós: Carbasa, Poupança BANEB e Viking’s. Um detalhe do texto é sobre os barraqueiros, tudo indica que os preços da cerveja era um pouco alto, comparado aos dias normais, a frase “Apesar do preço!” deixa brecha para tal afirmação, porém, isso é bastante comum em eventos festivos. Por fim, o relato jornalístico destaca que a festa foi sucesso. “Excedeu a todas as expectativas a sensacional micareta” (ANIMAÇÃO..., 1983, p. 1). A festa popular permaneceu em São Félix até o ano de 1996.

Dessa maneira, a partir do que foi analisado, observa-se um forte desenvolvimento econômico e cultural em São Félix. Uma vez que sediou, além de

²⁵ ANIMAÇÃO do primeiro ao último dia. *Jornal Correio de São Félix*. São Félix, ano 50, nº 2389, p. 1, 21 mai. 1983.

grandes casas de comércio, importantes fábricas de charutos que favoreceram significativamente à estrutura econômica da Bahia e do Brasil, com escoamento de produtos através das linhas de trem e de navios que navegavam pelo rio Paraguaçu. O esporte e o cinema, fenômenos típicos da modernidade, constituem-se importantes representações de desejos que entrelaçam o imaginário popular, ingredientes estes que contribuíram para consolidação de identidades nacionais. Ambos despertaram notável atenção e visibilidade do público sanfelixta que contemplavam novas formas de entretenimento, de representação, de espetáculo e de lazer. Ademais, ressalta-se aqui as festas cívicas e populares, marcadas por rituais simbólicos que reuniram membros das mais diversas camadas sociais nas ruas para celebrar conquistas, fortalecer vínculos e sentimentos, e compartilhar valores a partir de representações discursivas, simbólicas, alegóricas, gestuais e comunicacionais.

Conforme foi exposto neste capítulo, vê-se que além da festividade carnavalesca, outros eventos faziam parte do calendário festivo sanfelixta. Alguns promovidos por iniciativa pública e/ou privada e outros por particulares. Porém, nenhum deles tiveram a mesma proporção dos carnavais no que diz respeito à duração, à presença de participantes de outras cidades e às indumentárias festivas.

Mesmo havendo vários eventos como o Regime do Estado Novo, Guerras Mundiais, Ditadura Militar, crise econômica, nota-se que as manifestações culturais se apresentaram na cidade como uma fuga da situação vivida, um lazer momentâneo. Observando a década de 1950, por exemplo, período em que o Dannemann passava por forte crise financeira, ainda consequência da II Guerra Mundial, o que resultou no fechamento de alguns estabelecimentos e diversas demissões, ou seja, a economia de São Félix estava afetada. Foi justamente nesse período em que a Prefeitura investiu no carnaval de rua, contratando trio elétrico, artistas, além de patrocinar concurso de blocos. Talvez tenha sido uma estratégia para negar o momento conturbado que a economia local enfrentava.

CAP. 2: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DO CARNAVAL NO RECÔNCAVO DA BAHIA

Este segundo capítulo propõe-se trazer uma discussão sobre as memórias carnavalescas do Recôncavo da Bahia, observando as dinâmicas do contexto festivo, os elementos culturais incrementados à festa, a presença de público externo às cidades, entre outras dimensões. Para tanto, primeiramente, são feitas considerações acerca da memória coletiva e de suas vertentes: memória cultural e comunicativa. Também a respeito de aspectos históricos e teóricos sobre o carnaval no Brasil. Em seguida, serão acionadas narrativas sobre o carnaval em cinco municípios: Cachoeira, São Félix, Muritiba, Maragogipe e Cruz das Almas, a fim de constituir uma ideia de circuito cultural e comunicacional do carnaval no Recôncavo. Esses lugares são municípios limítrofes e os únicos da região com relatos da festa nas edições dos jornais analisados (*Correio de São Félix, A Ordem e A Vanguarda*).

Com esse desenho, o capítulo cumpre uma etapa importante do processo metodológico da pesquisa, que é a análise cultural, pois visibiliza o contexto no qual o recorte dado – o carnaval em São Félix – esteve inserido. Dessa maneira, busca compreender como o carnaval de São Félix se articula na sua rede de sociabilidade cultural mais ampla que é o Recôncavo da Bahia. O período de estudo foi concentrado entre os anos de 1920 e 1970, pois abrange o início e final dos festejos, com exceção de Maragogipe que ainda mantém a tradição festiva até os dias atuais

2.1 Memória coletiva, cultural e comunicacional

O conceito de memória é bastante complexo e perpassa diferentes áreas do conhecimento, por isso a proposta aqui não é encontrar uma definição precisa, mas compreender a sua importância, especificamente, no âmbito de uma manifestação cultural, que é o carnaval. As formas de memória que serão abordadas são: memória coletiva, memória cultural e memória comunicativa.

Segundo Assmann (2016), até os anos 1920, a forma de memória que se tinha conhecimento era a relacionada ao sistema neuromental humano, portanto, uma memória puramente individual e subjetiva. Todavia no século XX, o sociólogo Maurice Halbwachs reformulou um novo significado na área das ciências sociais, destacando-a como um

fenômeno eminentemente coletivo, conceito fundamental para compreender sua relação entre a comunicação e a interação social. Com o passar do tempo, foi-se ampliando ainda mais esse conceito.

A memória é uma das maneiras de conservar e relembrar experiências, vivências e demais aspectos relacionados ao passado. Essa memória pode se apresentar de forma interna (subjativa), aquela que está armazenada no cérebro; ou de forma externa, como documentos, fotografias, monumentos, símbolos, objetos, etc. Mas é importante frisar que na memória interna também existem lembranças que não são exclusivas de coisas vividas ou vistas pessoalmente, são as chamadas de memórias adquiridas, já observadas por Halbwachs (1990). Ela vem de leitura, de imagens, de programas de TV e de rádio, ou até mesmo de conversas com terceiros.

Nesse sentido, a memória contém lembranças, histórias, conhecimento, sentimentos de interações sociais, ou seja, referências que fortalecem as identidades referentes aos aspectos da comunidade local. Halbwachs também ressalta que a memória não é apenas individual porque nela outras pessoas também estão envolvidas.

[...] o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias. De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como um membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que essas interessam ao grupo (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Portanto, conforme o autor, a memória é formada pelos grupos sociais e também pelos sujeitos. O pesquisador Michael Pollak também defende que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente” (1992, p. 05). Ele explica que a memória é construída por acontecimentos vividos pessoalmente, pelo grupo ou pela coletividade, por pessoas e personalidades (locais ou não) e por acontecimentos que fazem referência a lugares ligados às lembranças (fatos da infância, datas, monumentos, etc.).

Assim, para evocar as recordações, os sujeitos precisam recorrer às memórias de grupos distintos, do qual fazem parte, como da igreja, da política, da escola, da família e de amigos. Isso porque “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos

envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Ou seja, por viver em uma sociedade, haverá sempre uma conexão entre a memória pessoal e a do terceiro. Em relação às lembranças, elas podem vir à memória por meio de diversos aparatos como imagens, conversas, objetos, sons, cheiros ou até mesmo involuntariamente. Logo, não há como se manifestar a memória longe do mundo exterior (físico).

Dessa maneira, a memória coletiva pode ser compreendida, conforme o pensamento de Halbwachs, como aquela pertencente a um grupo social, em que o indivíduo precisa do apoio de testemunhas para sustentar suas lembranças que também é comum aos demais integrantes do grupo. Essa memória não está presa ao passado, ela é alimentada pelas ações dos indivíduos no presente e, conseqüentemente, isso fortalece laços sociais. Assim, é possível dizer que a memória, de fato, contribui na formação identitária das pessoas, as fazem se sentirem pertencentes à comunidade, à região ou ao lugar o qual essa memória está inserida. Pinsky (2008) pondera que:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudadas por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender este mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (PINSKY, 2008, p. 167).

Pollak (1992) também pensa a memória como um elemento que ajuda a formar identidades. Ele explica que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5). Nesse sentido, tomando como exemplo o carnaval, é muito provável que os brincantes frequentem a festa devido a ligação cultural com o local, pois compartilham de uma mesma identidade cultural, uma vez que a identidade tem a ver com os sentimentos pessoais de pertença e de associação ao grupo em que estão inseridos.

Partindo de limitações e de lacunas deixadas pelas pesquisas anteriores sobre a memória, Jan Assmann traz ao mundo acadêmico novos conceitos: *memória cultural* e *memória comunicativa*, os quais foram fundamentados nas pesquisas desenvolvidas por

Maurice Halbwachs sobre memória coletiva. Conforme o autor, a memória é “a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo” (ASSMANN, 2016, p. 116). Assim, para compreender melhor a proposta, ele distinguiu três níveis de tempo, de identidade e de memória, apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1: Níveis de tempo, de identidade e de memória

Nível	Tempo	Identidade	Memória
interno (neuromental)	interno, tempo subjetivo	<i>self</i> interno	memória individual
social	tempo social	self social, pessoa como portadora de papéis sociais	memória comunicativa
cultural	tempo histórico, mítico, cultural	identidade cultural	memória cultural

Fonte: Assmann, 2016, p. 116

Os três níveis são definidos com diferentes dimensões, respectivamente: pessoal, social e cultural. No nível interno, a memória é colocada como uma matéria do sistema neuromental, ou seja, memória individual (a mais conhecida até os anos 1920). No nível social, a memória é vista como uma matéria de comunicação e interação social, (contribuição de Maurice Halbwachs). Já o terceiro nível refere-se ao cultural. Segundo Assmann, foi nesse último nível que o historiador de arte, Warburg, utilizou o termo “memória social” e compreendeu as imagens como portadoras de memória, porém sem mencionar o termo “memória cultural”, afinal, não foi ele quem o desenvolveu.

Dessa forma, Assmann (2016) explica que monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições mnemônicas, podem ser entendidos como portadores de **memória cultural**. Para ele, tal memória “é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural” (ASSMANN, 2016, p. 118)

Ainda segundo Assmann, a memória cultural refere-se a um passado remoto que está presente em símbolos representados oralmente ou escritos, ou seja, ela requer instituições de preservação e solidificação.

A memória cultural é um tipo de instituição. Ela é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentais à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra (ASSMANN, 2016, p. 118).

Além do que foi exposto, Assmann ressalta que a memória cultural pode ser entendida por meio de narrativas, de canções, de danças, de rituais, de símbolos e de performances de vários tipos. Ela é alicerçada em experiências coletivas de um tempo passado e pode durar por milênios. O carnaval pode ser entendido aqui como um exemplo dessa memória, uma vez que é uma manifestação cultural que vem sendo transmitida de geração a geração há muitos anos, além disso, sua memória pode ser acessada por meio de jornais (armazenamento institucional).

A outra modalidade de memória descrita por Assmann (2016) é a **memória comunicativa** que, por sua vez, é formada por um passado recente, expressada na dimensão social com a interação cotidiana na qual o indivíduo compartilha suas memórias com outras pessoas de maneira informal. Essa memória tem profundidade limitada no tempo e não dura mais que três gerações, o que não ocorre com a memória cultural que se conserva por muito mais tempo.

A memória comunicativa não é institucional; não é mantida por nenhuma instituição que vise ensinar, transmitir ou interpretar; não é cultivada por especialistas e não é convocada ou celebrada em ocasiões especiais; não é formalizada ou estabilizada por nenhuma forma de simbolização material; ela vive na interação e na comunicação cotidiana e, por essa única razão, tem uma profundidade de tempo limitada, que normalmente alcança retrospectivamente não mais que 80 anos, o período de três gerações que interagem (ASSMANN, 2016, p. 119).

Portanto, a memória comunicativa é exteriorizada através da oralidade, do cotidiano. Um exemplo são os relatos orais dos foliões sobre os carnavais realizados em décadas passadas. Tal memória se distingue também da cultural em relação à participação no processo de transmissão: na comunicativa, as pessoas mais idosas alcançam uma memória mais remota do que os mais novos; já na cultural, “sempre tem seus especialistas, tanto nas sociedades orais como nas letradas” (ASSMANN, 2016, 123). Tanto a memória comunicativa como a cultural integram a memória da coletividade – memória coletiva.

Nessa perspectiva, nota-se que a memória é dinâmica e pode ser encontrada em diferentes formatos comunicacionais. Quando manifestada de forma narrativa, “a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente” (FREITAS, 2006, p. 47). Logo, entender a história de uma festa popular, como o carnaval, por meio dessas memórias, ajuda a compreender, também, práticas culturais e sociais e subjetividades do sujeito/indivíduo ou de grupos de uma comunidade.

2.2 Carnaval - aspectos históricos e teóricos

Não há pesquisas precisas que deem conta do epicentro da origem do carnaval no mundo e quando ele teve início. Há várias versões sem consenso, alguns defendem ter surgido no Antigo Egito, período conhecido entre 3100 a.C e 30 a.C.; outros na Grécia em meados dos anos 600 a 520 a.C; e há ainda os que afirmam que a festa está ligada às celebrações das saturnais e das bacanais na Antiga Roma. Porém, em nenhum dos casos, não foi utilizado o nome “carnaval”, isso só surgiu anos depois das referidas datas. Embora as versões abordem período e local diferentes, Sabe (1986) observa algo em comum entre as versões: “[...] a origem dos festins carnavalescos se encontra envolvida por explicações mitológicas, ligada à figura de deuses apaixonados, à tragédia e a cultos como o da fertilidade da natureza” (SABE, 1986, p. 09).

Já o carnaval brasileiro, segundo Sabe (1986), pode ser caracterizado a partir da mistura das brincadeiras vindas de diferentes partes do mundo (Europa, África, Oriente). Muitos autores defendem a ideia de a festa brasileira ter iniciado no Rio de Janeiro e copiada posteriormente em outros lugares do Brasil.

No Rio, ainda que não unicamente, fica estabelecida a data de 1853 como uma espécie de momento de definição nacional da festa momística. A "certidão de batismo" do carnaval, em regra, é considerada a portaria baixada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro proibindo o entrudo pelas suas repercussões agressivas (SABE, 1986, p. 55)

Vale lembrar que o Rio de Janeiro teve grande destaque no cenário nacional, principalmente no século XIX, quando abrigou, em 1808, a família real e tornou-se a capital do então Império do Brasil, mas perdeu o posto em 1960 para Brasília. Além de sua importância econômica, foi palco de várias transformações políticas, sociais e

culturais. Conforme, Sabe (1986, p. 54), “O Rio era o modelo mais importante (pelo menos desde a fase Imperial até a década de 20 deste século) para as manifestações nacionais e atuava como matriz ou padrão cultural comumente referenciado”. Então, é plausível que o Rio de Janeiro fosse o local mais apropriado para referenciar o surgimento do carnaval.

As memórias das primeiras comemorações carnavalescas no Rio são percebidas a partir do entrudo, que era uma brincadeira de origem portuguesa em que as pessoas jogavam farinha, água suja, urina e polvilho umas nas outras; geralmente, envolvia os sujeitos mais pobres da sociedade. Tinha o entrudo “popular” (acontecia nas ruas e envolvia a população mais pobre, como os escravos e recém-libertos) e o entrudo “familiar” (realizado nos centros urbanos, no interior das casas das famílias ricas). Segundo Queiroz (1992, p. 165), o entrudo familiar “era organizado por parentelas e grupos de vizinhança”.

Todavia, o entrudo sofreu forte pressão da burguesia brasileira. Por volta de 1853 foi proibido pelas classes dominantes e pelas autoridades policiais, pois pretendiam impor um novo modelo de festa, demarcada por influências europeias, trazendo, em segundo plano, ideais de “civilidade”. É o que reitera Milton Moura (2017):

Em dado momento, as elites queriam que a festa que precedia a quaresma se parecesse com os festejos franceses e italianos, e não com a bagunça associada à festa trazida de Portugal. Desfiles e máscaras estilizadas fariam parte do novo modelo, mas nada de máscaras de monstros e animais, como era no Entrudo. Havia um ideal de higienização e civilização da festa que era associada aos costumes porcos, sujos. (MOURA, 2017, *online*).

Assim, ficou entendido que o entrudo foi uma manifestação cultural caracterizada por brincadeiras perversas. Enquanto se resolvia a questão da censura do entrudo, surge, oficialmente, o carnaval no Rio de Janeiro. As primeiras celebrações foram os bailes de máscaras. Perny (2015) conta que o primeiro baile ocorreu no Hotel Itália, em 20 de janeiro de 1840. “Esse baile foi idealizado por iniciativa de seus proprietários, imigrantes italianos, empolgados pelo sucesso dos grandes bailes de máscaras que aconteciam na Europa” (PERNY, 2015, p. 61).

Observa-se que os bailes eram para pessoas de posses, pois se pagava para ter acesso aos salões, além disso, os foliões eram aconselhados a usarem boas vestimentas. Era uma festa da e para a burguesia. “Os cavalheiros e damas das mais importantes famílias fizeram-se presentes em suas melhores roupas de gala ou fantasias, tais como se

usavam nos bailes parisienses” (PERNY, 2015, p. 62). Além da restrição econômica, o gênero também era um item limitador. “As senhoras de boa família estavam rigorosamente excluídas das atividades das sociedades carnavalescas, tanto cotidianas quanto específicas das folias de Momo (préstitos, bailes de máscaras etc.)” (QUEIROZ, 1992, p. 52).

Por sua vez, Sabe (1986, p. 64) pontua que havia, no Rio de Janeiro, os “bailes para os menos favorecidos economicamente, como os do Teatro Paraíso, e para as 'classes medianas', como os do famoso Hotel Nicola”. Como o número de frequentadores desses espaços, mais acessíveis economicamente, tendia a crescer, a rua parece ter sido uma alternativa mais interessante, onde caberia todos os foliões e seria gratuito.

Na Bahia, o ponto alto do festejo, em formato de baile, acontece entre os séculos XVIII e XIX. A cidade baiana com maior destaque para o carnaval é Salvador. No entanto, outras como Juazeiro, Ilhéus, Porto Seguro e algumas do Recôncavo da Bahia também tiveram seus dias de glória carnavalesca. O carnaval baiano foi realizado semelhante ao do Rio de Janeiro, com algumas limitações. José Carlos Sabe (1986), em seu livro *Carnaval, Carnaval*, traz uma citação do antropólogo baiano Antonio Risério sobre a visão que tinha do festejo:

[...] historicamente, o carnaval baiano já nasceu dividido. De uma parte, o carnaval dos brancos, carnaval de salões, com bailes em clubes fechados, onde a dança girava entre quadrilhas e valsas. De outra parte, o carnaval dos pretos, carnaval de rua, nada europeu, ao som do samba dos batuques em meio à búzios e ganzás (RISÉRIO *apud* SABE, 1986, p. 38-39).

É perceptível, conforme narrativas apresentadas, a existência de uma dicotomia carnavalesca entre festa de salões (para indivíduos brancos/elite) e festa de rua (para indivíduos pretos/pobres). Os bailes nos salões são descritos como os mais finos, elegantes, civilizados, festa de família, pessoas de relevo, o de melhor fantasia e da melhor música – jazz –, festa da elite, entre outros. Como contraponto, a festa de rua aparece com poucas descrições, raramente citando a criatividade e a autenticidade dos foliões nas fantasias e vestimentas que, geralmente, os próprios foliões tomavam a iniciativa de organizar tudo por conta própria. Entretanto, no carnaval como em qualquer outra festa de grande proporção, haverá sempre disputas e negociações de conflitos, envolvendo também luta hegemônica.

Para Paulo Miguez (2006), pesquisador do carnaval baiano, o carnaval é algo complexo e plural, que produz diferenças e desigualdades do cotidiano. “Inversão dos sentidos, aparente modificação das regras do cotidiano, rituais libertadores, prazer, fartura, permissividade, extroversão, vícios, música e dança, comidas e bebidas, compõem esse “tempo extraordinário” que rege a ordem carnavalesca” (MIGUEZ, 2006, p. 21). Miguez também acredita que as sociedades ou clubes carnavalescos surgiram em torno de 1855, “formadas por pessoas da média e alta burguesia: comerciantes, industriais, banqueiros, fazendeiros, profissionais liberais e funcionários públicos graduados” (MIGUEZ, 1996, p. 52).

As danças realizadas nos bailes eram de diferentes ritmos, como valsa, frevo e xote. As máscaras e as fantasias tradicionais de Pierrot, Arlequim e Colombina²⁶, figuras originárias da *Commedia dell'Arte* italiana, se aliaram ao confete e à serpentina para fazerem parte dos salões carnavalescos. Em Salvador, por exemplo, era comum a presença desses elementos. “Os clubes de elite realizavam batalhas de confete e bailes de máscaras para os seus membros nas noites de sexta-feira e sábado nos teatros de São João e Politeama” (ICKES, 2013, p. 204-205).

Além do exposto, as marchinhas e o samba foram incrementados na folia momesca. As marchinhas foram as principais músicas dos carnavais de salão, seguido pelo samba, tendo seu auge entre os anos de 1920 e 1950. A primeira marchinha surgiu no Rio de Janeiro com autoria de uma mulher, Chiquinha Gonzaga, em 1899, com o nome “Ô Abre Alas” (GUIMARÃES; BARJA, 2016).

Conforme Guimarães e Barja (2016), as marchinhas carnavalescas têm origem nas marchas militares portuguesas e sofrem influência de ritmos americanos ao chegar no Brasil, sendo ressignificadas. As letras, de caráter polissêmico com humor e ironia, abordavam diversos temas do cotidiano como amor, medo, velhice, saudade, injustiça social e política. Do Rio de Janeiro, as marchinhas se espalharam pelo país através das rádios, do cinema e dos discos (na época era o vinil).

A marcha carnavalesca, que se tornou música de dança, espevitada, maliciosa e brejeira, é excepcionalmente nossa música alegre. Também semi-erudita, também carioca, iniciou-se com os cordões e os ranchos “carnaval”, carnavalescos... Depois a marcha se transformou

²⁶ Pierrot, Arlequim e Colombina fazem parte de um triângulo amoroso baseado numa comédia do século XVI, em Veneza. Pierrot, palhaço triste, tem um amor oculto e não correspondido pela bela jovem Colombina que é apaixonada por Arlequim, um malandro e brincalhão.

[...] na que é, com o samba, a nossa música predileta de salão [...] (CASCUDO, 1988 apud GUIMARÃES; BARJA, 2016, p. 131).

Já o samba surge por volta de 1910, porém já estava no Brasil bem antes, originado dos batuques trazidos pelos africanos escravizados. Silva (2015) pontua que o samba chegou ao Rio de Janeiro por meio dos negros que estavam na Bahia, que carregavam consigo manifestações culturais de sua terra natal, África. A palavra samba “era usada por eles para designar uma modalidade musical-coreográfica, a qual tinha especial predileção, que consiste na formação de uma roda, no centro da qual alguém começa a dançar e dançando escolhia um par do sexo oposto” (SILVA, 2015, p. 1).

Outros itens presentes nos festejos carnavalescos são os blocos e os cordões que incorporam elementos do samba, como pontua Miguez (1996). “Os blocos desfilavam ao som de uma bateria de percussão pesada, típica das escolas de samba. Os cordões utilizavam, além da percussão, instrumentos de sopro, com o samba cedendo lugar às marchinhas carnavalescas (MIGUEZ, 1996, p. 98). A partir de então, o estilo musical foi cada vez mais caindo no gosto dos brasileiros e dele surgiram as escolas de samba que são sucesso no carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo. Dessa forma, o carnaval brasileiro foi sendo reconfigurado aos poucos, sendo incorporado não apenas novos estilos de música, mas também trios elétricos, carros alegóricos, escolas de samba, camarotes e abadá.

Observa-se que as narrativas históricas do carnaval, existentes em diferentes temporalidades, carregam consigo significados, sensibilidades e experiências peculiares de diferentes grupos envolvidos. Nesse sentido, o carnaval brasileiro, mostrou-se ser um elemento cultural de forte resistência identitária ao longo dos tempos, sobretudo, aqueles comemorados em cidades interioranas, os quais incrementaram novos elementos culturais do local. Dessa maneira, percebe-se o quão é essencial manter vivas as lembranças do passado carnavalesco, pois contribuem para a história de diversos grupos sociais que compartilharam seu cotidiano e experiências no espaço festivo.

Portanto, o carnaval é uma festa que mistura diferentes culturas e grupos sociais, dando um formato inovador, seja na maneira de brincar, de se vestir ou até mesmo de dançar. Essa característica impulsionou vários foliões a transitarem em carnavais de diferentes cidades, assim, experimentar o que o outro local tinha a oferecer e compartilhar o que eles tinham de exclusividade cultural. Dessa forma, forma-se um circuito, o qual

propõe-se chamar de **circuito cultural e comunicacional do carnaval**, como foi o caso do Recôncavo da Bahia.

2.3 Circuito cultural e comunicacional do carnaval no Recôncavo da Bahia

O carnaval chega na região do Recôncavo da Bahia por volta do século XX, inicialmente como festa privada, mas depois conquista as ruas das cidades. Cachoeira, São Félix, Muritiba, Maragogipe e Cruz das Almas, por exemplo, viveram momentos fervorosos no período carnavalesco, tanto nos clubes sociais quanto nas principais ruas das cidades. A festa tinha apoio de comerciantes, do poder público, de sócios de clubes e de associações.

O Recôncavo da Bahia localiza-se em torno da Baía de Todos-os-Santos e é composto por 20 municípios: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

A região possui grande potencial turístico, principalmente na cultura e nas paisagens naturais, a exemplo do Rio Paraguaçu que banha as cidades de Cachoeira, de São Félix e de Maragogipe. O rio teve importante papel econômico, sobretudo, nos séculos XIX e XX, pois foi através dele que se escoavam as riquezas do Recôncavo para a capital baiana. A região também consegue reunir grande diversidade histórica, religiosidade, arte, sabedoria ancestrais e hospitalidade.

Figura 23: Mapa com as cidades do Recôncavo da Bahia

Fonte: Caderno Territorial do Recôncavo²⁷, 2015

O Recôncavo também foi palco de lutas contra a dominação portuguesa. Cachoeira é uma das cidades que teve bastante destaque nas batalhas a favor da independência do Brasil. Ela sediou o quartel das tropas brasileiras, o qual Maria Quitéria fez parte, e também aclamou Dom Pedro I como Defensor Perpétuo e Constitucional do Brasil. Além disso, a região foi bastante explorada no período escravocrata e colonial do Brasil. Dessa forma, a presença de diferentes povos estrangeiros, sobretudo de negros africanos, fortaleceu muitas manifestações culturais como o samba e festas populares na localidade.

Durante os séculos XIX e XX, a produção açucareira e fumageira (principais fontes de empregos no período) foi muito forte, com destaque para os municípios de Maragogipe, de São Félix, de Cachoeira, de Cruz das Almas e de Santo Amaro. Até meados do século XX, por exemplo, as fábricas de charuto tiveram grande importância no desenvolvimento socioeconômico da região, dentre essas fábricas destacam-se a Dannemann, Suerdieck, Leite & Alves e Costa Penna & CIA. As duas primeiras pertenciam aos alemães que, além de fábricas, mantinham outros empreendimentos no Recôncavo, como serviço de alto-falantes e clubes sociais. Segundo o Jornal A Vanguarda, em uma das edições publicadas em 1925, foram os alemães que promoveram os primeiros bailes dançantes em São Félix.

²⁷Disponível

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_187_Rec%C3%83%C2%B4ncavo%20-%20BA.pdf. Acesso em: 22 set., 2021.

2.3.1 Carnavais em Cruz das Almas

A cidade de Cruz das Almas realizou eventos de carnaval entre a década de 1950 a 1970. “Até meados da década de 1970, o carnaval de Cruz das Almas era a maior e mais importante festa em espaço público da cidade e apresentava-se como um evento festivo diversificado do ponto de vista cultural” (CASTRO, 2012b, p. 170).

Nos carnavais cruzalmenses, os cordões tiveram grandes destaques. Eles eram formados por foliões mascarados e/ou fantasiados com temas diversificados, como índios e reis, e obedeciam a um apito de comando do mestre. O cordão Granadeiros em Folia de Cruz das Almas, por exemplo, prestou homenagem à literatura e à música brasileira, com destaque para a figura indígena. É importante ressaltar que o índio aparece nessa manifestação cultural apenas como personagem de obra literária e não com propósito de esvaziamento de suas práticas culturais ou de agredir suas identidades. Assim, um relato jornalístico descreve que:

Entre os pagasos e o busto do maestro, um quadro vivo de Peri e Ceci, figurando a obra prima da música brasileira - O Guarani²⁸. Completavam o conjunto indígenas em alto relevo e instrumentos musicais, tudo surgindo de uma paisagem onde primava a vegetação de palmeiras (CARNAVAL..., 1970, p. 3).

O blog Almanaque Cruzalmense conta que, além dos cordões, outros elementos faziam parte dos carnavais de rua cruzalmense: blocos, charangas, mascarados, serpentina, pranchas, bumba-meu-boi, ternos e trio elétrico²⁹. “No meio da tarde do domingo o desfile (corso), dos carros enfeitados, entre centenas de foliões rodando os passeios dos jardins, espalhados por toda praça cruzada de serpentinas atiradas dos cordões, blocos, mascarados [...]” (BINGRE, *online*, 2017).

²⁸ “O Guarani” é um livro de José de Alencar, lançado em 1857, que traz como plano central a miscigenação entre o índio (Peri) e o branco (Ceci). Já a ópera “O Guarani”, lançada por Carlos Gomes em 1870, deriva do conto do referido livro.

²⁹ O Trio Elétrico, criado por volta de 1951 por Dodô e Osmar, representa a consagração do carnaval de rua de Salvador, desde então, atrai multidões, tanto anônimas quanto artistas e outras personalidades, empolgadas com o som e a magia da diversão pagã. Desde o seu surgimento, década de 1950, e os anos de 1970, os trios elétricos migraram com força para outros carnavais da Bahia, inclusive para o Recôncavo.

Figura 24: Bloco dos Caboclos

Fonte: Blog Almanaque Cruzalmeno³⁰, 2017

Segundo Bingre (2017), o bloco dos Caboclos, figura acima, era formado por pessoas com diferentes idades, inclusive crianças, e por homens e mulheres. O mais incrível do grupo era a caracterização dada aos personagens os quais se apresentavam “pintados, traços vermelho ocre terra marcavam seus corpos e faces. Cabelos cumpridos, negros, luzidios. Adornos, pulseiras, colares e tangas coloridas” (BINGRE, *online*, 2017).

Dentro dessa formatação e das formas de expressões do carnaval externo aos clubes, a prancha também foi bem aceita pelos adeptos da folia. “A prancha das Colombinas, rosea e muito mimosa, deu uma graça toda especial ao corso, merecendo também registro especial um grupo de máscaras composto de um orangotango e seus domadores, os quais muito riso arrancaram do povo” (CARNAVAL..., 1970, p. 3). A prancha era confeccionada de forma simples, ornamentada pelos próprios foliões e, geralmente, homenageava a natureza.

No carnaval cruzalmeno, os blocos utilizavam as “pranchas” que eram caminhões enfeitados e animados por grupos musicais; essa modalidade de carro alegórico se deslocava devagar pela praça da cidade, carregando garotas vestidas de princesas, com trajes de época ou mesmo com fantasias carnavalescas. Os carros eram ornamentados, coloridos e criativos. A cada ano optava-se por uma determinada composição estética diferente. Era comum homenagear os elementos da natureza envoltos em seres míticos, como o peixe voador, as fadas, a cigarra gigante, entre outros (BINGRE, *online*, 2017).

³⁰ Disponível em: <https://almanaquecruzalmeno.com/2017/02/25/os-carnavais-de-cruz-das-almas>. Acesso em 20 set., 2021.

Nos clubes sociais e associações, como os salões do Cruz das Almas Clube, da Sociedade dos Artistas, das sedes das filarmônicas Euterpe Cruzalmeno e da Lira Guarany, os bailes foram marcados pelas batalhas de confetes e de serpentinas. Esses bailes eram divididos entre o de adultos e o infantil, prática comum na ocasião em demais cidades do Recôncavo. “Segunda dia 18 - Baile Infantil às 15:00h; 3º Grande Baile Noturno às 23:00h” (CARNAVAL..., 1980, p. 2)

Nas ruas, os trios elétricos também tiveram destaque em Cruz das Almas. A Praça Senador Temístocles reunia centenas de foliões. Lá, além do trio elétrico, havia os desfiles de cordões, de blocos, de charangas e de mascarados. Os foliões dançavam e brincavam mais livres, sem se preocupar com vestimentas ou coreografia. “Charangas, batucadas, ternos, movimentam a cidade, tendo especial destaque, o ‘Trio Elétrico’, estabelecido pela ‘Carbasa’” (BINGRE, *online*, 2017). Dentre esses trios, se destacaram o Carbasa e o Estrelar, os quais tinham o intuito de seduzir foliões de cidades vizinhas com o seu som contagiante e de batidas fortes.

O trio elétrico traz outra forma de dançar e celebrar o carnaval na Bahia. Com ele, os brincantes “[...] dançam com movimentos simples e livres, executando, individualmente, uma coreografia espontânea e ímpar. Assim, ‘pula-se’ sozinho no trio elétrico, tendo-se como único parceiro possível a multidão que ele arrasta” (MIGUEZ, 1996, p. 87). Assim, a festa passa a ter mais participação de foliões que se aglomeram pelas ruas, espaço comum a todos foliões, diferentemente do que acontecia nos espaços fechados (clubes sociais e associações).

Nas duas figuras, a seguir, é possível notar que público presente ao lado do trio elétrico é formado por crianças, jovens e adultos que contemplam livremente as apresentações dos grupos musicais que estão em cima do automóvel. Na primeira imagem, os foliões estão com roupas mais compostas: blusas de manga, calças e saias compridas. Já na segunda, aparentemente mais atual do que a anterior, foliões brincam sem se preocuparem muito com padrão do vestuário: a maioria dos rapazes estão sem camisas, com *shorts* curtos e usam sandálias. Ou seja, nesse carnaval não houve vestimenta padrão para os foliões, característica dos blocos carnavalescos.

Figura 25: Trio elétrico Carbasa em Cruz das Almas



Fonte: Blog Beni Comunicação³¹, sem data

Figura 26: Trio elétrico Estrelar em Cruz das Almas



Fonte: Blog Beni Comunicação³², sem data

O pesquisador Jânio Roque Castro, em seu livro “A Espetacularização das Festas Juninas no Espaço Urbano”, também afirma que o carnaval cruzalmense, em meados da

³¹ Disponível em: <https://benicomunicacao.blogspot.com/2019/02/trio-maragos-decada-de-1970-fonte-livro.html>. Acesso em 20 jul. 2021.

³² Disponível em: <https://benicomunicacao.blogspot.com/2019/02/trio-maragos-decada-de-1970-fonte-livro.html>. Acesso em 20 jul. 2021.

década de 1970, era caracterizado por diversas manifestações culturais que se apertavam em praça pública como:

Marujada, ternos diversos, burrinhas, zabumbada, bumba-meu-boi, pranchas, caboclos, afoxés, rodas de samba, festival de violeiros, grupos de mascarados, blocos de índios, batucadas, grupos de dança que assemelhavam as escolas de samba atuais, desfile do mandú, entre outras manifestações festivas, que coexistiam com algumas práticas, consideradas uma novidade para a referida época, a exemplo dos trios elétricos [...] (CASTRO, 2012a, p.170).

Essa mistura de elementos e de expressões culturais atraíram público de outras cidades, como comprova um relato do Jornal Correio de São Félix: “Grande número de visitantes das cidades circunvizinhas acorreram a cidade para assistir o carnaval que se apresentou como um dos maiores realizados” (CARNAVAL..., 1970, p. 3). Há registro da participação de grupos de Muritiba nos ternos de Reis com os “Cães”:

O terno de Reis era ritual religioso e lúdico, enquanto que os ternos de carnaval eram práticas profanas sem conotação religiosa, a exemplo dos ternos de cão, nos quais as pessoas se pintam de preto e saiam dançando de forma irreverente pela cidade, uma prática ainda existente na festa do Senhor do Bomfim de Muritiba [...] (BINGRE, *online*, 2017).

A festa carnavalesca cruzalmense enfraquece por volta do final dos anos de 1970 e início de 1980, como em outras cidades do Recôncavo da Bahia. Os foliões da cidade passaram, então, a frequentar outra festa semelhante, a micareta, mas também foi extinta nos anos de 1990, em Cruz das Almas.

2.3.2 Carnavais em Muritiba

Um carnaval tímido, sem a presença de muitos elementos e adereços identificados em outras cidades da região do Recôncavo, caracteriza os festejos de Muritiba. Todavia, esse carnaval simples, não dispersava brincantes vizinhos. Os bailes de clubes e os embalos nas ruas, principalmente na Praça da Bandeira, contavam com a presença de cachoeiranos e de sanfexlistas.

Os bailes eram realizados na Associação Muritibana de Esporte e Cultura – AMEC – onde também acontecia o Grito de carnaval, que era o baile à fantasia em que se divulgava o resultado do concurso da rainha e das princesas. O concurso da rainha foi

realizado pela primeira vez em 1960, com afirma uma matéria publicada no *Jornal Correio de São Félix*: “Apresentando atrativo programa do qual faz parte o lançamento da Rainha de Carnaval, concurso pela primeira vez levado a feito em Muritiba, o clube Associação Muritibana de Esporte e Cultura” (GRITO..., 1960, p. 2). A festa tinha animação do conjunto musical Jazz Continental, formado por muritibanos, e pelo Cuba Jazz, que era representado por integrantes de São Félix. Na época, o serviço de alto-falante local, Cacique, promoveu alguns bailes.

O sistema de alto-falante era utilizado principalmente para informar a comunidade sobre atividades culturais, bem como festas locais e trabalhos de artistas locais, informar, entreter, promover festivais, entre outros movimentos locais. Tudo isso através das caixas de som instaladas em postes, nos principais pontos da cidade. Esse veículo de comunicação ainda é bastante atuante na região do Recôncavo.

Nas ruas, a festa era por conta de embalos dançantes. “Domingo à tarde, a palavra de ordem é brincar, sambar, pular para espantar as durezas da vida rotineira. Na praça da Bandeira você tem encontro marcado com a folia” (GRITO..., 1974, p. 2). Portanto, apesar de ser uma manifestação pequena, cachoeiranos e sanfexlistas sempre se faziam presentes, tanto nas ruas como nos espaços fechados.

2.3.3 Carnavais em São Félix

O carnaval de São Félix consistia em bailes de clubes com foliões mascarados e uso de serpentinas e do lança perfume. Ele ganhou destaque na região do Recôncavo entre os anos de 1920 e 1970. A festa era esperada durante todo o ano pelos moradores da cidade e de cidades próximas, que se divertiam na folia pagã. Os bailes dançantes eram realizados antes da quarta-feira de Cinza, e oferecidos aos numerosos adeptos e sócios dos clubes, animados por bandas como Jazz Continental, Cuba Jazz e Filarmônica União Sanfelista.

A população de São Félix se organizava para os festejos ao rei Momo – o deus pagão que simboliza os festejos carnavalescos no Brasil – tanto nos clubes como nas ruas. “Espalhando sua vibração e alegria pelas ruas, convocando os foliões populares para reverenciarem o Rei Momo, o carnaval anuncia sua presença na cidade”, (CARNAVAL..., 1971, p. 1).

Os bailes aconteciam no Clube Floresta Futebol Clube, na Associação Atlética e no Clube da Leste ou Ferroviário, este último promoveu poucas edições. Geralmente, duravam quatro dias: de sábado à terça-feira e eram prestigiados por foliões de diversas cidades circunvizinhas, além dos sanfexlistas. Desde os primeiros bailes, já se nota a presença de foliões de outras cidades. O jornal *A Vanguarda* traz um relato de candidatas ao posto de rainha externas à São Félix: “Conforme o programa organizado, naquela ocasião será lançado sensacional concurso para Rainha do Carnaval da Atlética, para o ano corrente, no qual competiram lindas representantes de São Félix, Cachoeira e Muritiba” (ÀS VÉSPERAS..., 1926, p.1).

Outra matéria jornalística, desta vez do *Correio de São Félix*, de 1952, também pontua a presença de outras cidades:

Sábado, segunda e terça-feira, sob os acordes do Jazz Continental de Muritiba, e vibração tomaram conta dos salões onde grandes figuras representativas da sociedade, desta cidade, de Cachoeira, Muritiba e Cruz das Almas, deslumbravam pelas fantazias apresentadas e pelo renhido das batalhas de confetti, serpentinas e lança-perfume (O CARNAVAL..., 1952, p. 1)

Marchinhas, batucadas, sambas, frevo, confetes, lança-perfumes, serpentinas e muita alegria marcaram o carnaval sanfelixita. “Contrariando a inércia aparente, o carnaval alvoroçou os arraiais da alegria, e botou pra quebrar nas ruas, enchendo a cidade de batuques, blocos, trio elétrico e foliões durante três dias” (CARNAVAL..., 1974, p. 01). A festa da rua se concentrava na Avenida Salvador Pinto, popularmente chamada de Porto, porém percorreu outras ruas centrais sanfexlistas.

Os blocos de fantasia já faziam parte da festa desde o início das celebrações. Uma foto do bloco Tangas em Folia (Figura 27), de 1932, mostra a presença de público de diferentes idades. As crianças masculinas apenas com calça; mulheres com lenço na cabeça e de roupas longas; e homens usando camisas de mangas, calças e chapéu de palha, vestes comuns na região, característicos de trabalhadores simples da agricultura, de fábricas e de outras atividades que são expostas ao sol. Chama atenção o número de pessoas que participam do bloco, todas representando a simplicidade e a afirmação identitária, além de demonstrar uma quebra de rotina de trabalho, o que pode ser comprovado nos personagens que estão despojados no chão sorridentes; e outro, no canto esquerdo, que aparece elevando o chapéu para o alto. A fotografia foi tirada ao

lado do Cine Avenida, cinema que havia na cidade próximo ao antigo Hotel Xangai, na Praça Inácio Tosta, conhecida como Praça do Relógio.

Figura 27: Bloco Tangas em Folia



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, de São Félix, 1932

Outro bloco registrado no carnaval sanfelixita na década de 1930 foi o Bloco Fraga e Folia, figura logo abaixo. Nota-se que predomina nos personagens máscaras e vestimentas mais luxuosas, algumas delas com estampas coloridas, elementos que enfatizam uma classe mais elevada, diferente do que foi visto nos personagens do Bloco Tangas da Folia (Figura 27).

Figura 28: Bloco Fraga e Folia no carnaval de São Félix



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, de São Félix, 1932

São Félix contava com as cidades vizinhas não só para prestigiar a festa, mas também para propagar o seu som carnavalesco, como Muritiba, a qual abriga a Rádio Vox, de médio alcance, que fez algumas transmissões da festa. Há um texto de agradecimento em uma edição do *Jornal Correio de São Félix*, de 1968, ao então diretor do veículo, Gileno Amado Dias, pela transmissão ao vivo. “Com a realização da RÁDIO VOX, de Muritiba, o Gileno, seu diretor, está de parabéns” (*O CARNAVAL...*, 1968, p. 2). A manifestação cultural também teve divulgação local pelo jornal *Correio de São Félix*, o qual estampava os avisos em seus exemplares sobre dias, horários, valores dos bailes e o traje que poderia ser usado nos dias de bailes dos clubes.

Ademais, conforme as matérias colhidas nos jornais pesquisados (*Correio de São Félix*, *A Vanguarda*, *A defesa* e *A Ordem*), os carnavais realizados na rua também contaram com a presença de trio elétrico, como o Maragós, de Maragogipe, e o mini trio Primavera, de Cachoeira. Nota-se, também, que o carnaval de São Félix não ficava limitado à visita de foliões das cidades próximas, pessoas da capital sempre se faziam presentes, sobretudo, àquelas que tinham familiares na região ou na cidade.

2.3.4 Carnavais em Cachoeira

Semelhante aos demais carnavais do Recôncavo, o carnaval de Cachoeira acontecia em clubes fechados (organizados pelos sócios e diretores) e também nas ruas. A parte popular era realizada nas praças da Aclamação, Teixeira de Freitas e 25 de Março. As ruas de Cachoeira, em tempo de carnaval, também foram tomadas pelos tradicionais cordões, a exemplo do Amantes de Cupido, Mocidade Cachoeirana, Garotas Notáveis, Mocidade em Folia e Cartolinhas em Folia.

Surpreendeu domingo e terça-feira, o Carnaval que o publico, em última hora desenvolveu na cidade heroica, convindo salientar os "cordões" "Amante de Cupido", "Amante da Folia", e "Mocidade Cachoeirana", sendo estes os iniciadores da pagodeira carnavalesca. Bem ensaiados esses "cordões" deram nota brilhantes, bem assim as batucadas de realce incomum pela indumentária com que se apresentaram (O CARNAVAL..., 1948, p. 3).

Em Cachoeira, a animação popular teve participação do mini trio elétrico Primavera, de Elias Cardoso de Jesus, conhecido como Elias Paco-Paco, proprietário e locutor do serviço de alto-falante Vozes da Primavera, fundado em Cachoeira, em 1949. Esse serviço de alto-falante foi muito importante para a comunidade local, pois além de informar, tocar músicas e passar recados, serviu como escola de formação para novos locutores.

Já nos espaços fechados, a concentração carnavalesca era na Associação Desportiva do Paraguaçu e na Náutica Rio Negro, e nas sedes da Minerva Cachoeirana e da Lira Ceciliana. Um trecho do jornal *Correio de São Félix* descreve como era a celebração no Desportiva, que foi a que mais promoveu o evento:

Dentro das comemorações carnavalescas na cidade de fronteira, se destacaram em dois grandiosos bailes à fantasia efetuados pelo club nautico "Associação Desportiva Paraguassú" durante as noites de domingo e terça-feira, grangeando merecido sucesso pela afluencia da sociedade local que está deste modo cooperando com esforço de Argeu Brainer e Nelson Lobo no a levantamento daquela notavel sociedade (O CARNAVAL..., 1948, p. 3).

A mesma reportagem, avalia tal associação de forma positiva: “A ‘Desportiva Paraguassú’ é o melhor centro de diversão da cidade fronteira [...]” (O CARNAVAL..., 1948, p. 3). Já outro relato, trazido por Castro (2012b), dá conta de uma associação elitizada e que o espaço público seria mais atraente para uma boa parte dos foliões:

Em Cachoeira a folia carnavalesca começava no final da tarde porque os bailes na Associação Desportiva do Paraguaçu eram elitizados e seletivos, e quem fazia o carnaval era o povão nas praças e em artérias viárias do entorno, não havendo, portanto, preocupação com a sincronização temporal entre os bailes da Associação Desportiva e as festas de rua. Havia, entretanto, implícito interesse por parte de alguns apreciadores da festa fechada em também participar de forma efetiva da folia no espaço público, o que determinou que os bailes fossem realizados a partir das 22 horas (CASTRO, 2012b, p. 160)

Um trecho jornalístico publicado no *Correio de São Félix* de 1958, falando sobre o carnaval em Cachoeira, conta que havia a presença de foliões vizinhos na brincadeira. “O Vale do Paraguassú, sem a menor dúvida, se prepara às homenagens que o Rei Mômô receberá do povo sanfelixta e cachoeirano, como tributo ao grande boêmio” (QUAZI..., 1958, p. 2). Também havia apresentação de grupos musicais da capital baiana, o Jazz Paraguassú é um exemplo.

O jornal *A Ordem*, em uma de suas edições de 1933, também pontua a presença de visitantes próximos. “Ainda registramos os carros Garotas Levadas, Bonecas em Folia e um bom e ornamentando automóvel de Muritiba [...]” (CARNAVAL..., 1933). A mesma matéria descreve diversos elementos culturais que marcaram o festejo no referido ano

A Praça Teixeira de Freitas, pequena e elegante, foi o lugar preferido pelo povo que se compremia ao redor da Lira Ceciliana, que executava músicas buliçosas e oportunas. Muita gente, muito lança perfume, muita animação, muitos automóveis e caminhões orçamentados; muitas canções, cordões animadíssimos e nestes orquestras mediadores (CARNAVAL..., 1933, p. 2)

A manifestação popular do carnaval em Cachoeira contava, além dos ternos e dos cordões, com trio elétrico que se apresentava no domingo e na terça de carnaval, conhecida na época como terça-feira gorda.

Surpreendeu domingo e terça-feira, o Carnaval que o publico, em última hora desenvolveu na cidade heroica, convindo salientar os "cordões" "Amante de Cupido", "Amante da Folia", e Mocidade Cachoeirana", sendo estes os iniciadores da pagodeira carnavalesca. Bem ensaiados esses "cordões" deram nota brilhantes, bem assim as batucadas de realce incomum pela indumentária com que se apresentaram. (O CARNAVAL..., 1948, p. 3)

Grupos locais também se apresentavam nos bailes e nas ruas, como o Conjunto Melódico do Paraguaçu, Lira Ceciliana e Minerva Cachoeirana.

2.3.5 Carnavais em Maragogipe³³

Os carnavais maragogipanos começaram com os festejos nos espaços sociais da Rádio Clube (que pertencia aos alemães) da Associação Atlética, além do Dois de Julho, do Club Filhos da Terpsychore e da União dos Engenheiros. Segundo Santos e Barbosa, os carnavais de Maragogipe foram marcados, por volta da década de 1920, por vários cordões, “inclusive de mulheres, que se deleitavam aos prazeres da vida terrena” (SANTOS; BARBOSA, 2010, p. 38). Também se notava uma festa elitizada em alguns de seus clubes, como o da Filarmônica Dois de Julho. Em um concurso realizado por essa filarmônica, Santos e Barbosa (2010) frisam que tal concurso foi direcionado à elite maragogipana.

Já na década de 1930, outros elementos foram incorporados ao carnaval maragogipano:

Na década de 1930, nota-se, nas ruas de Maragogipe, os cordões das Hespanholas, Assustados e dos Nagôs; ternos da Esperança, Marujas, Bonecas, Turcas e A Fauna; rancho do Macaço, mascarados, pierrôs, colombinas e, ainda, passeatas promovidas pelas filarmônicas. Confetes e serpentinas decoram o cenário dos três dias de carnaval, em que a supressão dos preconceitos sociais faz parte do caráter transversivo de mudança de personalidade e de classe social (SANTOS; BARBOSA (2010, p. 38)

Com a passagem dos anos, surgiram novos elementos culturais no carnaval de Maragogipe. Foram registradas na década de 1950, a presença de blocos, rancho, concurso de fantasias, ternos, bumba-meu-boi e trio elétrico. O trio elétrico teve maior destaque e foi cada vez mais levando o público às praças públicas para se divertir gratuitamente durante os três dias de festejos. “Nas décadas de 60 a 80 do século passado, a atuação dos trio-elétricos modificou a maneira de brincar o carnaval de rua de Maragogipe. Os trios Oriente, Canto das Sereias e Maragós ganham a cena do Município, arrastando foliões ao som de música trepidante, música quente” (SANTOS; BARBOSA, 2010, p. 40)

³³ Em respeito a grafia etimológica de “Maragogipe”, a autora considerou a tradição secular de sua escrita com “G”, porém devido às mudanças ortográficas, a palavra também admite a grafia com “J”.

Figura 29: Trio Maragós em Maragogipe

Fonte: Blog Beni Comunicação³⁴, década de 1970

O trio elétrico Maragós (Figura 29), segundo Conceição e Castro (2014), foi criado por volta de 1956 por Aidil Nascimento, popularmente chamado de Dica. Esse trio também se apresentava em outras cidades do Recôncavo, como São Félix e Cachoeira. Ainda conforme as autoras, os foliões improvisavam as próprias fantasias e vestimentas. [...] o pessoal se fantasiava com a própria lama do mangue para se sujar, se pintava de carvão, tinha sempre uma forma de se caracterizar e tinha um outro personagem, para poder participar de um momento de alegria” (CONCEIÇÃO; CASTRO, 2014, p. 121)

Os festejos nas ruas estreitas da cidade, construídas no período colonial, ganharam forças e, conseqüentemente, ocorreu um declínio dos clubes: “houve um enfraquecimento dos carnavais de salão, que vieram a desaparecer por completo, na década de 1990. Muito se atribui o fim dos bailes à incorporação do trio elétrico, na forma de se brincar, e à instalação de palcos para a apresentação de bandas, em praça pública, gratuitamente” (CONCEIÇÃO; CASTRO, 2014, p. 123).

O carnaval maragogipano foi o único que conseguiu resistir e obter o título de Patrimônio Imaterial, em 2009, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC. Ele continua atraindo brincantes de Salvador e de cidades próximas, que buscam por uma festa mais tranquila e com características peculiares do Recôncavo da Bahia.

³⁴Disponível em: <https://benicomunicacao.blogspot.com/2019/02/trio-maragos-decada-de-1970-fonte-livro.html>. Acesso em 20 jul. 2021.

Ainda é realizado com a presença de um trio elétrico que percorre o circuito Areal-Caijã; e, na Praça da Matriz de São Bartolomeu, onde é montado um palco para apresentações musicais. Já as caretas ou mascarados, que são o símbolo da festa maragogipana, permanecem circulando por diferentes ruas da cidade, com máscaras que refletem diversos temas sociais e políticos.

Nesse sentido, foi visto que os brincantes levavam elementos e expressões culturais de sua localidade para os carnavais da redondeza e havia um movimento recíproco nessas visitas carnavalescas entre as cidades de São Félix, de Cachoeira, de Muritiba, de Maragogipe e de Cruz das Almas. Faziam parte desse movimento: cordões, blocos, mascarados, pranchas, ternos e trio elétrico com diversos grupos musicais, a exemplo das filarmônicas, das charangas e dos “jazzes” (pequenos conjuntos musicais) que executavam as músicas sensações do momento (frevo, marchinhas). Portanto, esse movimento cultural entre os municípios circunvizinhos, o qual sugere-se aqui chamar de **circuito cultural, comunicacional do carnaval**, feito de maneira individual ou em grupo, promoveu um intercâmbio cultural com compartilhamento de sentimentos e de experiências, além de outros benefícios sociais e culturais por meio das trocas realizadas entre os participantes.

Assim, dialogar com o passado para conhecer aspectos relacionados à celebração do carnaval, em épocas distantes, significa recorrer à memória, seja ela cultural ou comunicativa. A memória de um evento popular representa a história e a identidade cultural de um determinado lugar, isso permite que as manifestações culturais sejam preservadas entre as gerações, mesmo que estas não sejam mais realizadas. Pode-se compreender também, pela memória, como os processos de transmissão de conhecimento permitem identificar laços de solidariedade, de identidade e de pertencimento com o local em que se vive.

CAP. 3: JORNALISMO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Este terceiro capítulo discorre sobre a compreensão do jornalismo como lugar de memória e o jornal impresso será utilizado como exemplo desse suporte. Será um capítulo prioritariamente analítico, tendo como base o exercício de uma análise cultural a partir dos relatos da festividade presentes nos periódicos.

Dessa forma, a proposta desse capítulo é analisar que sociedade sanfelixta é expressada nos carnavais realizados entre os anos 1920 e 1970, descritos nas narrativas dos periódicos. No debate serão incluídas as pesquisadoras Ana Regina Rêgo (2014) e Itala Maduell (2015) para discutir a contribuição jornalística na perpetuação da memória coletiva que, no caso deste estudo, trata-se da memória do carnaval sanfelixta. Além disso, Paulo Miguez (2006), José Carlos Sabe (1986) e Scott Ickes (2013) voltarão à discussão para melhor argumentar as relações sociais existentes nos bailes carnavalescos.

No primeiro tópico é apresentado o *Jornal Correio de São Félix* por ser o principal canal de informação local encontrado e que contém diversos relatos sobre os carnavais sanfelixta (ele é uma fonte secundária da pesquisa). No segundo, serão analisadas seis categorias da dimensão “Bailes dos clubes” – que é onde se concentra a maior parte da história do carnaval sanfelixta. Já no último tópico serão analisadas quatro categorias referentes à dimensão “Carnavais nas ruas sanfelixtas” com a participação popular. Vale ressaltar que as referidas categorias surgiram após leitura e organização das matérias. Ou seja, elas não foram definidas de antemão, apareceram como construções teóricas a partir do contato com o material empírico.

3.1 Contribuição jornalística para a memória coletiva

A memória jornalística pode revelar diversos aspectos sobre a história dos eventos de uma comunidade, como por exemplo, construções, ruas, objetos, cotidiano e cultura. Em outras palavras, trazem elementos que podem narrar a história do local e dos grupos sociais, pois é um elemento de testemunho social. Dessa forma, percebe-se que a narrativa jornalística é uma peça importante para o processo de construção da memória coletiva, a qual contribui, consequentemente, na formação das identidades locais, uma vez que aborda aspectos das práticas locais. Segundo Rêgo (2014), o jornalismo também exerce influência no imaginário simbólico de um povo:

[...] consideramos o jornalismo como lugar de memória, a partir de novos olhares sobre o texto jornalístico em um momento posterior a seu tempo de produção, pois o texto jornalístico continua, mesmo situado no passado e falando sobre um determinado presente; a reunir as três condições essenciais de consolidação de um lugar mnemônico, ou seja: material, funcional e simbólica (RÊGO, 2014, p. 48).

Dessa maneira, o jornalismo apresenta narrativas que são essenciais para compreender aspectos temporais da sociedade. Ele é um suporte de manutenção e conservação da memória, já que lida constantemente com o cotidiano dos grupos sociais. Logo, desempenha uma função social e histórica na sociedade, além de contribuir para a compreensão das práticas culturais, por meio do seu testemunho no formato de narrativas. A pesquisadora Christa Berger (2014) pontua as potencialidades da narrativa jornalística:

A narrativa jornalística é o fio que costura as demais narrativas. Informa a eclosão do acontecimento, acompanha as repercussões, registra o retorno simbólico do acontecimento, anunciando o lançamento de livros, filmes e exposições, traz relatos dos que vivenciaram o acontecimento, acompanha as intrigas que o mantêm em pauta e subsidia a narrativa da história. E o fio da narrativa jornalística e da narrativa histórica é a memória, composta por lembranças, compromissos, não-ditos e silêncio que emolduram a narrativa do acontecimento (BERGER, 2014, p. 28).

Ainda na perspectiva jornalística, destaca-se aqui os jornais impressos, que são fontes secundárias desta pesquisa. Eles acumulam, ao longo dos tempos, aspectos sociais, políticos e culturais dos indivíduos – dos que narram e dos que são narrados, nos diferentes gêneros textuais. Dessa maneira, o conteúdo do jornal pode trazer informações significativas para elucidação ou comprovação de fatos, como os eventos culturais, tanto sobre o presente quanto sobre o passado. Rêgo (2014) pontua o valor do referido documento:

Esse lugar de memória do jornalismo, fator constituinte e importante da memória coletiva e da memória histórica, visto que com suas imagens, mensagens, informações, notícias, etc, intervém e influi diretamente no imaginário simbólico coletivo, é fonte para as pesquisas históricas, assim como também é um componente imperativo para o desenvolvimento de uma conduta socialmente e eticamente responsável (RÊGO, 2014, p. 53).

Por sua vez, Itala Maduell (2015), destaca os três sentidos do jornal, destacando sua importância como um meio que produz memória, baseado no conceito de Pierre Nora de que os lugares de memória têm necessariamente três sentidos, que são: material,

funcional e simbólico. Para ela, os sentidos propostos podem ser entendidos como: “material, tratando-se de um produto cultural, disponível para consulta em bibliotecas e bancos de dados; funcional, por seu caráter de prestação de serviços e informação; e, por último, pelo que representa no imaginário social: ‘Só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica’ [...]” (MADUELL, 2015, p. 34). Rêgo também frisa a importância das narrativas jornalísticas para a memória, segundo ela “[...] o jornalismo torna-se influente na conformação da memória coletiva e no imaginário simbólico de um povo [...]” (RÊGO, 2014, p. 48).

De fato, desde o surgimento da imprensa em 1440, início do século XVIII, iniciado por Johannes Guttenberg, o jornalismo impresso tem narrado constantemente o cotidiano em diferentes contextos, o que o torna um lugar de grande relevância para o estudo da memória, bem como a manutenção e expansão desta. Embora se tenha conhecimento de que o jornalismo apresenta uma memória construída, conforme os interesses de grupos sociais vinculados ao jornal, isto é, sem o acionamento de valores como neutralidade ou objetividade, ele constará informações que ajudarão a compreender uma sociedade naquele período abordado na narrativa.

Halbwachs (1990) já observava a escrita, na qual o jornal pode ser colocado, como um suporte que pode guardar a memória. O autor destaca que quando a memória de uma sequência de acontecimentos não consegue um suporte, como um grupo social, por exemplo, para salvaguardá-la, ou esta se encontra em uma sociedade em que tais fatos não interessam mais, uma maneira de salvar essas lembranças é “fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 79-80). As fotografias também são exemplos de suporte usado para salvaguardar as memórias.

A fotografia, que geralmente ilustra as matérias dos jornais, assim como os textos jornalísticos, pode trazer para o presente, lembranças preservadas na memória dos indivíduos. Silvia (2016) diz que a fotografia ajuda a validar a memória por meio do recorte representativo da realidade. Na forma documental, ela pode conter informações socioculturais que possibilitam a compreensão das mudanças sociais ao longo do tempo.

Portanto, a utilização da memória jornalística é uma importante estratégia de comunicação que serve para fortalecer e preservar identidades culturais. O jornal *Correio de São Félix*, o qual traz narrativas fundamentais no desenvolvimento deste capítulo, é um forte exemplo desse suporte da memória coletiva.

3.1.1 Lugares de memórias

Os vestígios do passado dos seres e dos fenômenos naturais podem ser compreendidos a partir da proposta de “lugar de memória”, construída por Pierre Nora (1993), que são lugares sobrecarregados de simbolismo das práticas sociais ao longo do tempo. Nora elabora o conceito a partir de um diagnóstico histórico referente a uma crise de identidade nacional francesa, em que a mundialização e a midiaticização, por exemplo, afetariam a memória. Ou seja, a transferência da memória para registros físicos significaria o fim da memória espontânea.

[...] À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993, p.15).

Com visão de historiador, Nora explica que o lugar de memória apresenta três instâncias, simultaneamente: material, simbólico e funcional.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 22).

Portanto, os lugares de memórias podem ser compreendidos como o lugar onde se sustenta e expressa a memória social (material), as memórias coletivas (funcional ou abstrata) e as identidades (simbólica), lugares esses que são semelhantes aos que Maduell (2015) contextualizou no campo da narrativa jornalística.

O Arquivo Público é um espaço fundamental na preservação da memória, pois guarda documentos em diferentes formatos, alguns, inclusive, são caracterizados por valores simbólicos e sentimentais. Tais documentos são julgados importantes porque representam a memória oficial da sociedade, principalmente da cidade correspondente ao arquivo. Porém essas memórias são guardadas conforme interesses da instituição. O Arquivo Público Municipal de São Félix Dr. Júlio Ramos de Almeida, por exemplo, conserva, além dos documentos produzidos pelos órgãos municipais, acervos particulares que são doados como um artefato de memória, que somente são aceitos se estiverem

vinculados a algum fato histórico, cultural ou social local, ou esteja relacionado à personalidade de destaque na cidade.

Tomando o jornal *Correio de São Félix* como exemplo para situar as três instâncias de lugar de memória descritas por Pollak (1992), no *material*, ele está disponível para consultas no Arquivo Público Municipal; na *funcional*, tem diversos registros sobre o cotidiano de São Félix como política, cultura, economia e social; já na *simbólica*, o conteúdo dele possibilita refletir sobre a sociedade desse período, incluído o que foi posto no jornal, como foi abordado e o que foi silenciado. Dessa forma, compreender essas instâncias nesse suporte comunicacional significa entender também a sociedade, uma vez que as memórias estão inseridas em diferentes contextos.

Uma característica comum dos lugares de memória, trazida por Pollak (1992), são as lembranças coletivas, que têm a função simbólica de construção de vínculos. Para o autor, os elementos que constroem a memória individual ou a coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles vividos por tabela – que seriam os que o sujeito nem sempre participou, mas toma como vividos. Dessa maneira, alguns fatos são lembrados e outros, esquecidos, conforme situações vividas no momento. O indivíduo busca os lugares de memória para servirem de referências para afirmação, reconhecimento ou construção de suas identidades, criando, assim, um sentimento de pertença por meio dessas memórias.

As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1992, p. 4).

Assim, Pollak (1992) conclui que a memória é um fenômeno construído na sociedade de forma consciente e inconsciente. As narrativas jornalísticas, por exemplo, são construídas e sempre vão trazer traços da subjetividade do jornalista. Logo, entende-se aqui que alguns lugares de memória podem ser, de certa forma, construídos propositalmente para “enquadrar” a memória de grupos, visando à formação de uma história nacional.

O trabalho de enquadramento de memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, **esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro** (POLLAK, 1989, p. 9-10, grifo nosso).

Dessa maneira, observa-se na sociedade sanfelixta que aparece nos jornais, a partir de seus bailes de carnaval, uma disputa entre grupos sociais e uma construção jornalística, que abre nova forma de interpretação dessa sociedade pela ótica contemporânea. Portanto, é um excelente suporte de memória de referências do passado. Vale ressaltar que nem todas as memórias têm a mesma legitimidade na sociedade, às vezes precisa de uma pesquisa acadêmica para ser reconhecido.

Para Halbwachs (1990), as memórias se materializam na sociedade por meio de seus diversos grupos sociais e, portanto, estão sujeitas aos seus suportes sociais que confrontam a consciência do indivíduo com as memórias de outros. Porém vale frisar que, para além desses lugares de memórias, existem a memória recuperada pela oralidade – das ações e das relações sociais – expressadas no cotidiano pela linguagem e nas tradições culturais.

Além desses lugares de memória, referentes à comunicação cotidiana, que Assmann (2006) chamou de memória comunicativa, podem ser acrescentados também narrativas, canções, danças, rituais, máscaras e símbolos como detentores de memória cultural, conceito este também cunhado por Assmann (2006). Assim, os lugares de memória são diversos e são de grande relevância para reflexão da sociedade e de seus indivíduos.

3.1.2 Jornal Correio de São Félix

Antes de o jornal *Correio de São Félix* circular na cidade de São Félix, existia o jornal *A Vanguarda* com publicações sobre os acontecimentos locais, inclusive de eventos populares. O jornal *A Vanguarda* foi fundado em 1924 por Luiz Soares, tendo como gerente Manuel Grácio, funcionava na Avenida Salvador Pinto. Anos depois, Antydio Luiz assumiu a direção, mas se desfez do periódico para dirigir o jornal *A Defesa*, adquirido em 1929. Por último, em 29 de abril de 1934, ele fundou o *Correio de São Félix* e se dedicou exclusivamente a este.

O *Correio de São Félix* surgiu com o intuito de divulgar informações e apelos sociais locais. O periódico era semanal e, além dos fatos cotidianos da cidade e da região, noticiava eventos de grande repercussão no Brasil e no mundo. Dentre suas diversas editoriais estavam: esporte, política, notas, anúncios, pontos da semana (retrospectiva dos fatos de destaques na cidade) e mundanidade (espaço dedicado à literatura e tinha publicação de poesia, conto e crônica).

Figura 30: Jornal Correio de São Félix, ano VIII, nº 35, 28 dez., 1941



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, 1941

A figura acima é referente à primeira página de uma edição de 1941 que destacou, no logo da página, o *Correio de São Félix* como “O jornal de maior circulação no interior da Bahia”, pois este era distribuído no no Recôncavo e em outras regiões baianas também. Nessa página 01, além de Dias desejar boas festas de ano novo aos leitores, relatou

informações tanto de São Félix – como a publicação do decreto municipal nº 56 –, quanto de Cachoeira – que foi um apelo para conserto das bocas de lobos, situadas na Praça Marcial. O apelo social era uma das características do periódico.

Em 1944, Luiz Gonzaga Dias assume a direção do *Correio de São Félix* e mantém a circulação do periódico semanal até meados de 1970. Segundo Dias, em um dos seus textos publicados no referido jornal, em edição comemorativa dos 24 anos de circulação do periódico, o *Correio de São Félix* era: “Imparcial, noticioso arauto das boas ações, aclama ou vergasta segundo o benefício ou prejuízo sofrido pelas classes de quem, expontaneo é defensor dezinteressado, intimerato” (O NOSSO..., 1958, p. 2). O mesmo texto ainda destaca que o “CORREIO DE SÃO FÉLIX, pode assegurar que não tem inimigos a não ser aqueles que são inimigos do povo e dos problemas do povo” (p. 2, Ibidem). Dessa maneira, verifica-se que o periódico se defendia como um veículo imparcial e que primava por informações que beneficiassem a população, principalmente a sanfelixta.

Luiz Gonzaga Dias além de jornalista, foi escritor, poeta e político. Ganhou a simpatia e o respeito de seu eleitorado e manteve boa relação com a alta sociedade, a prova disso é que sempre esteve nos grandes eventos realizados na cidade. De acordo com os relatos do *Correio de São Félix*, ele soube articular bem a comunicação, o cultural, a política e o social. Politicamente, Dias atuou junto à legenda partidária da União Democrática Nacional – UDN.

Embora tenha mudado a direção para Gonzaga Dias, o periódico preservou as características anteriores, seguiu os mesmos tamanhos de páginas e quantidade, como também as editorias.

Figura 31: Jornal Correio de São Félix, ano XXV, nº 1.226, 31 jan., 1959



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, 1959

Observa-se na Figura 31, exibida acima, do *Correio de São Félix* de 1959, relatos de eventos locais, a exemplo do carnaval; e estadual – sobre esporte –, distribuídos nas cinco colunas, que era uma das características do periódico. O jornalista produzido por Dias, embora ele tenha pontuado como imparcial, evidencia uma relação entre o mundo político-institucional e o campo comunicacional na produção de conteúdo noticioso. Dessa maneira, em diversos relatos, nota-se jogo de interesse em disputa por meio das críticas dirigidas à gestão política municipal, sendo os textos produzidos sem citações de fonte informativa, apenas com percepções pessoais. É muito provável que os cargos públicos exercidos por ele tenham influenciado na produção jornalística em enquadrar uma memória local baseada em suas convicções e vivências, uma vez que não houve a versão de outros atores sociais.

Todavia, ressalta-se aqui que, até a década de 1950, o jornalismo tinha essa característica de explicitar pontos de vista particulares nas informações, inclusive a possibilidade de se fazer comentários. A partir dessa década ocorreram diversas reformas na maneira de se fazer jornalismo, bem como editoriais, redacionais e profissionais, ou seja, uma busca por um jornalismo mais neutro e objetivo. Para Ribeiro (2007) a década de 1950 representou a construção de um lugar institucional para a imprensa brasileira, a partir daí os textos passaram a noticiar as verdades dos acontecimentos e se afastar do lugar de denúncia política e do jornalismo literário.

Foi nesse período que o modelo norte-americano se implantou definitivamente no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social. (RIBEIRO, 2007, *online*).

Esse modelo do jornalismo moderno tardou a chegar em São Félix, sobretudo no *Correio de São Félix*, foi o que se evidenciou nos relatos publicados. Também era comum os jornalistas exercerem algum cargo na política e em outras esferas da sociedade. Luiz Gonzaga Dias, por exemplo, foi presidente do Esporte Clube Floresta (1951) – e exerceu cargos políticos em oito mandatos como vereador, de 1951 a 1973. Ele foi duas vezes presidente da Câmara de vereadores (1967 - 1971 e 1971-1973) e prefeito substituto em 1971.

Figura 32: Jornal Correio de São Félix, ano XL, nº 2.051, 23 dez., 1972



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, 1972

Na Figura 32, trazida acima de uma edição do *Correio de São Félix* de 1972, verifica-se que ao longo de seus 28 anos, na direção de Luiz Gonzaga Dias, o jornal manteve sua identidade visual inicial, mas foram acrescentadas novas editoriais, como “É isto mesmo...” que tinha o objetivo de fazer críticas, principalmente política e era sempre assinada pelo pseudônimo Paragussú. Mas o conteúdo não foi alterado, continuou se falando de acontecimentos locais e de cidades vizinhas, além dos nacionais e dos internacionais.

Por volta de 1975, o período ficou sem atividades, pois Gonzaga Dias estava adoentado e, posteriormente, faleceu. A circulação do jornal só retornou durante a década de 1980, na direção de Osmar de Azevedo Moreira. Nessa nova fase, que foi uma expressão usada na capa da edição do ano 2000, o jornal recebeu uma nova roupagem, mudou, principalmente, seu aspecto visual.

Figura 33: Formatações do Jornal Correio de São Félix de 1980 a 2000



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida

Nota-se que nas três imagens da Figura 33, referente ao *Correio de São Félix* da década de 1980, 1990 e 2000, ocorreu modificação no número de colunas, na fonte do título, na periodicidade (mudou para bimestral), na logo – passou a usar “O jornal do Recôncavo” –, além das editoriais e do número de páginas.

Não foi possível precisar o tempo exato, mas houve uma interrupção na produção jornalística, voltando apenas à ativa no início de 2013, por iniciativa dos jornalistas Magno do Rosário e Valdelice Santos (autora desta pesquisa), e de Leandro Leite. O periódico seguiu com circulação bimestral, exceto a primeira edição, que foi trimestral (janeiro, fevereiro e março), também continuou no formato de quatro páginas e com texto em duas colunas. A edição de dezembro, por conter anúncios de votos de boas festas de anunciantes e de leitores, foi considerada especial e a impressão passou a ser colorida nos primeiros anos de retorno do jornal.

Figura 34: Correio de São Félix, ano 79, nº 2.519, abr/mai., 2013

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A figura acima é referente à capa da segunda edição do periódico reativado em 2013, a qual apresenta novo slogan – “Jornal independente e cultural” –, mas manteve a fonte do título do jornal da época de fundação, que só foi alterado um ano depois para uma fonte mais moderna. A edição fez uma pequena homenagem a Luiz Gonzaga Dias e ao jornal pelos 79 anos de fundação. Ao contrário das edições anteriores, os textos passaram a ser assinados por seus emissores até 2016, ano em que Valdelice Santos se desligou do jornal e Magno do Rosário assumiu, praticamente, todo conteúdo jornalístico. Assim se perpetua até as edições mais atuais – priorizando apenas a assinatura dos colaboradores.

Na versão atual, houve novamente alteração em relação ao tamanho do periódico, voltou para o formato da época que esteve sob os cuidados de Gonzaga Dias, isso inclui também o retorno às cinco colunas. Além disso, algumas editorias foram preservadas, a exemplo do espaço dedicado à literatura, porém outras tiveram pequenas modificações nos títulos como *Pontos da semana* que passou a ser *Pontos do mês*. O espaço *Memória*

Viva é uma novidade, nele há a publicação de uma fotografia antiga de algum evento ou prédios de São Félix.

Figura 35: Correio de São Félix, ano 87, nº 2.579, fev., 2022



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A imagem publicada acima, Figura 35, refere-se à publicação do *Memória Viva* de fevereiro de 2022, a qual traz uma fotografia de 1935 do cortejo do bloco “As Catarinas” – manifestação cultural local, hoje inexistente na cidade.

A direção da nova fase continua sendo de Osmar de Azevedo, porém a responsabilidade da produção textual é de Magno do Rosário. Outra novidade do jornal foi sua versão digital, com diagramação colorida, disponibilizada em redes sociais no formato PDF (*Portable Document Format*).

Figura 36: Correio de São Félix, ano 88, nº 2.581, abr., 2022

Edição comemorativa
Aqui o Jornalismo é levado a sério!

CORREIO DE SÃO FÉLIX

Jornal Independente e Cultural

Desde 1934 São Félix - Bahia • Ano 88 • n° 2.581 • Abril de 2022

Referência no Recôncavo, Clínica Adventista da Bahia completa 20 anos

Por Williane Passos

A Clínica-Escola da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) completa 20 anos de existência no último mês. A construção da Clínica Adventista da Bahia teve início em 2001 e sua inauguração ocorreu no dia 21 de abril de 2021, como local de ensino do curso de Fisioterapia. Mensalmente, a Clínica-Escola da FADBA realiza, em média, 250 atendimentos na área de Enfermagem, 1.000 em Fisioterapia, 400 em Psicologia, 750 em Odontologia e 100 em Nutrição, além de vacinar cerca de duas mil pessoas, aplicar 80 curativos e fornecer 250 medicamentos.

Serviços

As primeiras atividades oferecidas em 2002 foram as de reabilitação fisioterapêutica nas áreas de Ortopedia e Neurologia Adulta, se estendendo aos cursos de Enfermagem, Psicologia e Pedagogia. Em 2014 foi incorporada uma Unidade de Saúde da Família satélite, em parceria com a prefeitura de Cachoeira, intitulada "Esmeralda Damasceno", oferecendo para a população vizinha da faculdade serviços de: clínica médica, odontologia, preventivo e vacinação. Em seguida foram iniciados os serviços de odontologia e nutrição.

Experiência

Histórias de vida e transformação passaram pelas portas da clínica e seguem sendo compartilhadas no decorrer dos anos, como a de Diego Patrício, que há 14 anos cursa o curso de Odontologia na Clínica-Escola como aluno. Hoje, coordena o curso de Fisioterapia, atua diretamente nesta etapa de formação dos alunos e afirma que os estágios na Clínica-Escola são uma das etapas mais importantes no processo de formação. "Tudo na supervisão de estagiários clínicos há pelo menos 6 anos e tem sido maravilhosa essa experiência. Eu digo que os estágios na Clínica-Escola são a 'última etapa' da lapidação destes diamantes que existem levando ao mercado de trabalho", completa Patrício.

Projetos de extensão e pesquisa

Em 2004 se inicia o Projeto Social de extensão e pesquisa "Um sorriso pra você", de atendimento multidisciplinar de crianças com necessidades especiais e suas mães. O programa começou com a participação de professores e estudantes dos cursos de Fisioterapia, Pedagogia e Teologia, em seguida com mulheres do AFAM-SALT (respostas dos estudantes de teologia) que colaboraram com cursos de articulação. Depois se uniram os professores e estudantes do curso de

Enfermagem, atendendo as crianças e suas mães, professores do curso de Administração, para oferecer cursos de finanças de lar para as mães e professores, e estudantes dos cursos de Psicologia e Odontologia, para educar quanto à prevenção e cuidado bucal.

Tratamento de crianças especiais

A clínica tem se tornado referência no Recôncavo baiano para o tratamento e cuidado de crianças especiais por ser o único local onde esse serviço é prestado de forma gratuita e multidisciplinar. Tudo isso tem chamado a atenção de mães da região, que são beneficiadas e convidam outras famílias para participar. Alana Santos, mãe de Thiago, explica que quando o projeto começou ficou apertadinho porque, além de ajudar as crianças, também ajuda as famílias com custo básico e outras necessidades. Ela afirma também que é um dos melhores momentos da semana para as mães e para os filhos, que compartilham experiências e se apoiam mutuamente. "As professoras elaboram atividades muito boas de aprendizagem. Thiago está aprendendo muito e quando ele está em casa, as vezes eu percebo as coisas aprendidas no projeto. Ele acaba passando em casa até para o irmão que também aprendeu", disse.

Outros projetos

Outros projetos de atuação e pesquisa também são desenvolvidos pelas professoras e alunos, como o **Rede de Saúde**, que atua na prevenção de doenças metabólicas; **Disfunções Temporomandibulares**, que oferece atendimentos fisioterapêuticos e odontológicos específicos para os diversos diagnósticos desta área de especialidade; **Reabilitação Cardiovascular**, com o objetivo de oferecer reabilitação para cardiopatas, hipertensos e portadores de doenças metabólicas; **Dor Crônica**, que oferece reabilitação para pacientes com dor lombar e fibromialgia baseada no modelo da Escola de Pontara, com participação de estudantes de Fisioterapia e Psicologia; **Qualidade de vida para o trabalhador**, com participação dos estudantes de Fisioterapia, Psicologia, Enfermagem e Odontologia, entre outros.

Os próximos passos da clínica acompanham o crescimento da instituição que, ao inserir novos cursos, aumenta a possibilidade de atendimentos e serviços, sempre agregados ao propósito de atender à comunidade e glorificar o nome de Deus em cada abordagem.

Associação
a sua
Colaborar
com o seu
trabalho
com
qualquer
valor
mensal.

Você estará
ajudando a
garantir a
circulação
do jornal
e contribuindo
para a memó-
ria da nossa
cidade.

No último 29 de abril, o Correio de São Félix completou 88 anos de fundação.

Sanfelixta desenvolve curativo sustentável com base no própolis em parceria com sua orientadora

Procuradoras buscam desenvolver uma tecnologia inovadora para o tratamento de lesões na pele, um biocurativo com nanopartículas de própolis incorporadas a hidrocolóides naturais.

Por Williane Passos

A iniciativa de Patrícia Fonseca, juntamente com sua orientadora Neila Pereira, surgiu a partir da necessidade de tratamentos alternativos e eficazes para terapias de lesões cutâneas crônicas que vão desde feridas em diabéticos, úlceras de decúbito a queimaduras. "Presumimos na associação do própolis com outros subprodutos naturais que geralmente são descartados, gerando assim um material sustentável de alto impacto", ressalta a estudante.

A pesquisadora lembra que alguns tipos de curativos disponíveis no mercado possuem tempo de regeneração epitelial longo e custo alto. "Nosso tratamento é inovador, capaz de solucionar problemas crônicos em algumas terapias ou até mesmo potencializar o efeito de outras e com isso preparar novas pesquisas através da associação de matérias já existentes que atuam individualmente em processos terapêuticos que envolvam ações antibacterianas, anti-inflamatórias e cicatrizantes", continua.

Considerando seu processo cuidadoso, o tratamento de feridas demanda uma série de cautela, além de ser oneroso por necessitar de técnicas sucessivas de curativos. "Quando estes pacientes se encontram internados, levam muito tempo sob cuidados profissionais e riscos de outras infecções. Desta forma, é salutar desenvolver uma terapia mais racional e acessível para todo tipo de paciente, tanto pela necessidade terapêutica quanto pelo baixo custo na sua aquisição", defende a pesquisadora.

Atualmente cursando mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Patrícia desenvolve o projeto em parceria com a professora Neila de Paula Pereira, doutora em Ciências Farmacológicas na área de imunoss, medicamentos e correlatos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com apoio da Fapesp, do Sebrae e do CNPq, a ideia inovadora também tem como parceiros o Laboratório de Pesquisa em Medicamentos e Cosméticos (Lapemcos - UFBA), a Universidade Federal do Alagoas (UFAL) e o Laboratório de Farmacologia e Terapêutica Experimental (Lafte).

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Esta Figura 36 é da edição digital de abril de 2022, edição esta que comemora os 88 anos de fundação do periódico. Nela, o colorido toma conta de todo conteúdo, inclusive do título do jornal, que saiu da cor preta para o azul marinho.

Assim, o *Correio de São Félix* segue fazendo publicações com recurso financeiro de anunciantes locais e de alguns assinantes, sendo publicado mensalmente.

3.2 Carnavais nos clubes sanfelixtas

Para compreender que sociedade sanfelixta era expressada nos carnavais realizados nos clubes, entre os anos 1920 e 1970, criou-se seis categorias de análise. São elas: “interrupção” da vida cotidiana, manifestação da elegância, concurso de rainha, bailes e eventualidades, bailes e elementos da cultura nacional e grupos musicais dos

bailes. Dessa forma, será observado não apenas o contexto local, mas também o nacional e como isso era refletido no festejo.

3.2.1 “Interrupção” da vida cotidiana

O carnaval sanfelixta é descrito em jornais que circulavam em São Félix como uma festa da liberdade, da loucura, da quebra de rotinas e da inversão do regime dominante, ou seja, os foliões assumiriam papéis que gostariam de exercer na sociedade nos dias normais, conforme definiu Miguez (2006). Uma edição do jornal *A Vanguarda*, que traz o primeiro vestígio de carnaval nos clubes, descreve sobre esse carnaval:

E' Momo que se aproxima com todo o cortejo de despreocupação e liberdade, de riso e de troça, pondo nos espiritos um esquecimento de alegria, um arremedo de ventura.
Fóra com as tristezas, abaixo com os cuidados! (ÀS VÉSPERAS, 1926, p. 1).

Na década de 1950, o jornal *Correio de São Félix* também trouxe uma descrição semelhante à da *A Vanguarda*, de que o carnaval sanfelixta era uma festa contagiante. “Os bailes, nas noites de Sábado, Domingo, e Terça Feira foram uma causa a Louca nos salões da Atlética. Dançou-se, cantou-se, pulou-se até ‘José’ chegar ao romper do dia” (LE MOS, 1951, p. 1). Tais características carnavalescas são apontadas pelo pesquisador Miguez como traços que marcam a festa como *tempo extraordinário* e que não é exclusivo apenas de uma localidade.

Inversão dos sentidos, aparente modificação das regras do cotidiano, rituais libertadores, prazer, fartura, permissividade, extroversão, vícios, música e dança, comidas e bebidas, compõem esse “tempo extraordinário” que rege a ordem carnavalesca (MIGUEZ, 2006, p. 21)

O termo *tempo extraordinário* usado em referência aos dias de carnaval, “deve ser considerado como ‘sagrado’ porque é a negação da rotina diária. Por esta via é possível se pensar na interrupção da luta diária e dos acontecimentos do dia-a-dia para se conquistar um espaço utópico e por isso ‘sagrado’” (SABE, 1986, p. 16). Assim, os foliões sanfelixtas viam o carnaval como uma oportunidade de extravasar os desejos reprimidos pela labuta diária, assim como foliões de outras partes do país.

Em relação a quebra de rotina, esta já é observada desde os primórdios dos festejos carnavalescos na Grécia. Os festins de Dionísio (deus da loucura) admitiam a inversão dos valores como elemento essencial. “A transformação do convencional implicava a montagem de um espaço fantástico onde ‘não-comum’ agia como elemento transformativo e, se delicioso, condenável” (SABE, 1986, p. 13). Assim, havia uma oposição à rotina diária: pobres viviam como ricos; e ricos, como pobres. Roberto DaMatta, também defende a inversão de valores como uma das características do carnaval brasileiro. Para ele é: “Um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, quando todos se podem manifestar individualmente” (DAMATTA, 1997, p. 161).

Mas há os que caracterizam o carnaval como uma festa da junção de elementos culturais e sociais. Sabe (1986) pontua que nos festejos de Apolo (deus da razão) pregava o oposto a inversão de valores. Nesse sentido, segundo ele,

[...] o carnaval seria uma oportunidade de combinação de valores sociais, culturais, de grupos variados que estariam, através do convívio em uma situação diferenciada, harmonizando suas propostas. A música, a dança, a alegria seriam elementos desse quadro (SABE, 1986, p. 77).

Em São Félix, a ideia de “interrupção” da vida cotidiana operou predominante durante os carnavais realizados nos clubes e foi visto, conforme descrição jornalística, como um elemento de trégua das rotinas diárias. “Carnaval está nas portas do nosso povo, convidando-o para a folia, para brincadeira folgazã que somente de ano em ano concorre para uma especie de tregua entre a crise e a ‘fatalidade’ carnavalesca” (NA ONDA..., 1958, p. 2)

Todavia, conforme os anos iam se passando, a visão que se tinha do carnaval como festa da liberdade e da inversão do regime dominante foi se modificando dentro dos clubes sociais que explicitavam as desigualdades econômicas e raciais. Mas essa tendência discriminatória era algo antigo, presente em diferentes carnavais, segundo Sabe (1986). “Desde sempre o carnaval manteve a idéia de espaço como fundamental: os salões para elite; a rua para grande público, pobre” (SABE, 1986, p. 34).

Chamam atenção dois trechos do jornal *Correio de São Félix* referentes ao carnaval de 1968 e de 1974, período em que o Brasil passava sob o regime da Ditadura Militar – instaurado em 1964 e que durou até 1985. Nota-se uma ambiguidade referente à ordem durante o carnaval. Na edição de 1968, foi publicada uma nota com restrições de

alguns públicos, com definições de normas e controles, desfazendo a ideia anterior de uma festa de “liberdade”. A nota diz: “Se já, avisamos que não será permitida a entrada de môças estranhas no quadro social, e rapazes, portadôres de bebidas, trajando shorts” (FLORESTA..., 1968, p. 3).

Já a menção da matéria de 1974 faz referência à presença de um delegado de polícia: “O delegado de Polícia em exercício, sr. Júlio da Silva Fraga, preston elogiável assistência, embora sem necessidade da interferencia para manutenção de ordem” (FLORESTA..., 1974, p. 2). A figura do delegado tinha o propósito de regular, coibir alguns atos tidos como ilegais e garantir a ordem da festa, mas, por outro lado, o folião tinha sua liberdade festiva restringida. A presença desta autoridade policial chama atenção para outro fator: uma possível censura depositada no jornal *Correio de São Félix*, já que este é que dá sua opinião “jornalística” sobre o carnaval na cidade naquele ano. Logo, não é apenas um indício de controle festivo, mas também comunicacional.

Observa-se, que quando se fala em liberdade no carnaval, é comum interpretá-la como transitar livremente entre os espaços festivos, assumir comportamentos, personalidades e atitudes livres de julgamentos, e usar vestimentas exageradas às regras sociais. Ou seja, entendimento próximo ao conceito da palavra *liberdade* definida pelo dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o qual diz que é o “direito de um indivíduo proceder conforme lhe pareça, desde que esse direito não vá contra o direito de outrem e esteja dentro dos limites da lei³⁵”. Porém, o que se verifica é que a liberdade festiva é bem relativa, por exemplo, em São Félix, a liberdade para um folião não era a mesma para o outro, principalmente porque havia algumas regalias sociais, conforme o poder que exercia.

Portanto, verifica-se que os foliões sanfelixtas tiveram uma experiência ambígua nos festejos carnavalescos, a qual estava imbricada entre liberdade e restrição. Pois se viveu um espaço da “suspensão” do tempo e da rotina diária e, também, da demarcação de controle. Essa ambiguidade entre liberdade, suspensão do tempo e controle e definição de hierarquias, uma marca presente ao longo da história dos festejos, fica mais evidente em determinados momentos, como nos períodos de controle político. É bem provável que tal experiência teve interferência dos fatos/acontecimentos históricos, a exemplo da Segunda Guerra Mundial, do regime do Estado Novo e da Ditadura Militar.

³⁵ Verbete “liberdade”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/liberdade> Acesso em: 15 set. 2022

3.2.2 Manifestação da elegância

Nos clubes sociais, o carnaval é destacado como uma “festa da elite” e “para a elite” sanfelixta. Conforme um trecho de uma publicação do jornal *A Vanguarda*, os primeiros bailes dançantes de carnaval sanfelixta se iniciam no Palacete da Escola Remington, em 1925. Depois de os foliões saírem às ruas no sábado, o domingo foi para a festa privada. Observa-se, em dois trechos da narrativa jornalística, que o público alvo do folguedo não era a classe baixa. “Uma festa verdadeiramente de requinte fidalga, que honra para a nossa elite [...] o tom de verdadeira elegancia o presidiu” (CARNAVAL..., 1925, p. 3).

Figura 37: Baile realizado no Palacete da Escola Remington



Fonte: *A Vanguarda*³⁶, 1925, p. 3

A Figura 37 não é nítida, mas nela é possível verificar dezenas de foliões de ambos os sexos, vestidos a caráter da ocasião e felizes; alguns deles despojados pelo chão para a pose fotográfica. Essa memória jornalística ajuda a entender como foi se formando a identidade carnavalesca dos bailes de clubes de São Félix, sem envolvimento de todas as classes sociais e com trajes considerados elegantes.

Já no ano seguinte, 1926, o baile foi transferido para a sede do Clube da Associação Atlética, porém persistiu o caráter de festa da elite.

³⁶ Jornal *A Vanguarda*, São Félix, ano 2, nº 28, p. 1, 7 mar., 1925.

Na segunda-feira gorda, São Félix, vai assistir a uma das mais encantadoras festas que já se realizaram nesta cidade e o Baile do Club Allemão promovido por uma comissão diamantes de grandes destaques de nossa sociedade e que se constituído de Santos cavaleiros snrs. J. M. Vianna, J. Gama Lobo, Alberto Mettig, Lucilio Castro e do nosso diretor snr. Luiz Soares (ÀS VÉSPERAS, 1926, p. 1).

Os bailes de carnaval nos clubes sociais, especialmente no Clube da Atlética, são descritos nos periódicos como um espaço que priorizava a alta sociedade em seus festejos. Os relatos trazidos no jornal *A Vanguarda*, em 1926, teceram elogios à elegância e ao refinamento dos salões da Atlética, como algo comum para a época:

Mais dois dias e São Félix vae reunir nos elegantes salões do confortavel palacê e residencia do sur. Juventino Castro, tudo que a sua sociedade tem de elegante e escolhido, para o baile suptuoso, promovido por essas abençoada senhorinhas da Pequena Cruzada, em benefício do hospital de São Félix (ÀS VÉSPERAS, 1926, p. 1).

Em relação aos trajes, cabia à diretoria aceitar ou não o/a folião/ã dentro dos clubes, desde os primeiros bailes e seguiu até os últimos, como pode ser observado em um anúncio jornalístico de 1960, o qual reforça as orientações de vestimentas nos dias da brincadeira no Floresta: “Trajes – facultado fantazia, cabendo à Diretoria considerar qualquer julgado inconveniente” (FLORESTA..., 1960, p. 1). Assim, a festa no formato elegante, com exigência nas vestimentas já deixa explícito o público que deveria frequentá-la.

Os bailes não eram organizados apenas para a alta sociedade local, buscava-se também agradar a classe média de cidades vizinhas. “Além dos festejados bailes da ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA que movimenta a **alta roda das cidades visinhas**, bailes estes durante os dias 7, 9 e 10, haverá ainda o baile infantil da tarde de 8 que se repetirá na terça-feira gorda” (ANIMADO..., 1948, p. 4, grifo nosso).

Nota-se, nessas memórias jornalísticas, que parte da sociedade sanfelixita buscava demarcar seus espaços festivos tomando como modelo decorativo os bailes do Rio de Janeiro, que, por sua vez, seguiam a moda da Europa. Mas, também, transportou alguns preconceitos, como o de classes sociais, assim como nos clubes do Rio e de Salvador. Segundo Perny, 2015, era possível perceber nitidamente as diferenças sociais nos festejos de rua e nos de clube carioca: “[...] de um lado, a festa de rua, ao ar livre e popular; do outro, o carnaval de salão que agradava sobretudo à classe média emergente no país [...]”

(PERNY, 2015, p. 62). Em São Félix essa percepção nos dois ambientes festivos não foi diferente.

Além disso, para reforçar a ideia de que a festa era para a elite, personagens que integravam a “corte” sanfelixta, como rainha, princesas e rei, demarcavam os espaços fechados com a ideia de nobreza. “A magestosa rainha e suas adoráveis príncezinhas do carnaval deste anno parece que transferiram a corte do céu para o imponente salão da Atlética” (LEMOS, 1951, p. 1).

A percepção de elegância nos bailes também se estendia às mulheres as quais, assim como os homens, faziam parte das comemorações carnavalescas na cidade, tanto nos clubes sociais como nas ruas.

Quem disse que há tristeza na face da terra nunca assistiu um baile de estrelas na Associação Atlética; nunca viu Inove, Elza, Carmem, as Helenas Costa e Barbosa, as Irmãs Bernadete e Alvelina, Clarilda, Solange, a rainha do carnaval deste ano e uma infinidade de brotinhos abafando nos sambas, nas marchinhas, nos boléros, em tudo que movimenta as pernas e os braços num baile carnavalesco, gingando, pinotando, saracoteando com infinita graça (LEMOS, 1951, p. 1).

No posto de princesa e de rainha observa-se certas exigências nas candidatas, que vão além da beleza, estendia também à condição social.

Do pleito que tanto que fez vibrarem foliões da Atlântica saíram vencedoras as senhoritas Solange Coutinho para rainha e Clarilda Freitas, Clarice Barbosa, Margarida Lordelo e Haydée Costa para princezas da côrte fantasmagórica dessa rainha magnífica. Qualquer, entretanto, d'essas beldades que se candidactaram nesse pleito estava, por suas condições pessoais, de altos primores, na altura de por a corôa na cabeça e empunhar o sceptro (RAINHA..., 1951, p. 2).

O Falange Feminina, grupo formado por mulheres da alta sociedade sanfelixta, selecionava e indicava as candidatas para concorrer ao pleito de rainha e de princesas. Ele também patrocinou o referido concurso em algumas edições. “Sob patrocínio da Falange Feminina o concurso de Rainha do Carnaval do Floresta, vem recebendo animada adesão da sociedade local restando a coroação assinalada para o primeiro dia de carnaval na sede, e isto é, a 19 de Fevereiro” (REI..., 1966, p. 2).

Em outra edição, desta vez de 1959, também reforça a afirmação de que as candidatas deveriam ter muita beleza, viam-nas como adorno ou ornamentação para o festejo. “As garôtas, lançadas como candidatas ao trono deste ano, valem como legítimas

ornamentações do carnaval do Floresta. Tudo faz crêr no sucesso da folia na séde florentina” (MÔMO..., 1959, p. 1).

Figura 38: Rainha do Carnaval da Associação Atlética, 1953



Fonte: SOUZA³⁷, 2022, p. 45

A figura apresentada acima é da sanfelixita Ivonildes Sampaio, popularmente conhecida por Lili. Segundo as narrativas encontradas no material jornalístico, sua simpatia e beleza foram primordiais para ela conquistar o posto de rainha em 1953, para representar o baile da Associação Atlética.

Indo por outra via, com foco em um público externo à alta sociedade, o Clube Floresta recebia uma decoração mais singela, porém com artigos de boa qualidade. “No FLORESTA; vocês vão ver. O Clube do Dendê, não perde para nenhum da elite, dentro do conceito da boa ordem e êxito dos festejos anteriores que arrastaram visitantes para ser salões” (TUDO..., 1968, p. 3). Logo, nota-se, nesse relato jornalístico, uma explícita distinção entre os dois clubes, com relação ao seu público.

³⁷ SOUZA, O. F. O. de. **Carnaval**. In: História da Cultura de São Félix no Recôncavo Baiano, p. 45, 2022.

Outra matéria, também de 1968, menciona diretamente a demarcação entre as classes alta e baixa nos festejos carnavalescos dos clubes. “A festa na qual brincam ricos e pobres, somente uma vez no ano, apresenta oportunidade de confraternização de classes” (CARNAVAL!..., 1968, p. 4).

O Floresta era bastante frequentado pelos jogadores do Floresta Futebol Clube (responsável pelo espaço) e pelas classes operárias, como funcionários de fábricas, ferroviários e jornalistas, inclusive, Luiz Gonzaga Dias, redator e jornalista do jornal aqui analisado, *Correio de São Félix*, foi um grande frequentador do clube, lembrando que ele já foi presidente do clube esportivo citado anteriormente.

A sociedade sanfelixta empreitou colaboração comparecendo e dando brilhantismo invulgar aos bailes de que mereceram aplausos pela ordem e animação reinantes, destacando-se o bloco “Correio de São Félix”. constituído exclusivamente de familiares do nosso diretor, envergando camisas estampadas com páginas do semanário sanfelixta. CARNAVAL..., 1972, p. 2).

Também foi destaque nas matérias jornalísticas o carnaval nos clubes como uma festa “de família” e de ordem social. Ou seja, uma festa conservadora, marcada por medidas normativas de prevenção da moral e dos bons costumes. Observa-se que a presença da família, incluindo as mulheres, passava uma impressão de respeito. Era comum a participação familiar nos bailes, como pontua a narrativa abaixo:

Terminado às 3 horas da madrugada, o grito do carnaval do Floresta, prejudicou na frequência feminina pelas chuvas daquela noite, foi erigido em sucesso devido ao **numero elogiavel de familias**, fantasias e figuras da sociedade local, muritibana e cachoeirana (A HORA..., 1960, p. 4).

Diante do exposto, percebe-se que, apesar de haver um clube tendencioso a agradar a classe média/alta, não existe indícios nos jornais de que pessoas de classe popular, com posse do ingresso à festa, fossem proibidas de adentrar no espaço festivo, assim como, da mesma forma, a elite fosse restringida de frequentar os espaços do clube mais popular.

Essas barreiras sociais, quase sempre simbólicas, é uma das características das relações sociais vividas no Brasil, principalmente, pós-abolição. Na década de 1930, por exemplo, se constitui fortemente o mito da democracia racial brasileira que prometia solucionar o problema da identidade nacional. Neste caso, se teria um país plural com

branco, negro e indígena convivendo em harmonia. Porém, em alguns espaços já se determinava quem seria bem-vindo naquele lugar, como se percebeu em alguns bailes de carnaval, conforme as narrativas apresentadas.

3.2.3 Concurso de rainha

Personagens da corte europeia eram sempre representados nos carnavais brasileiros: rei, rainha e princesas. Os clubes e associações tinham a “tradição” de eleger uma rainha e duas princesas para representá-los na festa. O rei Momo era apenas uma figura simbólica, não havia representante personificado, mas ele comandava a folia. “A figura do rei seria o eixo do carnaval, elemento essencial na realização dos sonhos proibidos, apenas possíveis nas celebrações” (SABE, 1986, p. 20-21). O jornal *Correio de São Félix*, frisa em diversas matérias a presença da majestade, como pode ser visto na matéria de 1972: “Com seu cortejo funanbulesco Rei Momo 1º e único ditou a palavra de ordem aos aficionados da folia” (É HORA..., 1972, p. 3). Já para o posto de rainha e de princesas havia concurso para a escolha das representantes.

Os bailes de carnaval eram organizados e promovidos pelos sócios e pelos diretores dos clubes e associação, bem como o concurso para rainha e princesas. Quem não fazia parte da diretoria ou não era sócio, pagava pelo ingresso que garantia a entrada na festa. Uma nota do período pesquisado cita os valores cobrados em 1958: “Ingresso não associado; uma noite - Cr\$³⁸200,00. Idem por três noites - Cr\$500,00. Mesas com 4 lugares por uma noite - Cr\$200,00. Idem por três noites Cr\$500,00” (CONVITE, 1958, p. 1).

Nesse contexto, percebe-se que o carnaval era limitado a uma parte da população sanfelixta. Os que não tinham condições, ou por outra razão pessoal, participavam somente dos desfiles que percorriam as principais ruas da cidade. Nesses desfiles, a rainha e as princesas eram expostas em carros enfeitados, não temático como o de Salvador.

De certa forma, o carro alegórico que transportava figuras da “corte”, traz uma marcação de hierarquia, reforçando signos de distinção entre as classes e reafirmava o status de um carnaval da elite. Outra questão a ser destacada é em relação ao “carnaval familiar”, pois as mulheres eleitas deveriam ser enquadradas nas regras dos bons costumes e da moral, além disso, deveriam ser “moças gentis” e de “grande beleza”. Ou

³⁸ O Cruzeiro (Cr\$ ou G\$) foi o padrão monetário do Brasil utilizado de 1942 a 1967.

seja, nesse modelo padronizado, as demais mulheres não tinham outro lugar a não ser o de contemplação da beleza das representantes da “corte” carnavalesca.

O jornal *Correio de São Félix* estampava os avisos em seus exemplares sobre o baile que revelaria as representantes do folguedo daquele ano. A escolha da rainha acontecia no sábado, primeiro dia de festa. Por isso, o baile desse dia era o mais aguardado na cidade, exigia que os foliões fossem trajados com fantasias, a melhor e mais representativa que tivessem. O referido concurso agitava a festividade, como pontua a narrativa: “Como atração, o concurso de Rainha e Princezas, pegou fogo, valendo entusiasmo das candidatas e seus simpatizantes como verdadeiro ‘test’ de sucesso” (TUDO..., 1968, p. 3).

Os responsáveis pelo concurso, diretoria e sócios do clube o qual as candidatas os representariam, vendiam antecipadamente os bilhetes referentes às candidatas, sendo que cada bilhete indicaria um voto. A mais voltada era coroada como rainha e as que alcançavam segundo e terceiro lugar recebiam o título de princesa. A coroação acontecia no sábado, mas em 1966 foi realizada no domingo. O motivo para a alternância não foi explicado no periódico, também não fica explícito se foi a única vez.

As candidatas à rainha poderiam ser de São Félix, de Cachoeira ou de Muritiba, não havia regra quanto a sua localidade. “Conforme o programa organizado, naquela ocasião será lançado sensacional concurso para Rainha do Carnaval da Atlética, para o ano corrente, no qual competiram lindas representantes de São Félix, Cachoeira e Muritiba” (GRITO..., 1954, p. 1).

O resultado era divulgado no baile à fantasia chamado de “Grito de carnaval”. Tanto a rainha quanto as princesas visitavam os bailes em outras cidades, como Cachoeira e Muritiba, como frisa a narrativa de 1951: “Na Terça-Feira a rainha, acompanhada de seu luzido sequilo, foi, a passeio, até Muritiba onde fizeram estrondosa recepção” (LEMOS, 1951, p. 1).

Assim, o referido concurso gerava renda para os clubes com a venda dos bilhetes das candidatas ao posto de rainha. Porém, como o acesso ao festejo era por meio de um ingresso, uma parte da população era excluída desse ambiente particular, aglomerando-se nos desfiles das ruas.

Além do baile para adultos à noite, havia também o baile infantil à tarde (poucas vezes ocorreu pela manhã), porém não era representado por rainha.

3.2.4 Bailes e eventualidades

A folia carnavalesca sanfelixta em alguns anos foi realizada discretamente. Segundo relatos do *Correio de São Félix*, o período da II Guerra Mundial (1939-1945) influenciou significativamente os festejos. Em 1945, quando findava a Guerra, por exemplo, o carnaval aconteceu sem uso de máscaras.

A festa carnavalesca ficou constrangida durante toda a guerra, como cita o colaborador jornalístico Pedro Dantas no *Correio de São Félix*: “Não mais o esplendor dos clubes, carnavalescos. Não mais aparecido o humorismo das máscaras inteligentes e folgazões. Não mais as redes enormes de serpentes. Não mais as batalhas reunidas de lança-perfume. Não mais os imponentes bailes de máscaras” (DANTAS, 1945, p. 1). No ano seguinte, ao fim da Guerra, a festa continuou sem brilhantismo. “O carnaval viveu constrangido durante toda a guerra. Não deixou – é fato – de mostrar o cara pela rua. O regime da censura tirou o encanto da sua boutade. Seu privilégio foi abolido pela exigência da lei de guerra” (DIAS, 1946, p. 1).

Os anos de 1940 foram marcantes para o mundo e principalmente para o Brasil que passou pela censura do Estado Novo, correspondente aos anos de 1937 a 1945, período em que Getúlio Vargas implantou um regime autoritário que centralizou o poder no Executivo, também foi instruída a censura aos meios de comunicação, o fechamento de entidades sindicais consideradas suspeitas e a prisão de quem estimulasse ou promovesse manifestações contrárias ao Governo. Devido a isso, os festejos carnavalescos estiveram sob constante vigilância nesse período.

Somente em 1948 é que os foliões se sentiram mais animados e encorajados para a diversão pagã, é o que mostra uma publicação deste ano:

Depois de quase dez anos, tivemos um carnaval movimentado e animado pela cidade, uma festa em que o povo a despeito das nuvens ameaçadoras de um futuro aziago pela falta de desemprego, brincou, farreou, esqueceu as mágoas, entregando-se às manifestações dignas de suditos de S. Magestade, Rei Momo 1º e Unico (INFLUENTE..., 1948, p. 4)

O folguedo popular de 1948 teve o apoio de poderes públicos municipais, incentivando os foliões a irem aos festejos: “Estimulado e amparado pelos poderes públicos, o carnaval deste ano dênota, a despeito das aperturas de vida, um entusiasmo ha anos esquecida nesta cidade” (ANIMADO..., 1948, p. 4).

Uma referência intrigante aparece em uma das matérias publicada em 1955, nela ainda há a formulação de “voltar a animação de um tempo atrás”, assim como a mencionada anteriormente, em 1948. Ou seja, embora a ditadura do Estado Novo, que reprimia violentamente qualquer tipo de manifestação política contestatória, não estivesse mais regendo o país e também findado a II Guerra, o povo ainda não estava completamente preparado para participar do carnaval, provavelmente devido a vários contextos, inclusive local, como pontua uma citação jornalística: “O carnaval vem recuperando o lugar perdido na cidade” (REI..., 1955, p. 4).

O jornal pontua algumas eventualidades locais que interferiram negativamente na realização da festa. Um dos casos foi um descarrilamento de um trem na entrada da Ponte Dom Pedro II, o qual impediu a realização do carnaval em 25 de fevereiro de 1959, que atingiu o casarão da professora dona Glorinha – onde funcionou uma escola primária – e um poste. “Domingo não houve festa, devido à falta de iluminação provocada pela destruição da elétrica pela locomotiva da Leste” (O CARNAVAL..., 1959, p. 2). A figura abaixo mostra diversos operários da ferrovia da Leste Brasileiro retirando ferragens e outros destroços do acidente.

Figura 39: Destroços da colisão do trem e com o casarão



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, em 1959

A outra menção é referente às cheias do Rio Paraguaçu, rio que banha a margem direita de São Félix. Em dois poemas publicados no jornal *Correio de São Félix*, um de

Gonzaga Dias e outro de Ligia Deiró³⁹, observa-se que a cidade passou por um cenário devastador com ruas cheias de destroços carregados pela correnteza; os foliões se entristeceram sem carnaval, apenas as músicas puderam ser ouvidas em rádios.

O cenário constrangedoras ruínas deixadas pela fúria satânica da inundação do Paraguaçu, matou minha inspiração.
 Horível desolação em volta...
 rei Momo fugiu espavorido tangido pela fúria inexorável do rio.
 Pierrot, Colombina e Arlequim correram da realidade ameaçadora da inundação.
 Os sons dos guizos, apitos e tamborins foram abafados pela voz furiosa da correnteza.
 A animação do tolião rolou veloz levada pela torrente.
 Nas ruas impera só a tristeza as músicas de carnaval gritadas nos rádios derremam na cidade uma sinfonia triste que as enxurradas levam de roldão.
 Domingo de Carnaval!...
 Sem Colombina, sem Pierrot, sem Arlequim.
 Os confetis coloridos e as multicores serpentinas esvoaçavam no ar tangidos pela realidade cruel da inundação.
 Domingo de carnaval!...
 Sem quizes, sem apitos e sem tamborins.
 Sem vistosas fantasias, sem mascarados, sem foliões sem animação, sem nada!...
 Há apenas uma foliã: a água brincando na avenida na mais satânica ironia (DEIRÓ, 1966, p. 2)

Ah! meu carnaval atribulado
 Sem Sem Colombina, Pierrot e Arlequim
 Sem música de jazz.
 Porque o barulho do paraguaçu Abafa a gargalhada da folia

Ah! meu carnaval sem alegria
 Sem confete, sem corso ou lança-perfume,
 Porque a avenida ficou cheia de areia,
 Repleta de enxurro e desolação.

Ah, meu carnaval de outros anos
 Quando o rio não anulará a sede de brincar
 E o samba, marcha e frêvo eram canções
 Que não saíam de bocas torturadas

Onde ficou meu samba carnavalesco?
 Na melopéia angustiada do povo,
 Pedindo pão e agasalho?

No drama comovente de São Félix, Cachoeira e outras populações irmãs
 Fustigadas pelos rios traiçoeiros,
 Pela inépcia de todos governantes

Não quero mais fantasia
 Basta a máscara da agonia do meu povo

³⁹ Lúcia Nonato Deiró Lefundes foi a primeira mestra sanfelixita em pedagogia. Lecionou em Cachoeira e em escolas de São Félix, onde foi diretora do Grupo Escolar Deiró Lefundes. Lúcia Deiró também foi escritora e poetisa, entre suas obras estão Mosaicos e Retalhos de Lembranças.

Sofrendo pela enchente e pela incuria patria
Na rua da amargura (DIAS, 1966, p. 3).

Pelo que foi descrito, nota-se que os foliões sanfelixtas respeitavam as eventualidades do momento, entretanto não se conformaram com a ausência da festa glamourosa e divertida, embora nada pudessem fazer.

Vale ressaltar que as enchentes do rio Paraguaçu afetaram as cidades de São Félix, de Cachoeira e parte de algumas comunidades de Maragogipe durante muitos anos, sendo a última em 1989. Nas imagens abaixo pode ser observado que as principais ruas da cidade foram tomadas pelas águas do rio, afetando diversos imóveis comerciais e residenciais. Após as águas baixarem, o trabalho de recuperação e de limpeza dos destroços arrastados pela força da água eram feitos em conjunto por moradores comuns e funcionários públicos. Durante o período das cheias, as cidades atingidas ficavam praticamente paradas, inclusive o sistema de transporte terrestre e o comércio das vias alagadas.

Figura 40: Vista da Avenida Salvador Pinto da enchente



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, década de 1930

Figura 41: Praça José Ramos atingida pela enchente



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, de São Félix, década de 1940

Figura 42: Rio Paraguaçu nas cheias



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, década de 1960

Figura 43: Última enchente do Paraguaçu, vista da orla sanfelixta



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida, 1989

As quatro figuras expostas acima dizem respeito às principais décadas em que as cheias do Paraguaçu afetaram significativamente a cidade sanfelixta, com vistas para diversos ângulos.

A Barragem de Bananeiras foi construída em 1914 para conter as enchentes, porém não foi bem sucedida. Dessa forma, na década de 1970 iniciou uma nova construção, a da Barragem Pedra do Cavalo, sendo esta inaugurada em 1985, no intuito de controlar as cheias, além de ser responsável pela geração de energia e pelo abastecimento de água para a cidade de Salvador, para região metropolitana e para municípios do Recôncavo. No entanto, ainda foi registrado uma enchente nessa nova construção, de forma inesperada, marcando significativamente a memória dos moradores da região atingida, pois causou danos ao patrimônio cultural e histórico de São Félix e de Cachoeira, aos comerciantes e à população. Muitas pessoas perderam casas, imóveis e outros pertences de valor sentimental, a exemplo de objetos e fotografias de família.

3.2.5 Bailes e elementos da cultura nacional

O confete e o lança-perfume começaram a fazer parte da história dos carnavais de São Félix desde os primeiros bailes, em 1925, que, conforme o jornal *A Vanguarda*, ocorreu “verdadeiras batalhas de lança-perfumes e de confetti” (CARNAVAL..., 1925, p. 1). Segundo Nélío Arantes (2013) o confete⁴⁰ e a serpentina⁴¹ foram transportados de Paris para o Brasil – inicialmente para o Rio de Janeiro –, em 1892, porém a primeira festa com batalha de confete só aconteceu em 1907. Já o lança-perfume⁴² surgiu por volta de 1906, alguns de origem da Suíça.

Entretanto, eles só aparecem com força nos relatos jornalísticos, nos bailes de clubes sanfelixtas, a partir da década de 1950. Segundo relatos do *Correio de São Félix*, tais elementos trouxeram modificações na forma de brincar. O jornal destaca a serpentina, o confete e o lança-perfume como novidade da festa, os quais deram oportunidade para os foliões inovar em seus bailes, passando a ter aspectos de animação dentro dos clubes, como é descrito no jornal: “Cruzavam-se as serpentinas; confetis choviam como as estrelinhas do céu; gladiavam-se os foliões a jactos de lança-perfumes como espadanchis em combate colectivo” (LEMOS, 1951, p. 1).

O jornal continua fazendo menção, em anos posteriores, aos referidos objetos como sendo elementos fundamentais para manter a animação nos bailes, inclusive para as pessoas da “alta sociedade” presentes.

Sábado, segunda e terça-feira, sob os acordes do Jazz Continental de Muritiba, e vibração tomaram conta dos salões onde grandes figuras representativas da sociedade, desta cidade, de Cachoeira, Muritiba e Cruz das Almas, [...] (O CARNAVAL..., 1952, p. 2)

Outro elemento da cultura nacional, este referente à moda, também presente nos festejos sanfelixtas é o bambolê. O objeto se destacou no Brasil por volta dos anos de 1950, principalmente, no Rio de Janeiro, como um dos brinquedos mais vendidos no país. O grande sucesso despertou interesse dos frequentadores dos clubes sociais, que o incluíram nos bailes de carnaval, por meio de fantasias e de letras de música. Em São

⁴⁰ Confete ou “confetti” são pequenos pedaços de papel colorido e brilhante, cotados em círculo. É um adereço muito comum nos carnavais, em que as pessoas lançam no festejo.

⁴¹ Serpentina é outro adereço utilizado no carnaval e são tiras longas e estreitas de papel colorido, presas em discos que se desenrolam em arremesso do folião.

⁴² Lança-perfume é um líquido cheio de composto químico que fez parte dos carnavais até 1961, quando foi proibido pelo então presidente Jânio Quadros, pois as substâncias presentes nele eram nocivas à saúde.

Félix, o brinquedo ganhou visibilidade na decoração dos clubes, como pode ser observado no trecho jornalístico de 1968:

Nos clubes ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA E FLORESTA, os bailes mereceram notoria afluência, havendo o clube de remo sanfelista, promovido bailes em as noites de sábado, segunda e terça-feira e mais as festas de domingo e terça-feira à tarde para a infância. O “Cuba-Jazz” sob o comando de Dadá, “enfazou” os foliões da Atlética, cuja sede chamava a atenção pela ornamentação explorando á **coqueluche atua - “O Bambole”**, na execução do pintor Alecrim (O CARNAVAL..., 1968, p. 2, grifo nosso)

Dessa forma, tanto o bambole, como o confete, a serpentina e o lança-perfume passaram a ser sinônimo de animação carnavalesca sanfelixta. Além disso, também há uma referência ao futebol e ao candomblé como integrantes da cultura nacional presentes em São Félix. A citação chama a atenção porque o candomblé ainda era cheio de controle e interdições no Brasil no referido período.

Apegado ao velho Refrão de que NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM, o prefeito Fernando Ramos deliberou ajudar o povo em também tomar parte ou assistir manifestações públicas dos festejos que é também brasileiro legítimo, como o **candomblé**, o futebol ou eleições políticas (TUDO..., 1968, p. 3)

O carnaval é um dos elementos da identidade cultural brasileira a qual é formada por um conjunto híbrido de culturas, construída à medida em que os indivíduos se aproximam uns dos outros. Para além da identidade cultural, o carnaval, ao lado do futebol e do candomblé, faz parte da identidade nacional.

Após o fim do regime de escravidão (1888), eclodiram algumas rebeliões, afetando o quadro político do país e cada vez mais era nítido a falta de unidade de uma identidade brasileira. Assim, durante o Estado Novo (1937 – 1945), o Brasil passou por uma reformulação de uma identidade nacional com base nas culturas populares. Diversos intelectuais participaram desse projeto, inclusive, por meios de obras literárias. Tal projeto atendia aos interesses dos diferentes grupos sociais e, principalmente, do Estado.

[...] é por meio do mecanismo de reinterpretação que o Estado, através dos seus intelectuais, se apropria das práticas populares para apresentá-las como expressões da cultura nacional. O candomblé, o carnaval, os reisados etc., são, desta forma, apropriados pelo discurso do Estado, que passa a considerá-los como discurso da brasilidade (ORTIZ, 1994, p. 140).

Porém, traçar uma identidade brasileira em meio a uma pluralidade de narrativas entrelaçadas no contexto da globalização emergente, não foi simples assim. “Se por um lado, houve a transformação da capoeira, do candomblé, do samba e do futebol em símbolos da identidade [...] Por outro, temos uma série de ações estatais no sentido de desqualificar, negativar, silenciar e reprimir tais atividades” (OLIVEIRA, 2015, p. 40). Um exemplo, é o candomblé que foi bastante marginalizado e sofreu perseguição policial, sobretudo durante o Estado Novo, que conforme Oliveira (2015), foi uma repressão institucionalizada através dos códigos penais de 1890 e 1942 – códigos que tiveram vigência durante o período do Estado Novo.

Essas memórias jornalísticas mostram que a festa foi se modificando ao passo que novos elementos iam sendo incluídos nos bailes, acompanhando a modernização do país. Mesmo sendo uma cidade pequena e interiorana, as novidades carnavalescas chegavam nos bailes através dos meios de comunicação, sobretudo pelos jornais impressos, emissoras de rádio e pelos viajantes, visto que a cidade era bastante frequentada por comerciantes de diferentes localidades, inclusive por estrangeiros.

3.2.6 Grupos musicais dos bailes

A partir da década de 1920, explodiu no país diversos grupos musicais influenciados pelo jazz – gênero de origem norte-americana – que, inclusive, incluíram a palavra *jazz* no nome do conjunto. Tocavam músicas diversificadas como tangos, marchas, choros e sambas. Nos anos de 1950, já estavam presentes em várias partes do país, ocupando os salões dos clubes sociais. A composição instrumental dos grupos era com “contrabaixo, trompete, saxofone, banjo, bateria e pandeiro, tornou-se padrão para as chamadas 'orquestras de pau e cordas', como também eram conhecidas” (COSTA, 2012, p. 387).

O jazz tem sua história ligada à cultura musical negra do sul dos Estados Unidos. No Brasil ele se apropriou de muitos elementos musicais locais, principalmente de ritmos que estavam em alta no momento como samba, marcha, maxixe e valsa. Os instrumentos de sopro davam destaque ao estilo musical. Assim, ele se consolidou culturalmente no Brasil, entre os anos de 1920 e 1980, por meio da atuação de orquestras e de conjuntos musicais.

Com ritmos não-lineares, o referido estilo musical esteve presente em São Félix nos bailes carnavalescos, tendo grande destaque o conjunto Jazz Continental e Cuba Jazz. “O ‘Continental Jazz’, animou as festas da Atlética, e o “Cubba-Jazz” às do Floresta” (O CARNAVAL..., 1954, p. 2). Os grupos tocavam nos bailes em dias alternados, cantando as marchinhas mais tocadas nas estações de rádio e outros estilos musicais ligados à festa, algumas foram compostas por moradores da região, incluindo temas de vivência local.

Figura 44: Conjunto Continental Jazz



Fonte: Museu virtual de Muritiba⁴³, sem data

Figura 45: Conjunto Cuba Jazz



Fonte: Blog Dilermando Lemos⁴⁴, sem data

⁴³ Disponível em: <http://museuvirtualdemuritiba.blogspot.com/2014/01/?m=1> Acesso em: 15 set., 2019

⁴⁴ Disponível em: <http://dilalemos.blogspot.com/search?q=cuba+jazz> Acesso em: 13 abr., 2012

O grupo Jazz Continental era de Muritiba, mas estava sempre presente nos carnavais sanfelixtas e também em outros eventos. Um relato do jornal de 1952 fala sobre a presença do grupo Jazz Continental nos bailes:

Sábado, segunda e terça-feira, sob os acordes do Jazz Continental de Muritiba, e vibração tomaram conta dos salões onde grandes figuras representativas da sociedade, desta cidade, de Cachoeira, Muritiba e Cruz das Almas, deslumbravam pelas fantazias apresentadas e pelo renhido das batalhas de confetti, serpentinas e lança-perfume (O CARNAVAL..., 1952, p. 2).

Já o Cuba Jazz era representado por integrantes de São Félix, formado, em sua maioria por jovens negros, e das cidades de Cachoeira e de Muritiba. Tendo como maestros Raimundo Nonato do Rosário, conhecido como Dadá, e João Frescôr. Segundo Lemos (2010), Dadá era trompetista e um dos donos da orquestra; é o quinto músico da Figura 45, visto a partir da esquerda. Eles animavam os foliões nos espaços festivos com suas brilhantes apresentações. O grupo também abria os festejos no Clube Floresta, como pode ser visto nesse trecho jornalístico: “Sabado último, o Floresta F. C. alertou as “tabas” carnavalescas, com seu baile animado, pelo ditador dos foliões, o Cuba-Jazz do maestro Dadá e João Frescôr, arrastando visitantes na cidade para ouvir sua execução” (TUDO..., 1968, p. 3).

O Cuba Jazz era um dos conjuntos mais requisitados na cidade, chegando a tocar na mesma noite nos dois clubes, em horários distintos e era sempre descrito no periódico com elogios. “O Cuba-Jazz, tem responsabilidade deste animado baile à fantasia com o qual o clube sanfexlista emite o seu grito de carnaval como arauto da folia de 1958” (O GRITO..., 1958, p. 2). Enquanto os grupos tocavam, os cordões de foliões eram formados no salão dos clubes, embalados pelo ritmo musical da época, as marchinhas e o frevo. Assim, o que se percebe é que a trilha sonora dos bailes era exclusiva dos conjuntos musicais de jazz, não se nota a presença de filarmônica nos clubes.

Ademais, verifica-se nos relatos jornalísticos que há diversos elementos musicais da cultura negra presente nos carnavais sanfelixta, tanto nos realizados em clubes como nos das ruas, a exemplo do tamborim e da zabumba. “Dançando, cantando, gemendo ou pulando ao ritmo do tamborim e zabumba dos acontecimentos ao compasso acelerado ou vagaroso imposto pela sorte” (DIAS, 1975, p. 2). O jornal também destaca o samba e

como ele se reinventava para não sair de moda dos festejos carnavalescos da pequena São Félix.

Extraviado na multidão de geração atual, observo que o samba, a marcha, o frevo a batucada não envelhecem e não perdem cadência, pois se renovam em cada carnaval, na harmonia estonteante das antiga ensurdecadora dos farristas, ritmo barulhento do Jazz homenageando Baco, continuando um carnaval no qual sou mero espectador bebendo recordações (DIAS, 1975, p. 2).

Portanto, a presença de ritmos considerados populares e associados a uma cultura negra nesses festejos é uma forma de valorização dessa matriz cultural, frente aos referenciais da Europa que tendia a predominar. Para Hall (2006), a identidade está envolvida no processo de representação. Assim, os diversos elementos que compõem o universo do discurso musical das festas de carnaval, como letras, ritmo, instrumentos, harmonia e som, se juntam para dar forma a uma identidade coletiva e individual. Dessa forma, ao se ouvir uma canção (instrumental ou não), é possível identificar qual é o gênero musical que ela se enquadra, caso os elementos rítmicos já tenham sido experimentados pela memória. Todavia, uma mesma canção pode assumir diferentes sentidos e experiências em contextos diferentes. Logo, pode-se entender que os sons entoados nesses festejos, embora provocassem sensações diferentes, eram capazes de criar laços de solidariedade e despertar sentimentos de pertencimento com a comunidade, assim, ia ressignificando a identidade cultural.

3.3 Carnavais nas ruas sanfelixtas

O carnaval de rua de São Félix, conforme relatos de jornais aqui analisados, chegou em 1925, junto aos bailes dos clubes sociais, e conviveram por muitos anos. Assim, buscando entender que sociedade sanfelixta era expressada nos carnavais, realizados nas ruas sanfelixtas, entre os anos 1920 e 1970, criou-se quatro categorias de análise: alegria popular, elementos carnavalescos, carnaval e críticas e patrocínio dos carnavais.

3.3.1 Alegria popular

O primeiro registro jornalístico sobre o carnaval nas ruas de São Félix é de 1925. Segundo o jornal *A vanguarda*, as ruas ficaram bem movimentadas à espera da folia. “Excederam de muito a toda a expectativa, a animação e o brilho de que se revestiram os festejos carnavalescos, com que toda a população de São Félix comemorou a passagem de Momo” (CARNAVAL..., 1925, p. 1). A matéria ainda diz que a movimentação modificou tanto a rotina da cidade, dando-lhe um novo aspecto. “E durante trez dias, São Félix teve um movimento, poucas vezes registrado, que lhe dava a apparencia de uma grande cidade” (CARNAVAL..., 1925, p. 1).

Nesse primeiro evento carnavalesco, nota-se que a principal característica dada ao carnaval foi a de uma festa alegre:

Foram em grande numero os mascaras que animaram com os ditos e com a **sua ruidosa alegria** as ruas da cidade. Dentre elles destacou-se pela verve e pelo espirito o bloco dos typographos, na sua maioria composto de empregados das nossas officinas, que todos encantavam pelas suas pilherias. CARNAVAL..., 1925, p. 3, grifo nosso).

A mesma característica prevalece em anos posteriores e o samba e as batucadas tornaram a festa mais divertida, como mostra um trecho do jornal *Correio de São Félix* de 1953: “Vem ai o trem da alegria. Pela cidade, fora das camadas de elite, tambem se fala no carnaval. No pôvo aliaz está a elite do samba e das batucadas” (CARNAVAL..., 1953, p. 5). Esse carnaval alegre era feito para e pelo povo, sobretudo pelas classes trabalhadoras afro-baianas, que conforme Ickes, “souberam aproveitar o poder transformador desta festa para pressionar e obter maior relevância cultural e simbólica no carnaval da cidade” (ICKES, 2013, p. 200).

Em 1957, um terno foi organizado a fim de materializar o carnaval como, de fato, uma festa sinônimo de alegria popular. “O TERNO DA ALEGRIA desfilou pela cidade, merecendo aplauzos pela cooperação emprestada ao nosso carnaval” (SOMENTE..., 1957, p. 2). Portanto, a construção dos relatos jornalísticos mostra um carnaval na rua comandado pelo povo comum e não pela elite, como acontecia no nos clubes, porém o público da alta sociedade não foi excluído da celebração. Nele, todos puderam brincar sem preocupações de normas de comportamentos ou de vestimentas. Talvez a característica de alegria tenha surgido devido a esse aspecto popular.

3.3.2 Elementos carnavalescos

Nas ruas, observa-se a presença de diversos elementos culturais desde a década de 1920, os quais já eram consagrados símbolos do carnaval no país. “Todos os **blocos e cordões** vieram à nossa redacção, fazendo-se, na Avenida Salvador Pinto, em frente às nossas oficinas, o ponto em que o carnaval teve mais animação e brilhantismo” (CARNAVAL..., 1925, p. 1, grifo nosso). O texto continua mencionando outros símbolos carnavalescos, estes, por sua vez, também presentes nos bailes de clubes. “Houve no local verdadeiras batalhas de **lança-perfumes e de confetti**, e decorrendo tudo sempre com a maior cordialidade” (CARNAVAL..., 1925, p. 1). O relato chama atenção porque aponta que tais elementos chegaram nos carnavais de rua de São Félix no início de sua solidificação nos carnavais brasileiros.

As mulheres também estavam presentes nos desfiles populares, fantasiadas de forma peculiar e encantadora. “Grupos alacres de senhorinhas, vestido ‘toilettes’ claras, davam um aspecto gracioso à cidade, com o encanto e a graça de sua gentileza” (CARNAVAL..., 1925, p. 1). Já alguns homens, que gostavam de inovar no festejo, também saíam em blocos restritos a eles, como o Macacão.

Figura 46: Bloco Macacão



Fonte: Jornal *A Vanguarda*, 1925, p. 1

A Figura 46, apresentada acima, foi publicada na edição do jornal *A Vanguarda* de 1925, e mostra homens fantasiados, no centro da foto, e outros foliões em volta deles,

representando o bloco Macacão. Não é possível ver nitidamente as pessoas presentes, mas, pelo menos em um, que está do lado direito e usa camisa listrada, nota-se que está com o rosto coberto por uma máscara e usa uma fantasia que lembra o palhaço Pierrot. O chapéu, a calça e o sapato branco caracterizam bem o grupo Macacão, que, segundo a narrativa do impresso, a sua reverência conquistou aplausos de todos presentes no folguedo.

Logo às primeiras horas da manhã de domingo, que saiu à rua, deixando a sua sede, o sympatico e popular MACACÃO, alegrando e provocando a satisfação de todos quantos o viam.

E por onde o Macacão passava eram palmas e aplausos, aliás bem merecidos.

Todos os seus membros trajavam calças brancas e fraques de chitão encarnado, que lhes dava um interessante e engraçado aspecto, cujo comico augmentava como os chapéus de feltro. O “dr.” Menotti o presidente do bloco e seu chefe e inspirador incontestado, conquistou todas as sympatias, pela sua verve delicada e espontanea, e que, sobretudo, merece destaque especial, pelo facto de não ter nunca recordado a immoralidade (CARNAVAL..., 1925, p. 1).

Mais de vinte anos depois, os elementos continuam aparecendo com grande força no folguedo carnavalesco. As ruas da cidade de São Félix foram tomadas por fortes cores e formas artísticas ilimitadas à criatividade, as quais incluíam fantasias, músicas e formação de grupos. “A festa nas ruas teve seduzido entusiasmo no domingo e terça-feira, saindo cordões, batucadas, mascaras avulsas, e terno” (INFLUENTE..., 1948, p. 4). Com o passar dos anos, os cordões, os ternos, os blocos à fantasia, as charangas e as pranchas foram ganhando mais destaques nos festejos de rua, a começar pelo primeiro dia de carnaval.

O “grito do carnaval” teve sua sagração no sábado passado com o baile realizado pelo cordão SOB A LUZ DO MEU BAIRRO, seguindo-lhe na quinta-feira, á noite, o desfile numeroso do bloco travestido, BANDO DA LUA, que trouxe em reboliço a população.

O bloco da COBRA FUMANDO, vai dar o fora domingo, havendo em preparo uma prancha integrada pelo elemento feminino da sociedade saofelixta (INFLUENTE..., 1948, p. 4).

Segundo Ickes, eram esses elementos que tornavam a festa agradável e de despreocupação. “Os cordões e batucadas eram fruto das alegrias e das dificuldades e amarguras do cotidiano popular” (ICKES, 2013, p. 199).

O carnaval popular, que tomava conta das principais ruas sanfelixistas, recebeu o nome de “Cordão da Vitória”. Nesse cordão, os foliões se misturavam alegremente, animados por conjuntos musicais da cidade, como a Filarmônica União Sanfelixta, fundada em setembro de 1916, que embalava a multidão nas ruas desde os anos de 1925, quando já é mencionada numa matéria do Jornal *A Vanguarda*. “No domingo tocou uma esplendida orchestra sob a direcção do sr. Jacintho Suzart e na terça-feira a philharmonica ‘União Sanfelixta’ compareceu até às 23 horas” (CARNAVAL..., 1925, p. 1).

Figura 47: Filarmônica União Sanfelixta, déc. de 1930



Fonte: SOUZA⁴⁵, 2022, p. 9

Pode-se ver, na Figura 47, que a Filarmônica União Sanfelixta era formada por dezenas de músicos masculinos na década de 1930. O grupo se apresentava constantemente nos eventos locais como religiosos, cívicos e manifestações populares, como os carnavais. Posteriormente à década de 1930, é possível observar que a Filarmônica manteve suas apresentações na cidade. Um relato jornalístico do *Correio de São Félix*, de 1948, frisa a presença da Filarmônica no carnaval popular daquele ano. “Na avenida Salvador Pinto, a UNIÃO SANFELIXTA, pelo seu ‘Grupo do batulho’, deleitará os foliões e espectadores com as musicas mais atuais do seu completo repertorio” (INFLUENTE..., 1948, p. 4). Percebe-se que as músicas eram executadas com a mesma

⁴⁵ SOUZA, O. F. O. de. **Carnaval**. In: História da Cultura de São Félix no Recôncavo Baiano, p. 45, 2022.

energia depositada nos bailes dos clubes sociais pelos conjuntos de jazz, algumas delas foram criadas por compositores locais, como aponta o relato jornalístico:

A cidade vai vibrar com as ruas agitadas, Avenida tumultuada com o côrso dos curiosos e o desfile do rancho “Mocidade em Folia” dirigido e organizado por Beline e Augusto Moreira da Silva (o Piegas) autores de musicas e letras do nosso carnaval de ruas, consagrados nas festanças de igual jaez (TUDO..., 1968, p. 3).

Além da Filarmônica, tinha também as charangas⁴⁶ que faziam os foliões vibrar, pular e dançar ao som de seus instrumentos musicais de batidas fortes. O último dia de carnaval era um dos mais agitados, em que os brincantes pareciam não se conformar com o fim daquela festa. “O povo acorreu a promoção emprestando movimentado aspecto ao cais agitado pela rumorosa charanga que até a noite traía ao local rumorosa multidão apreciando o espetáculo que anunciava a próxima visita do imperador da folia” (S. M. REI..., 1966, p. 3).

Figura 48: Desfile da rainha e das princesas



Fonte: Blog Dilermando Lemos⁴⁷, 1951

A imagem apresentada acima é do carnaval de 1951, em São Félix, tirada na Avenida Salvador Pinto, orla da cidade. Nela, ao centro, estão Ivonildes Sampaio Lemos

⁴⁶ Banda composta apenas por instrumentos de sopro que surgiu por volta da década de 1940.

⁴⁷ Disponível em: <http://dilalemos.blogspot.com/search?q=carnaval+1951> Acesso em: 07 jun., 2012

Costa, rainha do carnaval; Florilda Saba e Ana Rita Coutinho, as princesas. O veículo é um Ford modelo de 1928, transformado em uma prancha, pertencia ao comerciante Cândido Pires.

Como visto, a prancha foi utilizada diversas vezes no desfile para condução da rainha e das princesas pelas ruas da cidade. “O bairro do Botafogo, apresenta amanhã, uma bela prancha apresentando com o sequito a sua Rainha do carnaval” (CARNAVAL..., 1953, p. 5). Outros veículos ornamentados também desfilavam pela cidade. Nesses desfiles também se jogavam confetes e serpentinas uns nos outros. Ademais, o desfile da rainha era uma das marcações do carnaval de clubes pois mostrava à cidade que a festa era governada por pessoas da “corte”.

Observa-se, de acordo com as memórias jornalísticas do *Correio de São Félix*, que, conforme os anos iam se passando, mais elementos se integraram ao carnaval popular sanfelixta. Porém o mais revolucionário deles foi o trio elétrico, que modificou significativamente a maneira de brincar na rua.

Do ponto de vista do gestual, da dança carnavalesca, o trio elétrico cria uma nova forma de “brincar Carnaval”. As pessoas “pulam” ao som do trio elétrico. O que quer dizer, dançam com movimentos simples e livres, executando, individualmente, uma coreografia espontânea e ímpar. (MIGUEZ, 2006, p. 87)

Além disso, os grupos musicais deixaram de circular no meio da multidão e foram para cima de um veículo equipado com diversos alto-falantes que ecoavam o som cidade afora. A primeira visita na cidade ocorreu em 1957, sete anos depois de sua exibição nos carnavais de Salvador, conforme relata o periódico. “O TRIO ELETRICO patrocinado pela prefeitura, recebeu merecida acolhida havendo revolucionado a cidade tendo seus componentes, entre esses, José Candido e Americo Ferreira, sob organização de Carlos Maia, dando notavel impulso às festas de rua” (SOMENTE..., 1957, p. 2).

Verifica-se que há uma relação clubes-ruas, uma vez que esse movimento, feito para fortalecer o carnaval popular com a presença do trio elétrico, afastou a festa de dentro dos clubes. Alguns trechos de matérias do *Correio de São Félix* dão força a essa afirmação. “A diretoria da Associação Atlética e Cultural de São Félix, está programando os costumeiros bailes de carnaval, devendo realizar 2 magníficos bailes de carnavalescos em as noites de 8 e 10 de Fevereiro, e 1 baile infantil na tarde de 9” (CARNAVAL..., 1966, p. 4). O interessante é que nos anos de 1950 o comum eram três bailes adultos e

dois infantis, mas o relato de 1966 fala de dois bailes, ou seja, reforça a ideia de que a força dos clubes parecia estar diminuindo.

Outra menção jornalística, desta vez de 1968, refere-se “aos velhos tempos” como se os bailes da época não tivessem mais o brilho e entusiasmo como os realizados no passado. “Na Associação Atlética de São Félix o sucesso estará garantido na revivência dos velhos tempos” (TUDO..., 1968, p. 3). Mas nota-se também que os organizadores lutavam para não perder a festa de seu espaço privado.

Outra expressão, agora de 1973, denota um “declínio” da festa nos clubes ao afirmar que era preciso uma “retomada”. “A tradicional animação encherá de euforia e vibração as dependências do veterano clube, numa **retomada de posição** para um carnaval pleno de alegria delirante” (CARNAVAL..., 1973, p. 1, grifo nosso).

Na rua, o carnaval ganhava espaço cada vez mais. Tendo conquistado os foliões sanfelixtas, o trio retornou à cidade em 1958: “O famoso Trio Elétrico, levantará o ânimo das ruas, esperando a eventualidade de novos loiros, como conquistou no ano passado quando foi autêntico abafabanca” (NA ONDA..., 1958, p. 2). Ele também aparece no jornal como o responsável por manter ativada a alegria dos foliões nos carnavais de 1968. “Nota original e bastante expressiva foi o aparecimento do TRIO ELÉTRICO patrocinado pelos adeptos do campeoníssimo Vasco da Gama, que salvou da queda total, a falta de animação nas ruas” (O CARNAVAL..., 1968, p. 1). Dessa forma, o trio elétrico vai “romper” as hierarquias existentes nas brincadeiras carnavalescas da cidade, juntando todos em um único espaço, como pontua Miguez:

A rigidez dos limites e sua clara percepção por todos os participantes, cede lugar a uma estrutura marcadamente flexível. O espaço carnavalesco passa a ser apropriado conjuntamente pelos participantes da festa, de uma forma completamente não hierarquizada (MIGUEZ, 2006, p. 87)

Salvador já vivia o fenômeno do trio elétrico desde o início da década de 1950, quando foi inventado por Adolfo Antônio do Nascimento (Dodô) e Osmar Alvares Macedo (Osmar). As ruas da capital atraíram tanto as classes populares quanto as classes mais altas da sociedade. “Os salões dos clubes, tanto os da elite quanto aqueles existentes na periferia e frequentados pelas classes populares, perdem, significativamente, importância do ponto de vista dos festejos” (MIGUEZ, 2006, p. 115). Da mesma maneira se observa em São Félix: as ruas ganham novo significado, abafando os brilhantes bailes dos clubes sociais.

Nos anos seguintes, novamente foi sucesso entre os foliões, colocado no jornal como responsável por tornar o carnaval sanfelixta um dos melhores da região. “Terça-feira ao som excitante do Trio Elétrico a praça Inácio Tosta, virou arraial da alegria com enorme massa popular entregue ao frenezi das manifestações até outra hora da noite, firmando o nosso carnaval como um dos melhores do Interior” (CARNAVAL..., 1973, p. 2). Com essa novidade, outros elementos deixam de aparecer nos textos jornalísticos, como a prancha, cordões, confete, serpentina e máscaras.

Na capital baiana, os trios elétricos se modernizaram ao longo dos tempos. Na década de 1980, por exemplo, possuíam palcos giratórios e elevadores automáticos.

3.3.3 Carnaval e críticas

O carnaval aparece nos jornais não só como um momento de lazer e diversão, mas também como espaço de manifestação de crítica à política. A primeira crítica encontrada nos jornais pesquisados foi de 1948 e se refere à ausência de serviços públicos essenciais:

Era de se vêr como o povo caiu na farandula. O terno rei foi o de Augusto, *Sob a luz do meu bairro*, que abafou a banca, conduzindo o carro alegorico da justiça. A batucada do *Bando da lua* teve nota destacada, e a *Escandalosa fumando*, de Lafite teve nota original. O grupo dos *Defensores da economia do povo* a b a regencia de Flavio, aplicou a sua satuzinha á crise, á falta de luz, á carestia e falta dagua (INFLUENTE..., 1948, p. 4);

Nesse relato, as críticas foram feitas por meio de blocos fantasiados com nomes peculiares à sua reivindicação, a exemplo dos “Defensores da economia do povo”.

Em 1954, as críticas nos carnavais continuaram, desta vez relacionadas à ausência da gestão municipal na organização do folguedo. Porém a descrição jornalística é feita discretamente, provavelmente pela desmotivação dos brincantes em organizar blocos.

Temos uma bôa Avenida para o côrso, para o desfile, para o pôvo brincar.
Falta o estímulo organizador.
Falta a disposição
Mas, assim mesmo, quem sabe? (CARNAVAL..., 1953, p. 5).

O mesmo teor da crítica anterior continua nas edições do *Correio de São Félix* de 1955. “E quanto não haja vislumbre de festas populares, indiretamente, atravez dos clubes

e seus desfiles o carnaval será feito e S. M. Momo, receberá ótima manifestação” (REI..., 1955, p. 4).

A partir de 1957, percebe-se um maior envolvimento do poder público municipal na organização dos carnavais de rua. Agora relatos jornalísticos descrevem, elogiosamente, tal participação, mas não explica se o público tinha mesma percepção.

A prefeitura eficazmente concorreu para o entusiasmo que alimentou os festejos, instalando as gambiarras na avenida ornamentando e construindo tablados onde os foliões deram movimento e alegria aos dias de domingo e terça Feira (SOMENTE..., 1957, p. 2).

Vale ressaltar que nesse período, o diretor do jornal, também redator da matéria mencionada, exercia o cargo de vereador na cidade. E esse elogio pode estar, de certa forma, relacionado com essa função pública.

Nota-se que, dezessete anos depois desse relato, os elogios ao poder municipal persistem sendo destacados no *Correio de São Félix* e os feitos do gestor municipal, em relação ao carnaval, também não mudaram.

A prefeitura, através do seu perfeito Eduardo José de Macedo ⁴⁸instalando gambiarra de lâmpadas multicores, contrato trio elétrico Capim Gordo, e o povo foi às praças pular, e brincar, jogando as realidades atribuladas do ano inteiro para o beleléu (CARNAVAL..., 1974, p.1).

Nesse sentido, verifica-se nos relatos expostos que os carnavais de rua também tinham espaço de críticas que eram feitas, de certa maneira, sobre situações políticas e sociais, também à comportamentos que não eram bem vistos por alguns grupos sociais, dentro desse contexto explorado.

3.3.4 Patrocínio dos carnavais

A maior parte do patrocínio dos festejos populares vinha dos cofres públicos municipais, mas houve anos que a população organizou com a contribuição de comerciantes. Uma menção jornalística de 1959, por exemplo, diz que as manifestações

⁴⁸ Eduardo José de Macedo era adversário político de Luiz Gonzaga Dias e exerceu cargo de prefeito em São Félix em três mandatos: 1973-1977, 1983-1989 e 1997-1998. A família continuou demonstrando hegemonia política na cidade através do seu filho Eduardo José de Macedo Junior, eleito prefeito para o mandato de 2013 a 2016.

carnavalescas de rua não tiveram apoio do poder municipal no referido ano, o que afetou a organização de blocos e de cordões. “Continuamos observando, que falta incentivo às manifestações populares, oferecendo estímulo a formação de blocos, batucadas e cordões” (MÔMO..., 1959, p. 1). Sobre os valores financiados pela prefeitura para a realização da festa, o jornal *Correio de São Félix* não menciona, também não foram identificados dados no Arquivo Público sobre o recurso.

O comércio local também contribuía para a organização a exemplo de alguns bares. Se buscam alternativa,,m, s para não deixar de assistir a brincadeira na cidade. “Bar Atalaia e Peter's Bar promoveram animado grito de carnaval que se realizou na tarde última de domingo na Avenida Salvador Pinto próximo ao cinema e os dois estabelecimentos” (S. M. REI..., 1966, p. 3). Mas esse recurso não era o suficiente para manter o porte do festejo no formato que ganhou com os trios. Ressalta aqui que nesse período a cidade já não contava mais com recursos das fábricas de charutos.

Porém, a solidificação do trio elétrico, como o principal elemento do carnaval popular, atraiu olhares estratégicos dos gestores públicos que prestaram mais apoio financeiro. “Na praça Inácio Tosta, segundo informes, será instalado corêto no qual, uma charanga botará pra quebrar movimentando os festejos carnavalescos sobre patrocínio da prefeitura municipal que pretende estender alegria e entusiasmo do povo e adeptos da farra” (CARNAVAL..., 1971, p. 1)

A partir de 1970, o folguedo ganha um ponto fixo e o trio passa a ser o símbolo mor do festejo multicolor. Após percorrer algumas ruas, ele concentrava os foliões na Praça Inácio Tosta e todo percurso recebia ornamentação da gestão municipal. “Nas ruas, o ponto predominante é a praça Inácio Tosta, com charanga e corêto armado pela prefeitura, onde os súditos do Rei Momo, grandes e pequenos vão tocar o fogo nas preocupações da vida, durante os 4 dias carnavalescos” (É HORA..., 1972, p. 3).

O mesmo empenho do gestor municipal é visto nos anos seguintes, garantindo a infraestrutura necessária para os desfiles carnavalescos, provavelmente para assegurar uma festa com maior segurança. “O prefeito sr. Antônio Carlos Lobo Maia, deu notável impulso às manifestações populares, ornamentando a praça Inácio Tosta, de forma original aparatosa, instalado farta iluminação à cores, e pondo à disposição dos foliões um pequeno trio elétrico que fez maravilhas” (CARNAVAL..., 1972, p. 2).

Uma menção do jornal *Correio de São Félix* chama a atenção o fato de a festa ter se tornado dependente do apoio dos órgãos municipais, o que significa um risco para a essência de uma festa popular:

Os festejos carnavalescos na cidade, vem readquirindo o antigo destaque nas manifestações populares, mercê do apoio prestado pela Prefeitura, preparando os logradouros de lâmpadas multicores, contratando e pondo na rua um pequeno, mais bem organizado Trio Elétrico, que animou bastante os foliões na praça Inácio Tosta (CARNAVAL..., 1973, p. 2).

Nesse trecho jornalístico, verifica-se que no carnaval dos anos de 1970, embora continuasse com o mesmo aspecto de festa popular, os foliões foram se acomodando com a novidade do trio elétrico e com a interferência política, pois não aparece mais grupos fantasiados ou outros personagens carnavalescos no jornal. Em outras palavras, se habituaram com o novo formato, e outros símbolos carnavalescos foram ofuscados.

Nessa mesma década, em 1975, o carnaval popular começa a enfraquecer: “as comemorações dedicadas a Momo, tradicionalmente a melhor da cidade pela sua feição popular estão possíveis de não serem realizados [...]” (NÃO HAVERÁ..., 1975, p. 3). Não fica explícito no periódico o motivo, porém é provável que a crise carnavalesca esteja ligada à chegada da micareta na cidade, festa essa que também foi conduzida por trios elétricos e com forma mais simples de brincar e de se vestir.

Nesse mesmo período, Salvador vivia o início do apogeu do carnaval de rua, o qual atraiu dezenas de foliões de diversas partes do Brasil. Uma das hipóteses aqui levantadas é de que isso pode significar um maior fluxo de pessoas do interior indo para a capital, o que acabou por inviabilizar os carnavais nas pequenas cidades, como em São Félix.

Figura 49: Carnaval em Salvador (anos de 1970)



Fonte: Página do Facebook Coisas da Antiga⁴⁹, 13 de fevereiro de 2018

O recorte da imagem acima dá dimensão de como o carnaval de rua se tornou atraente e envolvente com o trio elétrico, nos anos de 1970 em Salvador. O que fica nítido que a referida festa assume o caráter popular com os blocos e cordões, sobrepondo os bailes de salão. Com a movimentação festiva na capital, os trios e artistas aumentaram os valores dos contratos das apresentações, o que fez a gestão municipal perder o interesse. Assim, a festa local foi se esvaziando e, conseqüentemente, chegou ao fim.

Assim, a partir do que foi exposto, verifica-se que as narrativas dos jornais *Correio de São Félix* e *A Vanguarda* trouxeram diferentes aspectos sociais, culturais e históricos existentes em São Félix, aspectos esses que comunicam experiências e imaginários. Dessa maneira, tais veículos tornam-se valiosos suportes de memória, ou seja, contribuem para a compreensão da memória social e coletiva, como pontuou Rêgo (2014).

⁴⁹ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/454378691327829/photos/a.454379457994419/1515864015179286/?type=3&theate>. Acesso em: 07 fev., 2022

CAP. 4: NARRATIVAS ORAIS COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Este quarto e último capítulo tem caráter analítico-interpretativo e o propósito de compreender dimensões culturais e sociais de São Félix, a partir das narrativas memoriais dos foliões sobre os carnavais sanfelixtas. Assim, a sistematização de análise está dividida nos seguintes tópicos: Perfil dos entrevistados, Participação no carnaval de São Félix, Baile x rua, Diferenças entre os clubes, São Félix em tempos de carnaval, “Histórias” de carnaval, Fim do carnaval em São Félix e Outras festas populares. Além disso, há uma discussão no capítulo sobre narrativas orais como lugar de memória. É importante destacar que, assim como no capítulo anterior, as categorias surgiram após a transcrição e leitura das entrevistas

4.1 Narrativa e memória

Em princípio, destaca-se que as narrativas orais são lembranças em que o sujeito busca rememorar acontecimentos passados que fazem parte de sua história de vida ou que fazem parte de seu grupo social. Assim, são marcadas por vozes diversas e atemporais. Vozes estas que, muitas vezes, são silenciadas ou desprezadas das narrativas oficiais, porém importantes para a compreensão da composição histórica, cultural e social de uma comunidade.

Narrativas Oraís a linguagem falada pela pessoa a obriga a buscar vocabulário próprio, organizar seu discurso de acordo com seus valores, sua forma de ver o mundo, sua constituição cultural (crenças, valores, hábitos) e sua história de vida (de onde veio, como se formou, quais suas trajetórias, por onde passou e com quem conviveu). Enfim, após a elaboração de todos esses elementos, o sujeito que conta a história se remete ao passado, ao que foi e ao que fez, à sua história de vida. E nessa relação entre a narrativa do passado e a lembrança do mesmo, se dá e se encontra a sua memória (PERAZZO, 2015, p. 128).

Assim sendo, a narrativa pode ser caracterizada pelas experiências de vida dos sujeitos sociais, ou seja, ela “faz referência a uma série de ações ou acontecimentos situados no passado”, (HANKE, 2003, p. 118). Vale destacar que a narrativa é constituída por subjetividade e outros formatos comunicacionais, como os escritos ou os visuais, que também não estão isentos de subjetividade. Porém aqui não se busca identificar aspectos considerados como verdade ou fato com marcadores temporais mais explícitos, e sim

pensar como esses sujeitos elaboram suas histórias de vida a partir da relação com cotidiano do local, para compreender as práticas sociais da coletividade. Uma vez que, conforme Muylaert *et al* (2014, p.195), as narrativas “[...] são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio histórico”

Portanto, as narrativas orais correspondem ao cotidiano, às vivências e às experiências. Além disso, elas descrevem não apenas fatos pessoais, mas também coletivos que trazem traços de identidades locais.

Permite-se, então, afirmar que as narrativas orais não são nem menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais, considerando que os colaboradores contam seus “enredos” a partir do presente, numa recriação das circunstâncias que envolvem seu imaginário, selecionando fatos e acontecimentos, por lembranças e esquecimentos, intencionalmente ou não, pois “cada pessoa é única [...]” (CAPRINO; PERAZO, 2009, p. 109).

Dessa forma, pode-se entender que, como a memória é construída, o narrador processa suas memórias conforme as operações classificatórias próprias em relação ao que deve ser lembrado ou esquecido naquele momento do diálogo. Assim, narra conforme o seu ponto de vista e de sua convicção. “[...] a memória em seu processar comporta uma multiplicidade de tempos. No ato de relembrar, a memória busca um tempo que já passou com os interesses do tempo presente, ou seja, o tempo passado é trazido na carruagem do tempo presente” (TELES, 2007, p. 161). Às vezes, essas memórias são de vivências e de experiências de terceiros, porém podem ser somadas à memória de quem narra.

Ao produzir uma narrativa, o narrador sempre busca articular suas memórias, suas vivências e suas experiências com as memórias alheias, realizando, assim, um exercício comunicacional transversal no qual trabalha história e cultura. Entendendo a cultura aqui como uma prática do modo de vida dos grupos sociais e suas atividades cotidianas.

Conforme a definição de lugares de memórias apresentado por Pierre Nora (1993), entende-se que as narrativas orais também são lugares detentores de memória, pois são sobrecarregadas de simbolismo em que objetiva identificar relações existentes entre quem está narrando e os grupos sociais, mas nem sempre esses lugares se apresentarão como uma realidade tangível e apreensível. As referidas narrativas podem descrever práticas sociais onde se experimentam experiências que contribuirão para a construção de

conhecimento e de identidades. Porém vale frisar que a memória é espontânea e convive com o conflito entre lembrança e esquecimento, ou seja, ela tem movimentos.

Nesse sentido, pode-se classificar as narrativas orais em memória comunicativa, conforme a proposta por Assmann (2016), uma vez que ela é exteriorizada através da oralidade, com base nas interações cotidianas dos vários sujeitos que partilham acontecimentos que viveram ou que testemunharam. Além disso, também pode-se falar em memórias subterrâneas, que são aquelas que estão fora de documentos oficiais, como a dos foliões sanfelixtas, por exemplo. Trata-se, portanto, de memórias de foliões comuns, que não tiveram destaques nos festejos, ou seja, são memórias subterrâneas.

As memórias subterrâneas, segundo Pollak (1987), pertencem aos excluídos, aos marginalizados e às minorias, às quais se opõem à memória nacional – memória oficial. Cabe ressaltar que elas são essenciais na construção identitária de uma comunidade e isso permite compreender melhor, no estudo em questão, alguns aspectos da organização social, cultural e histórica de São Félix.

4.2 Perfil dos entrevistados

Apresenta-se a seguir o perfil dos três entrevistados, todos idosos e moradores de São Félix. Não foram especificadas datas nas suas narrativas, porém com base no período de nascimento e a afirmação de participarem dos bailes ainda criança, entende-se que as histórias presenciadas aconteceram por volta de 1950 a 1970, mas vale ressaltar que outras histórias de suas lembranças, contadas pelos pais e avós, são anteriores a esse período. Assim, cada entrevistado, narrou uma memória peculiar do carnaval, conforme considerava importante externalizá-la.

Terezinha de Jesus Oliveira da Silva, veio ao mundo em 15 de outubro de 1936, mãe de 9 filhos e bisavó, nasceu em São Félix, onde vive atualmente, na rua Luiz Gonzaga Dias, conhecida como Baixa Fria. Ela é filha de João Evangelista Oliveira e de Eduarda Souza de Oliveira. Terezinha lembra que a mãe dela dizia que só existiam duas casas na Baixa Fria, a dela e a de uma vizinha; também já existia o Chalé, casarão que, segundo ela, pertencia a Artur Pires, comerciante e político da cidade. Terezinha de Jesus aprendeu costura e bordados ainda jovem e a produzir doces cristalizados e de caldas, os quais já exportou para Itália e Alemanha. Seus doces também foram tema de um documentário produzido pela TV Cultura. No carnaval, sua participação foi sempre como foliã comum.

Ela frequentou carnavais em Salvador, em Cachoeira e em São Félix – nos desfiles de rua. Mas ela conta que a alegria de brincar o carnaval não foi mais a mesma depois que jogaram o lança-perfume no seu olho em um dos carnavais de Salvador.

Raimundo Moreira da Silva nasceu em 5 de julho de 1944, em São Félix, onde reside na Rua Virgílio Damásio. Ele lembra que aprendeu muita coisa com o pai, Jerônimo Teixeira da Silva, que era um estivador muito conhecido na cidade por prestar serviços aos navios vindos da capital baiana, os quais descarregavam mercadorias nos portos do rio Paraguaçu, em São Félix. Raimundo jogou no Esporte Clube Floresta, em 1972, trabalhou na tenda de sapateiro e na tipografia de Luiz de Peterez, como encadernador. Depois mudou a rota de trabalho indo para Morro do Chapéu e Paramirim, trabalhar na construção de Correio e Telégrafo. Na infância ele se recorda que brincava sempre na Praça Dois de Julho, que na época era um campo improvisado de futebol e não uma praça; havia apenas quatro pés de eucalipto e duas barraquinhas que, segundo ele, uma pertencia a seu Manuzinho e a outra a seu Tiagão. No carnaval sempre participou como folião comum, nunca quis usar vestimenta carnavalesca. Esteve presente nos festejos da rua e no Clube Floresta, pois aproveitava a sua condição de jogador do time e não pagava o ingresso. Ele lembra das marchinhas que foram sucesso na época: Me dá Um Dinheiro Aí, A Jardineira e Colombina. Fora os dias de carnaval, Raimundo se divertia brincando de bola, de gude, de sinuca e de triângulo com amigos.

Gilselia da Silva nasceu em Cachoeira, em 23 de maio de 1948, mas vive em São Félix desde 1957. Estudou no colégio da Cachoeira, onde fez magistério e, só depois de quase cinquenta anos de idade, fez faculdade em Letras Vernáculas. Ela recebeu título de cidadã sanfelixita, foi oradora oficial do 2 de Julho, em 1996 – em São Félix, e convidada para coroar de louro a estátua da Liberdade – em Cachoeira. Participou ativamente de diversas festas populares existentes na cidade, bem como dos ternos de Cigano, de Mudança, das Banhistas e da Cozinheira. Em relação ao carnaval, Gilselia recorda que começou a ir ainda criança, com a mãe, e em uma dessas participações teve o desprazer de experimentar o lança-perfume nos olhos. Mas isso não a fez desistir do festejo. Participou de desfiles nas ruas e no Clube Floresta, no qual ela se recorda do concurso de rainha e das marchinhas.

4.3 Experiência no Carnaval de São Félix

Para compreender as dinâmicas do carnaval na comunidade sanfelixta e as relações dos entrevistados nesse processo, tornou-se interessante apresentar algumas memórias da participação deles nos festejos, que estão expostas a seguir:

Eu ia com minha mãe. Minha mãe segurava a minha mão, não deixava eu sai. **Um dia jogaram lança-perfume no meu olho.** Eu gritei como o quê, que parecia pimenta (*risos*). Eu ia assim, mas não sai de baiana, essas coisas não. Minha mãe me levava, eu ia assim com ela, na base de uns sete anos, uns oito anos, que ela morreu eu fiquei com onze anos. (Gilselia da Silva, informação verbal⁵⁰).

Eu nunca fiz. Eu nunca fiz vestimenta pra o carnaval. **Eu participava no carnaval com a roupa normal.** Era como todo mundo ia pra o carnaval. [...] E **depois que a gente pegou a se entender, aí a gente começou a comprar uma roupinha bonitinha** – já tava se transformando de adolescente, né? – pra fazer o carnaval porque os pais da gente não deixavam a gente sair cedo não. A gente só saía com nove anos de idade. A gente só tinha idade de sair com nove anos e com outra pessoa. Não saía sozinho não. [...] Eu ia com um colega. Sempre com colega. Colega mais velho, já entendeu? [...] Era pulando, junto com os colegas. As meninas passavam, a gente **pegava lança-perfume e jogava nas costas.** Porque naquele tempo não jogava no olho não, jogava nas costas das meninas pra abusar. Brincando assim no lança-perfume só naquele chapéu (*risos*)... todo enfeitado e *tchiiin*: toma lança-perfume. (Raimundo Moreira da Silva, informação verbal⁵¹).

Meu primeiro carnaval eu passei em Salvador e nessa época era o lança-perfume. Lança-perfume era um negócio que hoje é confete, mas **na minha época era o lança-perfume, um perfume muito gostoso que era de spray, mas o povo fazia perversidade, jogava dentro do olho da pessoa.** Ardia mesmo que pimenta, você levava mais de uma hora assim ôh, ceguerrante. E aí eu tomei raiva assim, 7 anos, 8 anos eu não fui mais. (Terezinha de Jesus Oliveira da Silva⁵², informação verbal).

⁵⁰ Entrevista cedida por SILVA, Gilselia de. **Entrevista III.** [set. 2022]. Entrevistador: Valdelice da Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo .mp3 (26 min e 10 seg.).

⁵¹ Entrevista cedida por SILVA, Raimundo M. da. **Entrevista II.** [ago. 2022]. Entrevistador: Valdelice da Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo .mp3 (20 min e 38 seg.).

⁵² Entrevista cedida por SILVA, Terezinha de J. O. da. **Entrevista I.** [jan. 2022]. Entrevistador: Valdelice da Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo .mp3 (38 min e 24 seg.).

As histórias narradas sobre as experiências dos carnavais sanfelixtas, ainda que contenham peculiaridades dos foliões, perpassam por similaridades no que diz respeito às sensações resultantes dessas experiências e aos elementos simbólicos do festejo. Observa-se, então, nesses registros, características que estão intrinsecamente relacionadas ao comportamento da localidade naquele período. Aqui é visto que as crianças só podiam ir para a festa com os pais ou um responsável, mas nada os asseguravam de que não teriam contato com o lança-perfume lançado nos blocos de rua. Conforme a fala de Raimundo M. da Silva, o lança perfume era uma diversão para ele e para o grupo de amigos, enquanto para as demais entrevistadas, não passava de um item usado com requinte de perversidade, pois era atirado dentro dos olhos de qualquer folião, independente de idade, e o autor não era punido, ou seja: representava simbolicamente desejos, diversão, medos e frustrações.

Outras recordações que os entrevistados tiveram no período narrado, revelam mais momentos de socialização de foliões, inclusive os espaços onde aconteciam os carnavais.

[...] Sempre saia, sempre nós, eu e meus irmãos. Saia só com papai porque mamãe tinha muitos filhos e papai era quem levava pras festas. [...] Eu já saí no carnaval aqui uma vez, era já velha. [...] Entrou um prefeito uma vez, Eduardo José de Macedo, e ele fez o carnaval de São Félix e aí **fizeram os blocos das idosas** e eu participei. Era a camisa, era a camisa. Ele deu as camisas e saia todo mundo de... todo mundo pintado e eu aproveitei e me pinte também e saí no carnaval. [...] **Aqui era bom, tinha baile. O povo ia pra baile fantasiado.** E em Cachoeira tinha muito baile fantasiado, mas eu não participava. [...] Agora os bailes daqui também bem pouco eu participava (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Tinha o carnaval de clubes, sempre teve. Aqui tinha... aqui tinha a Associação Atlética e o Floresta, tinha o Ferroviário. O Ferroviário era ali na praça da igreja de São Félix (Raimundo M. da Silva, Informação verbal).

Olha, **em São Félix tinha carnaval na praça. Era um caminhão e um som em cima tocando. E tinha os bailes. Na Atlética só tinha os barões, as pessoas que tinham condições. As outras pessoas iam para o Floresta e para o Ferroviário.** O mais falado era o Floresta e o Atlética. Então, esse pessoal vivia assim. Tinha disputa. **No Floresta tinha concurso de beleza, rainha de carnaval.** Um ano foi Gilca, um ano foi Ivone. Pois bem, tinha concurso de rainha e de princesa. (Gilselia da Silva, informação verbal).

Assim como já foi identificado nas matérias dos jornais, anteriormente, os entrevistados também caracterizam o carnaval como uma festa alegre, marcada por rituais como o concurso de rainha e de princesa, de bailes à fantasia nos clubes Ferroviário, Associação Atlética e Floresta; e de blocos na rua. Porém, Raimundo M. da Silva apresenta um carnaval de rua mais moderno, com aparato semelhante aos carnavais de Salvador: um caminhão que animava os foliões com caixas de som, revelando assim, uma modernização do festejo. O jornal *Correio de São Félix* também pontua a presença de um trio ainda nos anos de 1960.

Outro trecho forte, que vale destacar, está na fala de Gilselia da Silva, de que o Atlética era para a classe mais alta e o Floresta para a mais baixa. Colaborando, assim, com alguns relatos descritos no jornal *Correio de São Félix*. Portanto, essa narrativa mostra uma São Félix ainda presa a preconceitos inerentes às classes sociais.

4.4 Diferenças entre os clubes sociais

Permeiam também nas narrativas das memórias dos entrevistados, não só as relacionadas à discriminação, mas o preconceito racial existente nos dois principais clubes sociais. Porém nas falas seguintes foi identificada uma experiência de racismo diretamente ligada a um dos entrevistados. É importante salientar que o racismo, a discriminação ou o preconceito são, geralmente, assuntos delicados para o narrador falar de si, pois poderia mexer com memórias das quais causariam desconforto. Por isso é mais comum mencionar casos que aconteceram com terceiros.

No Floresta ia todo mundo. Tinha baile infantil, as crianças se divertiam, dançavam. **Lá na Atlética também tinha, mas era pros filhos das pessoas que tinham condições.** Tirando disso aí, tinha blocos na rua, as pessoas cantavam, dançavam,... a charanga, né? Que agora a gente chama charanga, os músicos se reuniam, iam tocando e as pessoas iam dançando (Gilselia da Silva, informação verbal).

Nessa narrativa percebe-se nitidamente uma distinção social nos bailes dos clubes, diferentemente do que ocorria nas ruas, de que havia liberdade na maneira de se brincar. Já Raimundo M. da Silva era privilegiado com o passe de jogador do Esporte Clube Floresta que não precisava comprar ingresso para participar dos bailes no Floresta. Ele frisa que, de fato, existia forte disputa entre os clubes Floresta e Associação Atlética:

[...] eu brincava sempre no Floresta. Porque eu comecei jogando no Floresta, aí **sempre ia pra o carnaval no Floresta porque eu não pagava nada** (risos) e os outros pagavam para entrar. **Quem era jogador não pagava, aí a gente entrava.** Aí a gente brincava o carnaval até de manhã, depois ia para casa. [...] Aí tinha na Associação Atlética também, tinha sempre. Eles gostavam de disputar pra ver quem fazia mais bonito, aí fazia isso. Eles também faziam. (Raimundo M. da Silva, Informação verbal).

Nos bailes, conforme as narrativas acima, tinham destaque os concursos de rainha e de princesas, momento no qual se imperava o poder social dos clubes, que não era restrito apenas às quatro paredes, a exibição do “luxo” e da “riqueza” era exposta nas ruas para toda a comunidade, por meio dos desfiles.

Por sua vez, a entrevistada Gilselia da Silva se recorda que o carnaval no Floresta beneficiou o pequeno comércio, pois os vendedores colocavam seus doces ao redor do clube, atraindo os foliões, principalmente as crianças.

Tinha o concurso, depois do concurso começava a dançar as músicas carnavalescas, as marchinhas, tudo isso, né?... que tem no carnaval. E era só isso. Comprava coisa assim..., merenda. **As pessoas botavam coisas do lado de fora pra vender, doce, aponhã, pé-de-moleque, bandulô, – que os doces daquele tempo eram assim –, bolachinha de goma** (risos). Aí pronto. Dançava. Quem queria ficar lá até quatro, cinco horas da manhã, ficava; quem não queria, voltava e vinha pra casa. E eles ficavam lá tocando (Gilselia da Silva, informação verbal).

As falas a seguir explicitam mais outras distinções entre o Clube Floresta e a Associação Atlética. +

Não ia pro clube, esse clube — eu esqueço o nome toda hora — não ia pro Atlética porque não tinha condições, mas podia brincar à vontade. [...] Não era tão caro, **era também selecionado.** Como eu te falei, **as pessoas da alta sociedade era que participavam lá. As outras pessoas vinham pra o Floresta.** Aí tinha concurso de beleza, essas coisas todas. Todo ano tinha rainha e princesa, todo ano. **A Atlética [...] era fechado, tinha porta, janela..., o Floresta não, tinha abertura nas laterais e as pessoas podiam tomar fresco e tudo e lá era fechado.** Eu nunca fui lá não (Gilselia da Silva, informação verbal).

Na Associação tinha a separação de pessoas mais pobres e pessoa que tinha mais condição era quem entrava. Pessoa mais pobre não entrava. Tinha isso aí. Brincava **na Associação não era todo mundo**

que ia, era um clube pra gente rico. Era um clube pra gente rico! E aí no Floresta entrava todo mundo. Agora é como eu lhe falei, **se a moça saísse de linha, não entrava.** Só entrava as que iam com parentes que sabia que era coisa. Eles não aceitavam não. [...] O Ferroviário só era a festa de lá dentro. Lá não tinha nada disso não. Lá era mais pros trabalhadores da Leste que brincava lá a moda dos clubes deles. E eles iam como quisessem ir, sabe? (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

[...] quando eu comecei a me entender dos bailes só tinha, só tinha duas sedes. **Tinha a sede do rico e tinha sede do pobre; tinha a sede do preto e tinha a sede do branco. A sede do rico e do branco chama assim Associação Atlética** na avenida... na Avenida Salvador Pinto, na beira do rio ali. **E a do pobre era o Floresta.** Até aí eu não tinha condição de ir porque eu não tinha roupa, não tinha condição. [...] **Eu mesmo era muito difícil ir em baile porque, mesmo sendo baile da pessoa preto, ainda era difícil preto entrar [...]**

Olha, pra lhe ser franca, quando se dizia que não podia ir, mamãe também não deixava a gente ir mesmo, mas acredito que era mais por causa da cor, né? Porque tem o preto, – como mamãe dizia –, a minha mãe dizia assim: “tem o preto fubento”, – ela chamava fubento. E tem o preto negão, né? – que sou eu. **Sou preta e aí era muito difícil, eu também não fazia questão não, porque tinha muitos aniversários.** Os aniversários eram com festa, era com banda. Tinha muita festa de rua, né? A festa de São Félix, festa de Cachoeira. Tinha festa de Cachoeira, tinha a festa dos ternos que a gente ia atrás, voltava na hora que queria, correndo atrás dançando (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Dessa maneira, como afirmado anteriormente, a restrição social e racial é o que mais marca as memórias dos foliões, e isso leva a concluir que boa parte dos sanfelixistas ficava fora desses ambientes festivos, já que pertencia a classe social de pouca renda. Embora não frequentasse a Associação Atlética, Gilselia da Silva se recorda de detalhes importantes dos prédios dos clubes, os quais, segundo ela, já simbolizavam uma restrição social.

Outro aspecto de grande relevância analítica, que aparece apenas na narrativa de Raimundo M. da Silva, é sobre as mulheres que estavam restritas aos bailes. Conforme a sua fala, eram proibidas as que não eram moças de família. As “moças de família” é um modelo discriminatório feminino, empregado na era colonial e muito forte entre os anos de 1950 e 1970. Nesse modelo, a mulher deveria ser discreta e obediente às regras de relações amorosas socialmente impostas a ela, sendo a mais severa a relação sexual antes do casamento, pois ficaria “mal falada” na sociedade e poderia levar outras moças “puras” a cometer tal ato. Para cargo de rainha e de princesas essa regra era essencial, então os

organizadores do concurso averiguarem as candidatas, por meio de falatórios na comunidade, antes de oficializar os nomes delas.

Já Terezinha de Jesus traz algo bastante grave que ocorria em um dos principais clubes sociais. Ela marca a sua fala afirmando que a Associação Atlética era o clube “do rico e do branco”. Ainda pontua que mesmo o Floresta favorecendo a entrada de pessoas pretas, era preciso ter condição financeira para comprar ingresso e vestimenta temático. A questão racial a marcou muito, a ponto de despertar interesse em outras festas populares de bairro. Ela narra sobre um caso de racismo em uma festa, desta vez não ligada diretamente aos bailes carnavalescos, mas para ela foi uma reação semelhante aos dias de bailes, pois as regras da Associação Atlética se estendiam a todos eventos realizados lá. E o que mais a deixou chocada foi que o racismo partiu de uma pessoa que, na sua visão, era negra como ela.

Eu me lembro que uma vez, disse que vinha umas artistas, aí desceu o povo do Morro assim. Aí juntou um grupo e foi pra ver. A gente via, – aquela ideia atrasada mesmo né? A gente quer ver o artista, pouco importa, até hoje né...?

Pedro Bial teve aqui, mas o povo ficou, todo mundo, aí na porta. Sabia que não ia falar com ele. Ele deu *bye bye*. Mas o povo viu, conhece. “Eu conheço o Pedro Bial!” Então, quando Pedro Bial teve aqui, quando eu vim do colégio, já tava cheio de gente pra poder ver o artista. Eles querem ver! É como foi pra Associação Atlética, não me lembro quem foi. Se eu me lembro bem, foi Cascatinha & Inhana, foi um negócio assim. [...] parece que foi Cascatinha & Inhana que vieram pra Associação Atlética. E gente, muita gente, muito carro dos ricos, que pobre não tinha carro. Aí que quando nós chegamos na porta, a porta tava livre, aí a gente botou a cabeça assim pra dentro. Aí veio uma mulher de lá..., é conhecida, ela, era conhecida, parece que já morreu. [...] eu esqueci o nome dela, vem aqui na boca, mas não é essa não, não quero falar o nome dela errado. Aí que quando a gente botou a cara assim, aí a mulher chegou e veio em frente da gente e fez assim: abriu o braço pra gente não ver porque era preta, pra não ver. E ela era morena, negona, que no Brasil não tem branco, todo mundo tá quebrado.

Olhe, as colegas que foram já morreram, o povo já morreu tudo que nós descemos. E aí, porque já era mocinha, só descia com uma pessoa conhecida. Tudo assim do meu tipo, mais velha do que eu não. Os mais velhos que foram, com quem a gente descia, – que os pais só deixavam descer com a pessoa idosa –, já morreu

Eu tô contando porque a gente sente, né?

Aí botava o braço. A gente querendo ver a artista e aquela pessoa assim ah (*abriu os braços*). Todo mundo querendo ver, uma assim em cima da outra, querendo ver a artista.

Porque a gente diz assim: “Ah, mas eu vi, eu conheço ela”. A gente quer dizer que conhece, que viu. Pouco importa que fale (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Observa-se que a entrevistada compara dois eventos que marcaram sua memória: um sobre os artistas na Associação Atlética e o outro da visita do jornalista Pedro Bial à sua casa, ambos em décadas diferentes. Mas, na sua narração, as histórias se mesclam de forma atemporal, ou seja, isso só reafirma que as lembranças são processadas conforme o estímulo do momento de rememoração. Assim, Terezinha consegue descrever um quadro histórico, cultural e social de São Félix, daquele período, que não foram especificados exatamente os anos. Dessa forma, é possível afirmar que, de fato, a narrativa oral transcende tempo e espaço, como defende HANKE (2003, p.118): “A narrativa faz uso da possibilidade de representação simbólica da linguagem e representa algo passado em termos de tempo e ausente em termos de espaço”.

Sendo assim, traçar as memórias dos personagens envolvidos diretamente nesses carnavais sanfelixtas, permite pensar que a discriminação racial, social e de gênero, percebidas nos bailes, também faziam parte do cotidiano daquela comunidade, enraizada também na formação da sociedade brasileira.

4.5 Clubes x rua

Os espaços festivos, rua e clube, também são marcantes nas narrativas dos entrevistados que trazem elementos significativos da memória que ajudam a caracterizar a festa em ambos ambientes. Nas fotografias e nos textos publicados nos jornais pesquisados não há indícios de uso de corda nos blocos carnavalescos, porém dois entrevistados mencionam a presença do utensílio no festejo local. A seguir, são apresentadas falas de Gilselia da Silva e, posteriormente, de Raimundo M. da Silva:

No da rua o bloco saia tocando e as pessoas iam entrando. Cada um ia chegando, e outros iam saindo. **Iam entrando no meio da charanga.** Agora tinha vez que tinham umas pessoas, assim, que usavam máscara... careta, chamava careta. **Tinha careta, mandu, cabeçorra... tudo isso tinha no carnaval de rua.** E era antes de de noite. Que de noite tinha os bailes. Aí de noite nos bailes já não tinha negócio de bloco. Era mais assim: cinco horas em diante até sete, oito horas por aí ficava pela rua, mas depois não. Depois só ficava os clubes mesmo.

[...] **Antigamente os blocos era cercado de corda.** Tinha o cordeiro pra não deixar entrar ninguém diferente no bloco. Agora assim, todo mundo de vestimenta, né? (Gilselia da Silva, informação verbal).

O carnaval antigamente seria um caminhão trio, triozinho que antigamente não era cantado, era só no cavaquinho e fazia acompanhamento com os outros instrumentos. Não existia a voz assim não, era só no disco mesmo. Nos clubes que botava, aquele disco, – já entendeu? – do carnaval.

[...] **Mas aqui o carnaval era no porto, pra o povo mais fraco brincar na rua. Quem tinha dinheiro ia pra o clube, quem não tinha ia pra rua.** O carnaval era assim.

[...] Agora tinha os blocos. **Saia os blocos no carnaval, cada um com sua vestimenta.** Tinha o Novo Oriente e tinha o H-Tiola na rua.

No clube era... era roupa normal, era roupa normal. Não precisava de... Depois que foi chegando uma pessoa se arrumando, se vestindo na roupa de carnaval, entendeu? Mas antes ia como se fosse, assim, na rua.

[...] **No de rua era selecionado porque as pessoas não podiam comprar vestimenta pra participar dos blocos, era tudo com roupa, com roupas iguais.** Aí saía pela rua desfilando com o conjunto, né? Tocando e tal, num carro. Um carro de som no carnaval, agrupando os blocos. **Tinha corda para segurar, pra proteger o pessoal do bloco.** O porto ali de São Félix ficava cheio de gente. Cheio de gente ali. Tinha as barraquinhas para tomar cerveja, né? E se usava muito lança-perfume e depois veio a bananinha, aquela plástica, lança-perfume plástica. O pessoal começou a usar e botava água pra ficar molhando os outros. (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

Dessa maneira, nota-se um elemento novo no carnaval, não visto nos relatos de jornais, de que havia a presença de corda nos carnavais de rua, usada para separar os blocos do povo comum. Elemento que simboliza uma hierarquia social na ocupação do espaço público da festa. Algo semelhante aos carnavais de Salvador, onde se separa os blocos com o trio, do folião pipoca. Raimundo M. da Silva fala sobre a presença de um trezinho que arrastava os blocos e das roupas padronizadas usadas nos foliões, que seria uma espécie de abadá. Portanto, pode-se deduzir que esses relatos são dos anos de 1960 e que os carnavais, inclusive de Salvador, influenciaram bastante a maneira de se brincar nas ruas sanfelixtas. Porém ainda se preservava componentes dos carnavais iniciais, como careta, mandu, cabeçorra⁵³, ternos e lança-perfume, este último com algumas modificações na composição.

⁵³ Tanto a cabeçorra quanto o mandu são tipos de fantasias (máscaras) usadas na Festa D'Ajuda, em Cachoeira. A cabeçorra é uma cabeça bem grande, com duas aberturas no lugar dos olhos, feita com papel e cola, e é usada sobre a cabeça do personagem. Já o mandu é um personagem caracterizado com um lençol florido sobre uma arupemba, amarrado na cintura, que forma uma cabeça enorme; na direção da cintura fica presa uma vara na horizontal que dá formato dos braços; e é vestido de paletó, gravata, calça social e sapatos velhos, imitando um anão. A Festa D'Ajuda é uma festa popular que acontece na cidade de Cachoeira desde o século XIX, em data móvel, entre outubro e novembro. Nessa festa, os brincantes saem

Os bailes, que aconteciam após os blocos de rua, não desfrutavam de tais componentes, havia formalidade. Por outro lado, a rua aparece como um espaço que, além de propiciar aos foliões uma sociabilidade, os identificam como brincantes mais livres de regras hierárquicas. Só que existia diferença social entre ambos os ambientes festivos, segundo as narrativas. Na rua só participava dos blocos quem tinha recurso financeiro para comprar vestimentas. Quem não tinha, acompanhava a distância nos cantos da rua, fora dos blocos, o que não era possível nos clubes, por se tratar de um espaço fechado. Observa-se ainda na rua que havia uma competição, não institucionalizada, entre os blocos, como a exibição de número de brincantes, de vestimentas e de fantasias.

Portanto, esse fato traz uma reflexão se o carnaval é realmente para todas as classes sociais, e se todos têm liberdade de brincar à vontade, pois há uma inversão de valores, como é defendido por (MIGUEZ, 2006). Haja vista que embora a rua significasse um ambiente livre, existia restrição de público dentro dos blocos.

4.6 São Félix em tempos de carnaval

Foi observado também que se depositava grande expectativa nos festejos carnavalescos da cidade de São Félix, não só os foliões residentes na cidade como também outros da capital e da redondeza. Portanto, havia significativa mudança na rotina daquele local, de maneira simbólica e estrutural.

O comércio, por exemplo, era atingido positivamente. A entrevistada, Terezinha de Jesus, se recorda dos doces vendidos naquele período e ressalta que eram comercializados apenas alimentos mais tradicionais, típicos da festa.

[...] Tinha as mulheres vendendo na minha época. Eu era pequena. **Tinha as mulheres vendendo doce**, cada qual com a sua... com seu balaiozinho. Ora, tem um nome. Com suas... era até de tábua, eu esqueci o nome, mas com suas barraquinhas. Todo mundo vendendo seus doces: era ponã, era queijada, aquelas bolachinhas enroladas na mão. Não é hoje como vende tudo. Vende tudo hoje que você queira. Vende fruta hoje nas festas, o que você queria, mas antigamente não. (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

por diversas ruas da cidade, acompanhados de orquestras e charangas, a maioria deles vai fantasiado. A festa é Patrimônio Imaterial pelo Decreto 17.590, 4 de maio de 2017.

Tanto São Félix como Cachoeira promoveram carnavais que marcaram fortemente a memória de quem viveu aquele momento. Inclusive, Raimundo M. da Silva relata fragmentos da memória sobre a realização do carnaval de rua em ambas cidades e, mais uma vez, cita a presença de um “trio” no festejo:

Confete, serpentina... tá entendendo? Tinha. **Muito confete, muita serpentina. O carnaval era bom aqui, rapaz.** O carnaval de Cachoeira também. O carnaval de Cachoeira era ali no porto, era ali no porto. Era ali. **O trio ficava no porto**, ia lá embaixo onde é a Praça 25, depois voltava. Vinha muita gente.

[...] **Sempre os horários eram de tarde.** A gente brincava de tarde até de noite, né? A gente ficava até de noite. [...] mas começava pela tarde. **E no Clube tinha o horário certo, né? Era a noite.** (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

Deste modo, é evidenciado que as festas carnavalescas ganharam fama e prestígio popular, pois a brincadeira trazia forte expressão cultural e se tornou uma das referências na cidade e na região, atravessando algumas gerações. Gilselia da Silva se recorda saudosa da época:

A época do carnaval, naquele tempo, era uma época boa porque quase todo mundo trabalhava, tinha condições de sair, de olhar, de participar. Não ia pro clube, esse clube — eu esqueço o nome toda hora — não ia pro Atlético porque não tinha condições, mas podia brincar à vontade (Gilselia da Silva, 74 anos).

Destaca-se também, nas narrativas colhidas, a presença de foliões de outras cidades, o que fortifica a ideia trazida no I Capítulo sobre a existência de um circuito cultural e comunicacional do carnaval. Assim, os relatos seguintes dos três entrevistados desfrutaram de lembranças semelhantes, as quais retratam uma São Félix bastante movimentada:

Muito movimentada, né? Muita gente de fora participava, vinha apreciar o carnaval. Era a alegria. Você sabe, né? **Eu não podia ir, ficava chorando, quando era menino** (risos). Ficava em casa chorando, doido pra ir pro carnaval.

[...] Vinha gente de Cruz das Almas, Muritiba, entendeu?... Salvador. Vinha os carros pra fazer o carnaval. De Salvador... vinha no navio Paraguassu, o pessoal vinha de Salvador e soltava; ficava em Cachoeira pra fazer o carnaval em Cachoeira e em São Félix (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

Tinha gente de fora que morava aqui que vinha, mas não era tanto como hoje tem turismo. Como é? Turismo que chama, né? Então, o povo vem passar... “Eu vou passar o carnaval em São Félix, vou passar o São João em Muritiba, vou passar o São João em São Félix”. Antigamente era assim (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Ficava movimentada. O povo tem saudade até hoje, os mais velhos, né? Porque agora tem muita gente nova. Eu tenho setenta e quatro anos, então, eu vi muita coisa.

[...] Vinha gente de fora também, mas o pessoal aqui participava (Gilselia da Silva, informação verbal).

A fala de Raimundo M. da Silva leva a imaginar uma São Félix agitada, com seu povo eufórico para apreciar a festa, a ponto de aguçar a curiosidade dele, quando criança, que se entristecia por não ter conseguido participar daquele festejo contido no seu imaginário.

Aqui o carnaval se apresenta como um contraponto à vida cotidiana, no sentido de quebrar a rotina de trabalho e proporcionar um momento de lazer, de encontro e de intercâmbio cultural e social entre os brincantes. Além disso, reforça que a referida festa popular constituiu um mosaico artístico de múltiplos processos e práticas culturais.

4.7 “Histórias” de carnaval

Alguns episódios acontecidos paralelo ao período de celebração do carnaval também estão acoplados nas memórias narradas pelos entrevistados, sendo um deles, o de um acidente com o trem na entrada da ponte D. Pedro, pelo lado de São Félix. Raimundo M. da Silva e Gilselia da Silva explicam o que lembram desse dia, episódio este relatado também pelo *Correio de São Félix*.

Olha, aqui teve um carnaval que teve um trem que virou na boca da Ponte e a parede caiu em cima de uma menina de Muritiba. E a menina morreu. A menina era do pessoal de Guthe. Só teve isso aí que eu saiba (Raimundo M. da Silva, Informação verbal).

Que me marcou na festa, não foi nem aqui, foi mais a de Cachoeira. Quando o trem invadiu ali onde os motoristas ficam fazendo linha pra Muritiba. Ali tinha uma casa de dona Glorinha, era uma escola, e um dia de carnaval a gente tinha ido pro carnaval em Cachoeira, porque aqui já não tinha mais carnaval assim, faziam umas maluquices aí, mas não era mais carnaval, como era mesmo. Aí nós íamos pra Cachoeira.

Quando faltou energia, aí a gente disse: “Acabou, acabou... foi um acidente que aconteceu”. Aí a gente veio, chegou ali na ponte pra atravessar, aquela praça ali, foi um sacrifício porque os fios tavam no chão. O trem invadiu. Aí pronto, os fios ficaram no chão e a gente passou. Os guardas, assim, pegando a gente pra gente passar. Mas isso foi no carnaval de Cachoeira que o trem descarrilhou aqui em São Félix e derrubou aquela casa de dona Glorinha que era uma escola. Então, ali onde ficam os motoristas, ali era uma escola, que pegava com um pedaço de D. Pedro. No de Cachoeira, o daqui na época não foi carnaval mais não (Gilselia da Silva, informação verbal).

Sobre a morte de uma pessoa no acidente trazida em um dos relatos, não foi encontrado mais informações nos jornais sobre o fato, apenas que, de fato, correu o acidente com o trem, como foi narrado.

É preciso destacar também outro aspecto do carnaval, dessa vez, divertido e peculiar de brincar o carnaval sob o uso de máscara, o qual marcou a infância de Gilselia da Silva e a faz lembrar de momentos familiar com os avós. Na narrativa, observa-se uma prática que exalta o espírito alegre e criativo pertencente àquela comunidade, que demonstra o entusiasmo da população com a festa.

Histórias que me contam sobre a festa... que pessoal gostava muito dos ternos, principalmente o pessoal das fábricas. Três horas paravam o trabalho dela e vamos pra rua! Aí se vestia de careta, botava máscara... **Minha vó mesmo bulia com meu avô e meu avô não conhecia.** Ela se arrumava na casa de Regina que morava na rua, ali onde mora Eurídice. Ela se arrumava ali. Aí brincava com ele na rua, abusava ele na rua. Antes de recolher o terno, ela vinha pra casa. Aí quando ele chegava dizia: “Joana, que papel disgramado, teve um careta que já me atentou, mas eu não descobri quem foi”. Oh, pra aí? (*risos*). E era ela. Ela ficava na dela, nem parecia. (Gilselia da Silva, informação verbal).

Nessa narrativa, há um “desvio”/desarranjo na relação de gênero no momento em que uma mulher utiliza máscara, escondendo sua identidade, e deixa brecha para uma interpretação de que seu personagem poderia ser também masculino. Percebe-se, então, que os brincantes criavam alternativas inovadoras e criativas para brincar o carnaval e fugir do modelo tradicional de sair apenas nos blocos ou brincar nos bailes em grupo. Como se observa no relato acima, o foco era subverter algumas regras e se divertir com luxo e criatividade. Assim, mesmo que não seja de forma ampla e integral, o carnaval se revelou como um momento de escape, transformando a festa em verdadeiro espetáculo de encanto e magia.

4.8 Fim do carnaval em São Félix

As seguintes narrativas apresentam o reflexo do que simboliza o fim da festa para os tres entrevistados. Mostram também como esses foliões foram se adaptando à rotina da cidade sem a festa. Nota-se que aparece referência ao carnaval da cidade de Cachoeira em dois relatos, como uma extensão do carnaval de São Félix. Assim, demonstrando forte socialização cultural e popular entre as cidades, e semelhante sentimento referente à perda da festa.

O daqui, **acabou o carnaval de São Félix**, parece que não levou, acredito que não teve nem cinco carnaval. E o de Cachoeira foi acabando, acabando.... **E a gente vai fazendo outras novidades. Vai fazendo outras atividades, vai pra Salvador, vai pra aqui, vai pra ali, aí vai esquecendo.** Não tenho lembrança não, bem pouco participava. E esse que participei, tomei logo o lança-perfume, na rua, no olho. Era no olho, menina, ardia como a droga. E em clube eu não ia. Não ia em clube não. Papai só levava a gente pra festa de rua. Era procissão, ele levava pra procissão, missa do galo (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Já foi já depois que surgiu o Novo Oriente e o H-Tiola. Durou pouco. Depois acabou o carnaval. Acabou o carnaval aqui. Cachoeira também acabou. O do clube também foi acabando. **Hoje não tem mais carnaval. A gente sai daqui pra ir pra Salvador e pra ir pra praia.** O sentimento que a gente sente é aquela tristeza: nos outros lugares tem carnaval e aqui não tem. Se você está aqui, você fica triste. Você diz: “Poxa, devia ter carnaval aqui, né?” Não tem. Aí fica triste. A tristeza é essa. O sentimento que a gente tem. Porque nem toda vez você tem dinheiro pra ir pra Salvador, né? Porque o pessoal agora vai lá pra Salvador. No Carnaval, sai daqui e vai pra Salvador ou vai pra uma praia, fica lá ouvindo som de carnaval. Fica lá na praia tomando banho. Acabou mesmo. **Não teve briga, não teve nada disso. Acabou mesmo. Acabou sem motivo nenhum.** Porque o pessoal mesmo deixou... deixou. Os prefeitos já não quiseram mais contratar clubes, né? Pra menino sair assim pela cidade, o bloco, né? Os prefeitos não quiseram ajudar? Aí pronto, saiu, acabou. Antigamente os prefeitos ajudava: pra cada clube dava um dinheiro, uma coisa..., e aí juntava a gente que queria sair no bloco. A gente comprava nossa roupa, já entendeu? Aí saía todo bonitão (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

Eu assim, eu não fiquei triste, mas também não fiquei alegre. **Fiquei surpresa porque as pessoas gostavam desse meio, dessa maneira de se distrair, de se divertir. E de repente ficou sem nada.** O que é que tem agora? Nada! Agora quando tem um movimento, as pessoas não sabem respeitar, não sabem brincar, quer ir pra brigar, pra humilhar, pra... não dá. Agora não dá mais não. O pessoal perdeu a educação. Os

valores estão invertidos, tão inversos. Agora eu andei muito atrás desses blocos, viu? (Gilselia da Silva, informação verbal).

No relato de Terezinha de Jesus é descrito que a cidade não ficou órfã de festas populares com o término do carnaval, outras coisas foram surgindo e que também agradou a população. Por outro lado, Raimundo M. da Silva fala sobre a insatisfação de se permanecer na cidade em época de carnaval, pois quem gosta de carnaval vai em busca da festa em outro local, ou seja, a substituição por outros eventos culturais não preencheu o vazio do folião. Enquanto para Gilselia da Silva, houve mudanças significativas nos valores sociais, principalmente em relação ao alto índice de violência, que vem acompanhado o do país. Para ela, a maneira e os modos de se brincar de outrora não trariam o mesmo peso simbólico e cultural dos tempos atuais.

Neste sentido, é interessante pensar que, o fim das festividades carnavalescas provocou distintos sentimentos nos foliões. Na fala de Raimundo M. da Silva é possível notar que causou certa mudança na rotina da sociedade sanfelixta: os amantes do carnaval vão para capital baiana se divertir por lá, esvaziando a cidade.

Vale ressaltar que o carnaval de Salvador adquire hegemonia a partir dos anos de 1970 com o trio elétrico e se transformou em uma festa de cultura mercadológica, principalmente com a criação de circuitos e de camarotes. As grandes atrações musicais e todo espetáculo passaram a ser transmitidos pela TV e isso despertava o desejo dos foliões de ir ao encontro do folguedo. Consequentemente, as festas carnavalescas das cidades menores vão perdendo a tradição e se desfazendo com o esvaziamento do público para a capital.

4.9 Outras festas populares

Além da celebração carnavalesca, eram realizados em São Félix outros movimentos festivos populares. Dentre eles os ternos Dannemann e do Costa Penna, dos Cardeais, de Cigano, de Mudança, das Banhistas, das Cozinheiras e do Silêncio; a festa campal de Deus Menino; festa de Reis; Mandu; Cabeçorra; Barricão; Trança-fita; Marujada; e o Afoxé.

Gilselia da Silva narra cada uma dessas festas na cidade:

Agora em relação à festa popular, **a minha vó contava e a minha tia** que tinha uma festa chamada Marujada – Marujada é grupo de marinheiro, né? – e disse que esses homens se trajavam de marinheiro. Era do 135 e descia pra cá, essa Marujada.

[...] E tinha também os ternos dos Cardeais. Dos Cardeais eu ainda peguei, pequena, o pessoal dançando de vermelho e branco. E na época da fábrica tinha também os ternos da festa de São Félix, que acabou tudo, tinha os ternos: os ternos dos Dannemann, os ternos do Costa, tá entendendo? Tinha os ternos de dona Minerva que era terno de Cigano, até eu já fui cigana dentro de um jacá.

[...] E tinha o terno do 135 que era de um homem chamado Mundinho Kecheu. Esse terno era um terno de Mudança. Como é Mudança? Pegava bacia, bacio, panela, o jegue com mala, baú... Aí vinha... botava penico furado, bacia furada, entendeu? E vinha tudo no animal e todo mundo cantando e dançando. Uma turma vinha montado no animal, que vinha na frente mostrando a mudança, e os outros vinham atrás. E isso eu ia atrás também.

[...] Aí depois surgiu o terno das Banhistas, aí levava toalha, levava sabonete e ia até no rio, mas não tomava banho não, né? Passava ali pelo rio e ia pela rua dançando. E os ternos da Cozinha. Tudo isso já teve aqui. Da Cozinha, ia com as panelas pra rua, batendo tampa, – foi o terno das Cozinheiras –, com a roupa, de touca, de torço, tá entendendo? Era assim. Tudo isso tinha aqui em São Félix, mas depois as pessoas não quiseram ter mais responsabilidades com essas coisas, né?

Ainda tinha o terno do Silêncio. Saia meia-noite esse terno. Oxente! Já amanhecia o dia na rua (*risos*). Tinha o terno do Silêncio e já sabia: o silêncio era zoadá a partir da meia-noite. Oba! A gente ia atrás, amanhecia o dia dançando, pulando. Eu não gostava muito de ir pulando não, mas eu gostava de ir atrás. Não gostava muito de pular não, mas não perdia um. Não vou mentir. Ia atrás. E as pessoas eram assim... mais cidadã, acolhiam mais as festas de rua, porque era festa boa.

Uma festa que também acabou aqui em São Félix era a festa de Deus Menino. Na festa de Deus Menino a missa era campal. E a festa ficava assim, oh, com jogo de coelhinho, pescaria. Aquela praça ficava assim. E dona Adalgisa pegava e fazia o presépio ao vivo. Eu saí dois anos nesse presépio de dona Adalgisa. Foi outra festa que também acabou, que tinha na praça aquela missa com muita gente, aí o povo armava a barraca. Tinha o jogo do coelhinho. Sabe como é o jogo do coelhinho, sabe? [...] Não? A pessoa bota o coelho aqui nessa casinha e tem outras casas, cada número ali. A pessoa botava um dinheiro apostando que o coelho ia entrar naquela casa. Aí ficava todo mundo tenso ali olhando. Aí quando tirava o coelho de dentro daquela caixinha, ele olhava pro lado, olhava pro outro. Aí dava aquela carreira e entrava na casa. Aquela casa que ele entrou, quem tava com o bilhete era quem recebia o presente. Tinha prêmio como quermesse, tinha o prêmio. Essa festa de Deus Menino era assim. Tinha o presépio e tudo, o presépio ao vivo. E tinha também aqui festa de Reis. Janeiro tinha festa de Reis também. Uma senhora chamada Dete, morava lá no Varre Estrada, ali na rua Cosme e Damião, aí ela fazia, e as pessoas se arrumavam toda e chegava lá cantava: “Verde e branco, sou eu cruzeiro que vim aqui para representar. Verde e branco, sou eu, cruzeiro que tenho emblema não

posso negar. Verde e branco, sou eu, cruzeiro que tenho emblema não posso negar”. Aí ia, mas já ia tudo preparado porque era surpresa pra chegar na casa do outro. Aí, chegava, às vezes o dono da casa já tava dormindo, batia na porta. Aí quando batia na porta, que a pessoa abria a porta, ia passando a mão assim... (*passou a mão no rosto*) Aí eles entravam: “A dona da casa, ela é boa de dar. A dona da casa, ela é boa de dar garrafa de vinho e docinho de araçá. A dona da casa, ela é boa de dar garrafa de vinho e docinho de araçá” (*risos*).

[...] Tinha Mandu, tinha Cabeçorra e tinha o Barricão, esse eu peguei também. O Barricão ele só rodava na porta onde tinha moça solteira e onde tinha homem solteiro. Aí essa barrica ia – essa barrica era grande – com um desenho de uma mulher, com uma perna dentro e a outra fora, como quem diz: casa ou não casa, né? E os homens se vestiam de mulher e botava lata de leite ninho e lata de leite condensado na cabeça, dizendo que era bobe, né? Eles amarravam de um jeito que ficava aquilo ali.

[...] Tinha Trança-fita. O Trança-fita as meninas dançavam, cantando e trançando. Só não me lembro das músicas do Trança-fita. Eu só me lembro mais da Barrica. E tinha outra coisa também. Ah, as pessoas do Dannemann, as mulheres, as operárias, faziam os ternos também. Então, esse terno corria a rua toda. E naquela época o pessoal não sabia escrever Dannemann. As mulheres operárias, encaixadeiras, tudo que trabalhava na fábrica.

[...] E o pessoal não sabia escrever Dannemann, aí cantava: “Da-nn-e-ma-nn, todo mundo quer falar esse nome sem saber. Eu vou explicar pra você. Este nome tão ligeiro, é a fábrica que transporta a grande marca do charuto Cruzeiro. Da-nn-e-ma-nn, todo mundo quer falar esse nome sem saber”. E aí as pessoas iam cantando e levantava poeira. Gente assim, atrás. Depois disso, aí não teve mais. Aí ficou somente na festa de São Félix, ficou só a lavagem e o que mais? E a charanga que saía de manhã cedo e a tarde. Saía assim, de manhã e cinco horas da tarde, depois tinha lavagem. Depois acabou a festa.

[...] Tinha também o Afoxé, o Afoxé é um conjunto de pessoas vestido de índio, de caboclo, ia tocando o instrumento de percussão e triângulo. Ia cantando e dançando. Isso também é muito importante e muito bonito na época. Ia no carnaval e ia também na lavagem de da festa de São Félix.

[...] Eles saíam mais na festa de São Félix, entendeu? Agora no carnaval não saíam tudo não. A Marujada e os Cardeais saíam, que foram os blocos mais antigos. Agora os outros eram mais na festa de São Félix (Gilselia da Silva, informação verbal).

A partir das narrativas apresentadas, é possível afirmar que as relações sociais nas festas populares de São Félix são marcadas por traços afetivos identitários, os quais configuram uma forte sociabilidade de seus integrantes. Verifica-se que diferente do carnaval, em outras festas populares os sanfelixistas frequentemente encontravam alternativas para sair de indivíduo espectador e assumir o papel de interativo. Assim, reforçando os laços sociais e culturais, por meio das relações estabelecidas e,

consequentemente, o sentido de pertencimento cultural local. Mas cabe aqui pensar no porquê de essas manifestações populares não serem abordadas nos periódicos analisados.

Também vale destacar na frase “*a minha vó contava e a minha tia*” de Gilselia da Silva, o que Michael Pollak (1992) já pontuou, de que a memória também é formada pelos grupos sociais. Aí, observa memórias de terceiros imbricadas nas memórias da entrevistada, utilizada para fazer referência de uma fase não vivida, porém adquirida por meio da interação comunicacional.

Terezinha de Jesus também narra sobre os ternos populares da fábrica Dannemann e da Costa Penna, realizados entre os meses de setembro e outubro. Ela se recorda de uma figura simples que se aglomerava aos demais funcionários das fábricas para dar vida, cor e movimento aos referidos ternos.

[...] Eu tenho mais saudade de quando era menor, na época da festa do Dannemann, quando minha mãe trabalhava no Dannemann. Eu era menina mesmo. Mas tinha briga, tinha guerra. Mamãe chegava em casa louca naquele... naquele negócio falando. Papai também. Falando porque era o Dannemann, que o Dannemann ia ganhar. Tinha o Costa & Pena também. Tinha o Zelivaldo, Zeca, Zeca Gutemberg, o pai de Gutemberg, o locutor que sai anunciando as coisas. Zeca trabalhava no escritório do Dannemann, ele era uma pessoa até, assim, calma. Vendo assim, parece que nem gostava de festa. Teve um ano que ele se vestiu de cobra, uma cobra enorme, menina. Eu não sei como foi que ele se entrou naquela cobra. Ele era o princípio da cobra, que a cobra fumava, aí ele fumava, e a cobra fumava... que o coisa da cobra saía pelo rabo, a fumaça. Saía aquela fumaça pelo rabo, anunciando, quando passava no Dannemann. Anunciando que naquele ano eles iam perder, que a cobra ia fumar. Esse foi um ano e no outro ano ele saiu vestido de o crack Frank, com a palmatória da mão. Aí eu me lembro bem que ele fazia assim: “Não convém trabalhar, que esse ano vocês não vão ganhar. O nosso conjunto tem raça, as morenas têm valor. Vocês fiquem cientes que este...” – aí ele mostrava a palmatória–, “que esse ano você já apanhou...”

E quando era no outro dia era a festa do Costa. Hoje era festa do Dannemann, amanhã era festa do Costa. Quando era no outro dia, saía o resultado de quem ganhou. Era um dia de cada, era em outubro. Ou era setembro, outubro...

Menina, que as mulheres do Costa ficavam tudo escondida, tudo olhando o término do Dannemann. O povo do Dannemann saía pra porta pra ver os ternos do Costa, não ficava escondido. Festa aqui em São Félix, o povo já sabia, era Dannemann e Costa. Cada um se amostrava para ver quem ia ganhar. E quem ganhasse que era o dono da festa. Era uma festa de rua, então corria pelo São Félix inteiro. Eles esperavam dar a nota, deveria ter o povo lá que dava nota, que não era ninguém assim... Podia ser alguém da prefeitura. Não sei quem era. Eu não sei se era a voto, eu não sei o que era. Que nem na música de carnaval que o povo fica esperando dar as notas. E aí saía, esse povo

dançando, e essa coisa é o povo. Era bonito (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal).

Neste sentido, percebe-se que perpassa em todas as narrativas, lugares que evocam memórias, seja no sentido material, funcional ou simbólico, memórias estas que podem ser classificadas como memória cultural (ASSMANN, 2016). Destacam-se comportamentos ritualizados como as danças, o desfile dos ternos, o uso de máscaras e os bailes. Também é lembrado componentes festivos, a exemplo da charanga, do lança-perfume, do confete, da serpentina e dos cordões; e os espaços festivos: o porto – que é a avenida Salvador Pinto – e os clubes sociais. Tudo isso, portanto, caracteriza a memória individual e coletiva.

Ademais, as narrativas dos foliões possibilitaram a construção de quadros de referências do cotidiano local. A memória coletiva, daquele período festivo, correspondente entre as décadas de 1920 a 1970, mostra uma São Félix entrelaçada às múltiplas culturas e que acompanhava o movimento social e cultural da capital e das demais partes do país. Uma São Félix também presa ao racismo, que muitas vezes acontecia explicitamente, à discriminação econômica e à preconceitos. Porém de um povo que soube encontrar estratégias de afirmação identitária, utilizando-se de brincadeiras e de fantasias para recriar blocos nas ruas, também se associando ao esporte para adentrar em clubes sociais e ter prestígio na sociedade.

Além disso, as narrativas orais, sobre os carnavais, se apresentam entrelaçadas a outros importantes eventos locais, bem como festas populares, desfile fantasia das fábricas de charutos Dannemann e Costa & Penna (principais postos de trabalho local), navegação fluvial e futebol; e também ligadas a eventos de outras cidades (Cachoeira e Salvador). Portanto, as memórias se cruzam entre diferentes eventos e práticas cotidianas, onde os sujeitos buscam laços de afirmação e de reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa buscou-se compreender práticas sociais da cidade de São Félix, a partir de memórias referentes aos carnavais realizados na cidade, especialmente dos anos de 1920 a 1970. Assim, a utilização das narrativas (jornalísticas e orais) contribuiu para refletir sobre os acontecimentos vivenciados naquele período na cidade e como o carnaval se constituiu ao longo desse tempo e também foi se desfazendo até deixar de existir completamente.

Além disso, proporcionou uma compreensão mais ampla da vida social e, consequentemente, das relações de comunicação e de cultura que são articuladas pelos sujeitos narradores de suas histórias cotidianas e de suas experiências. Um pouco distante do que foi idealizado inicialmente e dentro das possibilidades oferecidas no contexto de distanciamento social e reordenação do convívio social, devido ao período pandêmico da Covid-19, é razoável que a pesquisa não tenha alcançado a dimensão almejada em seu projeto inicial, que foi de entrevistar mais foliões, inclusive uma rainha de baile.

Todavia, buscou-se ao máximo cumprir as metas estabelecidas para responder à pergunta de pesquisa formulada no projeto, que é: De que forma as memórias sobre o carnaval de São Félix-BA, construídas por periódicos e por foliões, evidenciam características da cultura local nas práticas sociais? Assim, trilhou todas possibilidades oferecidas neste contexto, conseguindo, dessa forma, responder a referida pergunta e atingir os objetivos propostos.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que o carnaval foi um instrumento de sociabilidade entre os brincantes da folia, o qual proporcionou um intercâmbio cultural entre cidades vizinhas por meio das músicas, das danças, dos adereços, da linguagem e dos pequenos grupos culturais. Assim, fortalecendo laços identitários.

Ademais, percebeu-se que a cidade se atualizava culturalmente do que ocorria em outras partes do país, principalmente na capital (Salvador), por meios de jornais, de estações de rádios e do contato oral – características essas de uma cidade modernizada. Também aparece como uma cidade presa a preconceitos, ao racismo e às normas sociais. Logo, as narrativas memoriais, que são marcas da memória coletiva, correspondentes entre as décadas de 1920 a 1970, mostraram uma São Félix entrelaçada às múltiplas culturas, e que acompanhava o movimento cultural e social da capital e do país.

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se como metodologia de pesquisa a análise cultural fundamentada nos princípios teóricos-metodológicos e políticos dos

Estudos Culturais, utilizando dados primários (narrativas orais) – que aderiu a entrevista narrativa para coletas de dados de três foliões. Dessa forma, foram criadas sete categorias, além do perfil dos entrevistados. Já os secundários (narrativas jornalísticas), os dados foram analisados em duas dimensões: bailes nos clubes – com seis categorias – e carnavais nas ruas – com quatro categorias. Ambas as dimensões englobam o eixo cultural, social e comunicacional.

Na discussão, primeiramente, apresentou-se características da cultura sanfelixta, bem como seu contexto social, histórico e econômico para, assim, compor um panorama cultural e social do município. Nesse sentido, notou-se que São Félix ganha destaque economicamente por volta de 1920, sobretudo por meio das fábricas de charutos Dannemann e Costa Penna, as quais, aliadas aos pequenos comércios de empresários locais, foram os principais postos de emprego da cidade. A partir desse período, também surgiram os primeiros bailes de carnavais, os quais trazem vestígios de terem sido idealizados por estrangeiros alemães que mantinham negócios na região. Consequentemente, foram surgindo outras festas populares, além das cívicas (manifestações ao 2 de Julho e aniversário de São Félix), e das religiosas (Deus Menino, São Félix de Cantalice e Nossa Senhora do Desterro). Também fizeram parte desse período, as atrações de filmes internacionais no cinema Cine Avenida e os campeonatos de futebol que incluiu os quatro clubes existentes na época (Floresta Futebol Clube, Dois de Julho Futebol Clube, Botafogo e Flamengo). Logo, conforme tais relatos, observa-se que no período em que se realizava o carnaval, São Félix era bastante movimentada culturalmente quanto comercialmente, o que atraía espectadores e curiosos de outras localidades.

Ademais, ressalta-se aqui que as festas cívicas e populares foram marcadas por rituais simbólicos que reuniram membros das mais diversas camadas sociais nas ruas para celebrar conquistas, fortalecer valores e sentimentos e compartilhar desejos, a partir de representações discursivas, simbólicas, alegóricas, gestuais e comunicacionais, tornando-se um forte momento para o exercício de sociabilidade cultural.

Em segundo momento, buscou-se abordar as memórias carnavalescas do Recôncavo da Bahia, para compreender a relação de São Félix com os carnavais da cidade de Cachoeira, de Muritiba, de Maragogipe e de Cruz das Almas. Ou seja, qual era a sua inserção nessa rede de sociabilidade cultural regional. Dessa maneira, verificou-se que os foliões compartilhavam sentimentos e expressões culturais de sua comunidade nos festejos carnavalescos de cidades vizinhas, em um movimento

recíproco, que aqui foi caracterizado de circuito cultural comunicacional do carnaval no Recôncavo da Bahia. Essa troca cultural envolvia brincadeiras, fantasias, músicas e grupos populares (cordões, mascarados, pranchas e ternos) e linguagem corporal. Assim, São Félix, localizada territorialmente no meio dessas cidades vizinhas, tornou-se um ponto estratégico para a promoção de um intercâmbio cultural, além de outros benefícios sociais e culturais, por meio das trocas realizadas entre os participantes, que permitiram fortalecer sentimentos de pertencimento com a região.

Seguindo a discussão, também foi apresentado o jornalismo como lugar de memória que serviu como suporte para o exercício de uma análise cultural dos relatos da festividade carnavalesca presente nos periódicos impressos. A partir das narrativas encontradas, principalmente, nos jornais *Correio de São Félix* e *A Vanguarda*, observou-se uma São Félix marcada por rituais festivos de povo alegre e criativo e atualizada culturalmente, também uma comunidade insatisfeita com descasos sociais e políticos. Evidenciou ainda marcas de preconceito econômico e social, e demarcações de hierarquias, já que um dos clubes sociais, Associação Atlética, era tendencioso a agradar a classe média/alta e explicitava desigualdades econômicas. Enquanto o Floresta Futebol Clube era o mais popular e frequentado por foliões de classe operária.

Por outro lado, os brincantes, barrados pela baixa condição financeira de adquirir os ingressos ou fantasias para acessar os clubes, participavam dos desfiles que percorriam as principais ruas da cidade. Mas, mesmo o carnaval na rua sendo popular, ainda havia uma marcação de hierarquia, por meio do desfile da rainha e das princesas, ressaltando signos de distinção entre as classes e reafirmação de status de um carnaval da elite. Além da experiência ambígua que os foliões tiveram, a qual estava imbricada entre liberdade e controle, devido algumas censuras expressas na sociedade, o carnaval das ruas serviu como espaço para críticas sociais e políticas.

Notou-se ainda nesse terceiro momento, que a cidade se manteve atualizada das novidades do mundo carnavalesco. Assim, diversos elementos, incrementados em carnavais das grandes cidades como Salvador, foram incluídos nos bailes e nos blocos de rua sanfelixtas, como músicas e temas de fantasias (bambolê e futebol). Logo, é possível afirmar que as narrativas jornalísticas revelam importantes aspectos sociais, culturais e históricos existentes em São Félix e um valioso suporte de memória que contribui para a compreensão da memória social e coletiva da cidade.

Por fim, fez-se uma análise do contexto cultural e social de São Félix, a partir das narrativas memoriais que os foliões têm sobre os carnavais sanfelixtas, as quais

permitiram compreender subjetividades e aspectos símbolos ritualizados. Assim, foi possível construir quadros de referências do cotidiano local com memórias que não são limitadas ao período festivo, correspondem também a diversos movimentos culturais, econômicos e sociais, inclusive, ligados a outras cidades. Dessa forma, esses dados mostram uma São Félix presa ao racismo, que muitas vezes acontecia explicitamente, à discriminação econômica e à preconceitos, assim como visto nos relatos jornalísticos. Porém evidencia também uma cidade de um povo que soube encontrar estratégias de afirmação identitária, utilizando-se de artes, de brincadeiras e de fantasias para recriar eventos e adentrar em espaços festivos populares.

Também se percebe que perpassa em todas as narrativas, lugares que evocam memórias, seja no sentido material, funcional ou simbólico. Dentre esses lugares, destacam-se elementos ritualizados como fantasias, ternos, concurso de rainha e cordões. Além da charanga, do lança-perfume, do confete, da serpentina e das máscaras; dos espaços festivos; e dos personagens da cultura local. Ou seja, as narrativas orais revelam que as memórias dos foliões se cruzam entre diferentes eventos e práticas cotidianas, onde os sujeitos sanfelixtas buscam laços de afirmação e de reconhecimento.

Portanto, a comunicação esteve constantemente imbricada nas práticas carnavalescas sanfelixtas, bem como nas demais manifestações culturais e relações cotidianas. Assim, a memória coletiva construída desse tempo se torna essencial para o processo de formação identitária do município, uma vez que contribui para o sujeito se sentir pertencente a este processo histórico e cultural. Ou seja, a memória, nesse caso, é um elemento que une os grupos em torno dos referenciais de identidades em comum.

Porém, vale pontuar que tais análises não esgotam os diversos significados e impactos culturais e sociais que os festejos carnavalescos deixaram em São Félix e na região. Logo, deixa-se abertura para novas pesquisas nesse campo comunicacional. Assim, apontam possibilidades para debater as memórias carnavalescas com a comunidade sanfelixta, o que pode gerar ações ou projetos culturais, portanto a expansão dessas memórias. Nesse caso, será importante analisar outras fontes que tragam dados populacionais e econômicos do período de carnaval e, principalmente, os valores gastos pela prefeitura com os carnavais sanfelixtas. Ademais, este estudo pode ser aprofundado academicamente, no sentido de compreender como era a relação cultural e social existente entre São Félix e Cachoeira no período dos carnavais e em outros momentos de festas populares.

REFERÊNCIAS

A HORA do rei momo. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XXV, nº 1272, p. 4, 20 fev., 1960.

A MICARETA brilhou e agitou a cidade nos 4 dias de folguedos e esplendor. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano 43, nº 2207, p. 1, 24 mai., 1973.

ALMEIDA. J. R. de. Fabricas de Charutos. **Correio de São Félix**. São Félix. Ano, nº, p. 3, 26 abr., 1952.

AMANHÃ a decisão do campeonato. **Correio de São Félix**, São Félix, ano VII, nº 806, p. 2, 09 dez., 1950.

AMANHÃ nesta cidade Feira de Santana e São Félix. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXV, nº 1158, p. 6, 10 de out., 1957.

ANIMAÇÃO do primeiro ao último dia. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano 50, nº 2389, p. 1, 21 mai., 1983.

ANIMADO carnaval nesta cidade. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XIV, nº 661, p. 4, 7 fev., 1948.

ANIMADO pregão das festas de São Félix Sábado próximo início das novenas. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVI, nº 752, p.1, 5 de nov., 1949.

ARANTES, N. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Portal**, nº 39, ano III. p. 06-20, fev. 2013. Disponível em: www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista. Acesso em: 18 mar. de 2021.

AS COMEMORAÇÕES Patrióticas ao 2 de Julho. **Correio de São Félix**. São Félix, ano X, nº 11, p. 3, 11 jul., 1943.

AS FESTIVIDADES ao Senhôr S. Felix. **Correio de São Félix**. Ano XVII, nº 806, p. 3, 9 dez., 1950.

AS FESTIVIDADES ao Senhor São Félix. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXII, nº 1060, p. 1, 21, nov., 1955.

ÀS VÉSPERAS da folia. **A vanguarda**. São Félix, ano II, nº 22, p.1, 11 fev., 1926.

AS VIBRANTES manifestações ao dia 20 de dezembro. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVIII, nº 858, p. 5, 20 dez., 1951.

ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. Tradução de Méri Frotscher. **Revista História Oral**, v. 19, n. 1, jan. – jun. de 2016, p. 115-128. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 12 dez. de 2020.

BAKHTIN, M. M. **A Cultura Popular na Idade Média**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec - Ed Universidade de Brasília, 1987.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagens som**: manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BERGER, C. Potencialidades das narrativas históricas e jornalística. In: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha; MIRANDA, Marcela (Orgs.). **Narrativas do jornalismo & narrativas da história**. Porto, Portugal: Mediaxxi Formalpress, 2014, p. 17-31.

BINGRE, E. B. Os carnavais de Cruz das Almas. **Blog Almanaque Cruzalense**. 2017. Disponível em: <https://almanaquecruzalense.com/2017/02/25/os-carnavais-de-cruz-das-almas/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

CAIU Flamengo pela contagem. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 806, p. 5, 9 dez., 1950.

CAPRINO, M. P.r; PERAZZO, P. Possibilidades inovadoras no processo jornalístico: do entrevistado/fonte ao narrador/colaborador. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 100-112, dez., 2009.

CARNAVAL “ta” chegando. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XIX, nº 917, p. 5, 7 fev., 1953.

CARNAVAL arrastou multidões para as ruas e clubes da cidade. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XL, nº 1825, p. 2, 19 de fev., 1972.

CARNAVAL de cruz das Almas. Cruz das Almas abafou o carnaval. Com apoio eficiente da prefeitura. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXVIII, nº 1719, p. 3, 7 fev., 1970.

CARNAVAL é onda quente que se aproxima. Floresta promete o sucesso costumeiro. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XLI, nº 2060, p. 1, 24 fev., 1973.

CARNAVAL em Cruz das Almas. **Correio de São Félix**, São Félix, ano 46, nº 2419, 16 fev., 1980.

CARNAVAL em São Félix. Alegria popular – os blocos – O concurso dos blocos – A avenida – A animação dos folguedos – Várias notas. **Jornal A Vanguarda**. São Félix, ano 2, nº 27, 1º de mar., 1925.

CARNAVAL foi legítimo sucesso. Nas ruas e nos clubes da cidade. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XLI, nº 2062, p. 2, 10 de mar., 1973.

CARNAVAL na Atlética. Três imponentes bailes sendo um infantil. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIII, nº 1492, p. 4, 05 fev., 1966.

CARNAVAL transformou a cidade: Em vibrante império da folia. **Correio de São Félix**, São Félix, ano 41, nº 2113, p.1, 2 mar., 1974.

CARNAVAL vem tinindo aí! Manifestações populares nas ruas e nos Clubes. **Jornal de São Félix**, São Félix, ano XXXIX, nº 1773, p.1, 20 fev., 1971.

CARNAVAL! Carnaval! Revolução da folia às portas. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXIV, nº 1617, p. 4, 24 fev., 1968.

CARNAVAL. **A Ordem**. Cachoeira, ano LXIII, nº 17, 4 mar., 1933.

CASTRO, J. R. B. de. A reinvenção do carnaval na extensão profana da festa de Nossa Senhora da Ajuda na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 153-167, mai. 2012a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10315>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CASTRO, J. R. B. de. **Da Casa à Praça Pública** – A Espetacularização das Festas Juninas no Espaço Urbano. Salvador: EDUFBA, 2012b.

CINEMAS. **Correio de São Félix**. São Félix, ano VII, nº 806, p. 2, 09 dez., 1950a.

CINEMAS. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 807, p. 4, 16 dez., 1950b.

COMEMORADO o dia da cidade. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVI, nº 759, p. 3, 29 dez., 1949.

CONCEIÇÃO, E. G.; CASTRO, J. R. B. de. O carnaval de Maragogipe-BA como patrimônio imaterial: uma leitura a partir da geografia cultural. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 15, n. 50, p. 114-126, jun., 2014.

COSTA, A. M. D. da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 381-402- 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/18.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEIRÓ, L. Domingo de Carnaval. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXII, nº 1493, p. 2, 5 fev., 1966.

DIAS, G. Linhas. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XLIII, nº 2193, p. 2, 15 de fev., 1975.

DIAS, G. Poema do carnaval nas cheias. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXII, nº 1493, p. 3, 5 fev. 1966.

É HORA de Carnaval. Nas ruas e nos Clubes. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XL, nº 1824, p. 3, 12 de fev., 1972.

FERROVIÁRIO surpreendeu o 2 de Julho. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXI, nº 1002, p. 4, 30 set., 1954.

FESTA de N^a Sa. do Desterro em Outeiro Redondo. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XIX, nº 924, p. 2, 28 mar., 1953.

FLORESTA com tres grandes bailes. **Correio de São Félix**. São Félix, ano 43, nº 2193, p. 2, 15 fev., 1974.

FLORESTA CONVIDA. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXV, nº 1271, p. 1, 13 fev., 1960.

FLORESTA futebol Clube. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXVI, nº 1668, p. 3, 15 fev., 1968.

FREITAS, S. M. de. **História Oral – Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, Imprensa Oficial do Estado, 2006.

GALERIA dos commerciantes sanfelixtas. **A Defesa**. Cachoeira, ano I, p. 02, 25 abr., 1930.

GRITO de carnaval na A.M.E.C. em Muritiba. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXV, nº 1279. jan., 1960.

GRITO de carnaval na praça da Bandeira: é a promoção DOMINGO à tarde. **Correio de São Félix**,. São Félix, ano XLII, nº 2113, p. 2, 2 mar. 1974.

GUIMARÃES, A. C. M.; BARJA, P. R. A reterritorialização da marchinha: o carnaval ‘caipira’ de São Luiz do Paraitinga. **Revista Extraprensa – Cultura e comunicação na América Latina**. Universidade de São Paulo, v. 9, nº 2, p. 128-141, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307093023_A_reterritorializacao_da_Mar_chinha_O_carnaval_caipira_de_Sao_Luis_do_Paraitinga. Acesso em: 18 nov. 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad.: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11^a. Edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4135505/mod_resource/content/1/A%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-Modernidade%20-%20Stuart%20Hall.pdf. Acesso em: 25 jul. 2019.

HANKE M. Narrativas orais: formas e funções. **CONTRACAMPO**, Dossiê Mídia e Democracia, n. 09, p.117-126, 2^o sem., 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17361/Narrativas%20orais%3A%20formas%20e%20fun%C3%A7%C3%B5es> Acesso em 11 out. 2022.

HOMENAGENS ao Deus Menino. **Correio de São Félix**. São Félix, Ano XVII, nº 806, p. 3, 9 dez., 1950.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/panorama> Acesso em: 27 mai. 2024.

ICKES, S. Era das batucadas: o carnaval baiano das décadas 1930 e 1940. **Afro-Ásia**, Salvador, nº. 47, p. 199-238, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/afro/n47/a06n47.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

INFLUENTE vibrante o Carnaval sanfelixta. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XIV, nº 661, p. 4, 7 fev., 1948.

LEMOS, A. de. Na associação Atlética. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 815, p.1, 10 de fev., 1951.

LEMOS, D. **Blog Dilermando Lemos**. Disponível em: <http://dilalemos.blogspot.com/> Acesso em: 13 abr. 2012.

MADUELL, I. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia**. V. 4, nº 1, p. 31-39, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4007/2352>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MEDEIROS, M. Portal Geledes. **O negro no futebol brasileiro**: inserção e racismo. Por Marcelo Medeiros Carvalho, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MIGUEZ, P. C. **Carnaval baiano**: as tramas da alegria e a teia de negócios. 2006. 235f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Núcleo de Pós-Graduação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://academiadosamba.com.br/monografias/paulomiguez.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

MÔMO vem aí! **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXV, nº 1226, p. 1, 31 jan., 1959.

MORAES, A. L. C. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. Questões Transversais – **Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 4, no. 7, p. 28-36, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490> Acesso em: 15 mai. 2022.

MOTA L.G. S. **Manufaturas de fumo do Recôncavo Baiano**: vestígios de patrimônio industrial. 2014. 243f. Tese (Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/tese_luciana_guerra_rev_final_versao_visualizacao.pdf Acesso em: 20 abr. 2022.

MOURA M. Arquivo Público guarda memória do início do Carnaval no Brasil. **Revista Museu**: Cultura levada a sério. Arquivo Público guarda memória do início do Carnaval no Brasil. 2017, Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/2242-21-02-2017-ba-arquivo-publico-guarda-memoria-do-inicio-do-carnaval-no-brasil.html> Acesso em: 02 jul. 2022.

MUYLAERT, C. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm USP**, V., 48, nº, 2, p. 193-199, dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt> Acesso em: 17 ago., 2022.

NA ONDA do frevo. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIV, nº 1174, p. 2, 15 fev., 1958.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 7 nov. 2021.

O CARNAVAL da “Desportiva Paraguassú”. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XIV, nº 662, p. 3, 14 fev., 1948.

O CARNAVAL deste ano. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 868, p. 2, 1º mar., 1952.

O CARNAVAL que passou. Muita vibração nos clubes - rainhas da Associação, do Floresta - faltou animação nas ruas. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXIV, nº 1668, p. 2, 2 mar., 1968.

O CARNAVAL que passou. Nenhuma manifestação nas ruas. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XX, nº 972, p. 2, 6 fev., 1954.

O GRITO de Carnaval. Hoje a noite na Associação Atlética. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIV, nº 1 173, p. 2, 25 jan., 1958.

O NOSSO aniversário. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXV, nº 1187, p. 2, 3 mai. 1958.

OLIVEIRA, N. F. de. **A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no estado novo** (1937-1945). f. 172. Dissertação. Mestrado em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14366>. Acesso em: 21 abr., 2022.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 1994.

PERAZZO, P. F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS. v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr., 2015. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754 Acesso em 11 out. 2022.

PERNY, M. M. **As máscaras de carnaval no cenário carioca**: uma contribuição à Memória Social. 2015. 92f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss362.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2008. Disponível em: http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes_historicas_carla_bassanezi_pinsky.pdf Acesso em: 30 set 2019.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, nº 10, p. 01-16, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PREPARATIVOS para animada micareta com 4 dias de folguedos. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano 43, nº 2349, p. 1, 4 fev. 1978.

PROCISSÃO de No. Sa. dos navegantes. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XIX, nº 927, p. 2, 18 abr., 1953.

QUAZI na hora do Carnaval. Concorrentes ao título de rainha: os clubes de prontidão - o que o povo canta. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIV, nº 1174, 1º fev., 1958.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Carnaval Brasileiro**. O Vivido e o Mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RAINHA e princezas do Carnaval deste ano. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XVII, nº 814, p. 2, 3 fev., 1951.

REABERTURA das Fabricas Daneman. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 807, p. 9, 16 dez., 1950.

REALIZADA de forma deslumbrante a festividade do Padroeiro da cidade. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XVII, nº 807, p. 4, 16 dez., 1950

RÊGO, A. R. Jornalismo: temporalidades, ética e memória. In: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha e MIRANDA, Marcela (Orgs.). **Narrativas do jornalismo & narrativas da história**. Porto, Portugal: Mediasxi Formalpress, 2014, p. 33-55.

REI momo tem encontro marcado no Floresta. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXII, nº 1491, p. 2, 29 jan., 1966.

REI mômo vai tomar conta da cidade. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXI, nº 1022, p. 4, 19 fev., 1955.

RIBEIRO. A. P. G. A década das grandes mudanças [online]. **Observatório da imprensa**, 2007. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/a-decada-das-grandes-mudancas/> Acesso em: 21, jul., 2022.

S. M. REI Momo esperando no Floresta. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXII, nº 1492, p. 3, 5 fev., 1966.

SANTOS, N. A. dos; BARBOSA, Magnair. O Carnaval de Maragogipe. In: **Carnaval de Maragogipe**. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, Caderno do IPAC, 3, 2010, p. 33-44.

SÃO FÉLIX Folia geral. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano 50, nº 2388, p. 1, 24 mai. 1983.

SEBE, J. C. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

SELEÇÃO Feirense, Seleção Sanfelixta. **Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIV, nº 1160, p., 2, 26 out., 1957.

SILVA, S. L. P. da. Desafios metodológicos em memória e fotografia. In: DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. (Org.). **Por que memória social? Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, edição especial, v. 9, n. 15, p. 309-322, 2016.

SILVA. A. L. dos S. Um breve histórico do samba e do samba de enredo enquanto patrimônios culturais instrumentos de brasilidade. **Revista África**. Ano 7, nº 19, p. 1-33, abr., 2015). Disponível em: <https://africaeaficanidades.net/documentos/07042015.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SOMENTE a chuva estragou o brilhantismo do carnaval. Os clubes, a prefeitura admirável homenagens ao rei Momo. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXIII, nº 1127, p. 2, 09 mar., 1957.

SUCESSO total na micareta. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano 46, nº 2379, p. 2, 12 mai., 1979.

TALLES E. L. História oral: Entre teoria e prática. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**. Vol. 1, ano 1, p. 160-164, out., 2007.

TUDO é carnaval. O povo também festejará Momo. **Jornal Correio de São Félix**. São Félix, ano XXXIV, nº 1616, p. 3, 17 fev., 1968.

UMA noite de encanto e distinção. O que foi a festa no palacete da Escola Remington. **A Vanguarda**. São Félix, ano 2, nº 28, p. 1, 7 mar., 1925.

WILLIAMS, R. **Teoria cultural**. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista narrativa

Título da pesquisa: Entre memórias e vivências: narrativas do carnaval de São Félix-BA (1926-1975)

Pesquisadora: Valdelice da Conceição Santos

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Abreu Matos

• **Apresentação da pesquisa e da pesquisadora**

Olá, eu sou Valdelice da Conceição Santos, conhecida por muitos como Val. Sou de Maragogipe, mas moro em São Félix há 16 anos. Em 2011, fiz uma pesquisa no Arquivo Público de São Félix para disciplinas do curso de Jornalismo e acabei descobrindo sobre os carnavais realizados na cidade. Desde então, tenho concentrado minhas pesquisas acadêmicas para esse tema.

Hoje eu estou no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com a pesquisa que tem como tema “Entre memórias e vivências: narrativas do carnaval de São Félix-BA (1926-1975)”, que é orientada pela profa. Dra. Daniela Abreu Matos.

Eu fico muito feliz por você ter aceitado o meu convite para colaborar com a pesquisa. Tenha a certeza de que sua fala é de grande valor para mim e também é um privilégio poder ter "acesso" às suas memórias carnavalescas.

Desde já agradeço a sua colaboração e aproveito para informar que poderá ter acesso, oportunamente, aos resultados deste estudo.

1. Para começar nossa conversa, eu gostaria de conhecer um pouco da sua história, quem é você, quando nasceu, sempre viveu em São Felix? Conta um pouco de você.
2. Fala-me sobre os carnavais sanfelixtas, como foi a sua participação, o que se recorda desses momentos.
3. Se recorda de alguma história especial do carnaval que faz parte da sua memória e que gostaria de contar?
4. Conta-me o que você se lembra dos bailes nos clubes sociais da cidade.
5. E os carnavais de rua, você consegue descrever como eram?
6. E a cidade de São Félix como ficava na época de Carnaval, tem recordações disso?

7. E dos carnavais sanfelixtas, conta um pouco do que ficou marcado na sua memória.
8. Sobre o fim do carnaval, fala como foi isso para você?
9. Para finalizar nossa entrevista, você se lembra de mais alguma coisa que deseja contar?